REVISTA DA SEMANA

Nº 38 19-9-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil

O DESFILE DE 7 DE SETEMBRO

•

TENÓRIO PRETENDE MORRER NA CAMA

•

**ONDE CACHORRO É CÃO...**

# 1º CENTENÁRIO DO PARANÁ

1853
1953



VISITEM
A
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ
E FEIRA DE

DEZEMBRO DE 1953 A MARÇO DE 1954

# A PARADA DA INDEPENDÊNCIA



O carro de Comando do Corpo de Bombeiros desfila por entre os aplausos da multidão. A cidade homenageou os soldados do fogo.

TRINTA MIL HOMENS EM DESFILE ★ A PRESENÇA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA ★ OS AVIÕES A JACTO, O GRANDE ACONTECIMENTO ★ EXÉRCITO, MARINHA E AERONÁUTICA, NO MAIOR DESFILE MILITAR DA AMÉRICA DO SUL ★ O POVO TAMBÉM REVERENCIOU A DATA DE 7 DE SETEMBRO.

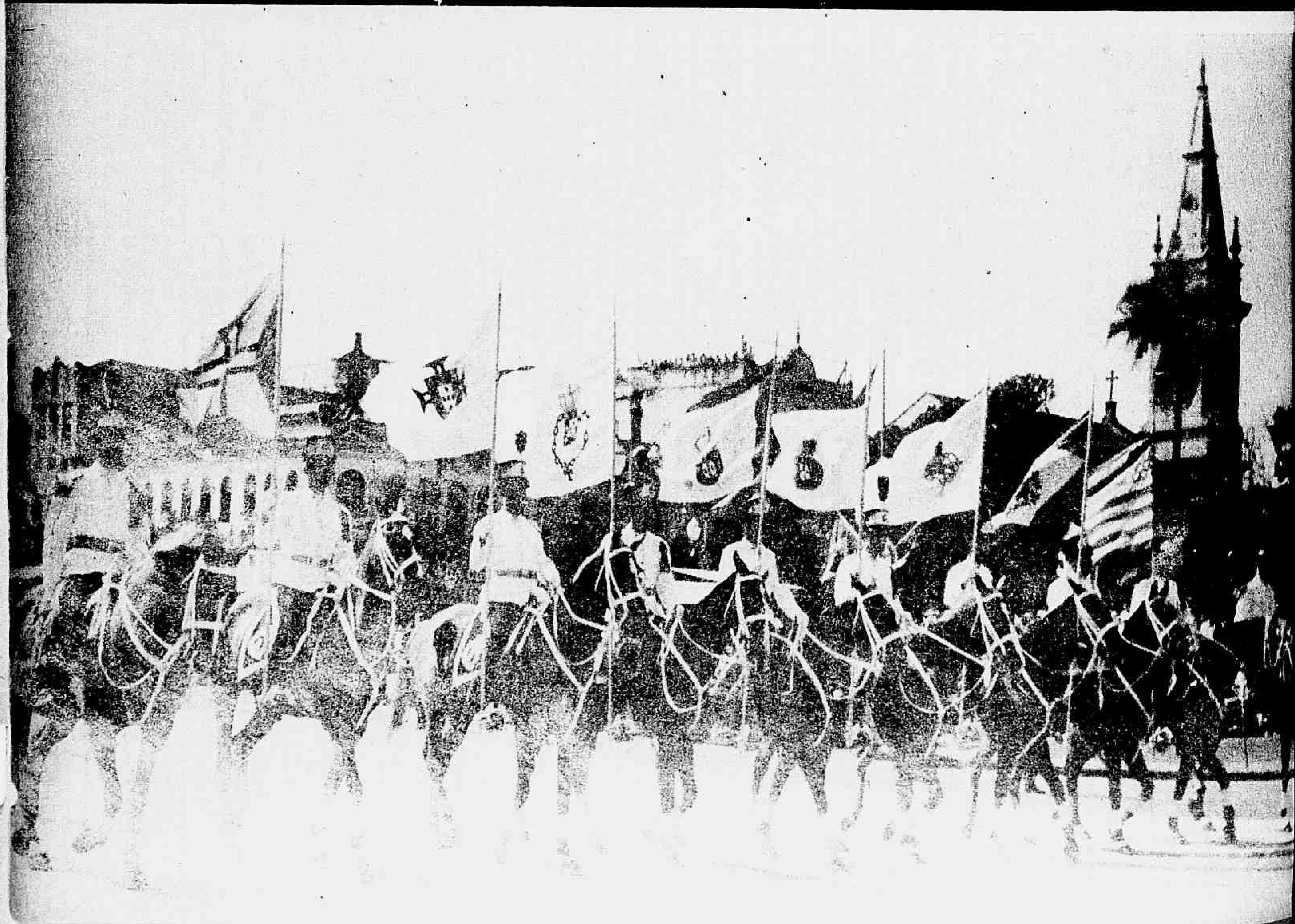
**Fotos de ARNALDO VIEIRA e ALEXANDRE MIRANDA**



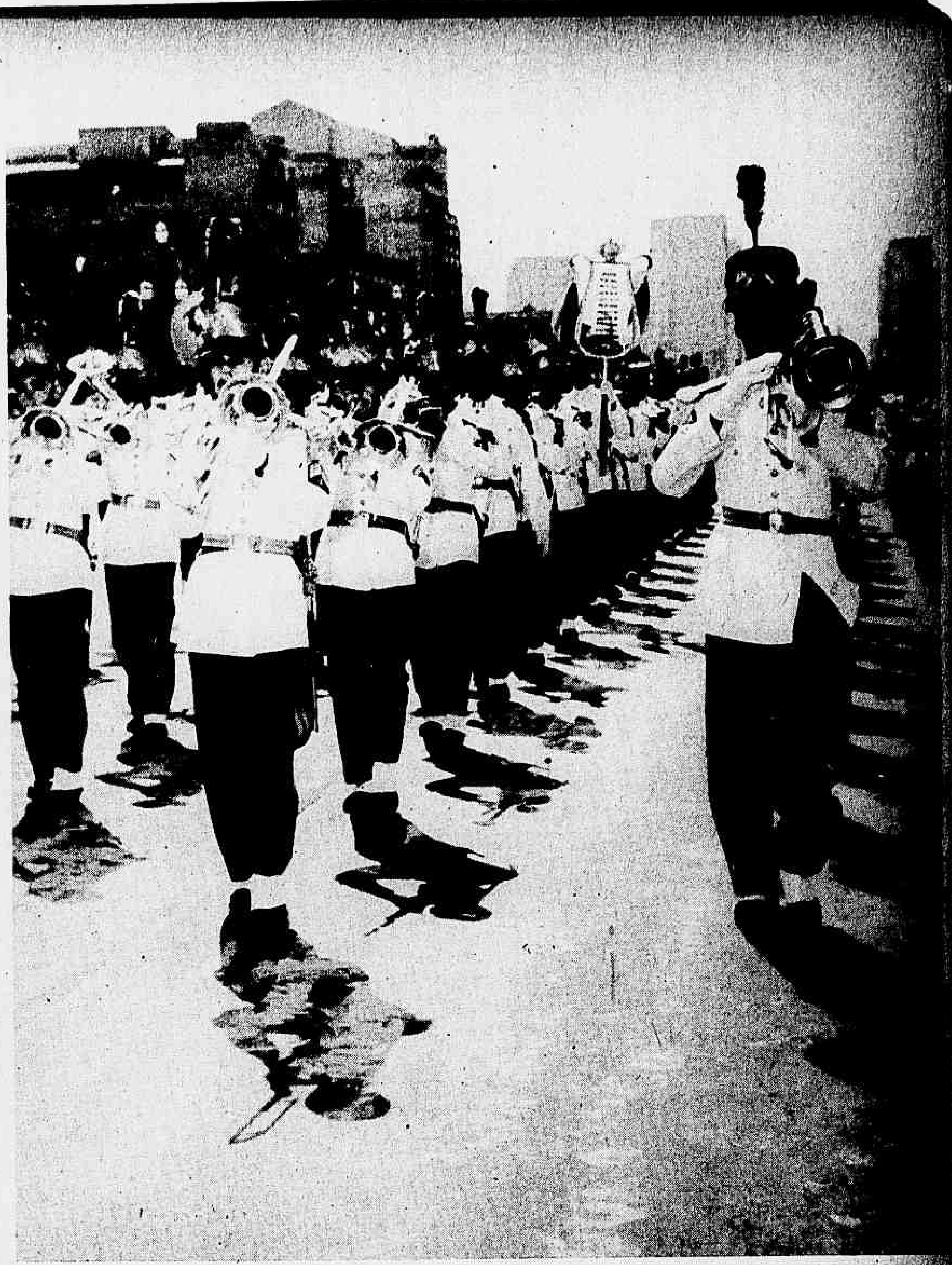


A disciplinada infantaria do Ar marcha de metralhadora em riste. Os alunos da Escola Naval, de passo lesto, como sempre, desfilam garbosamente. Em baixo, soldados dos Dragões da Independência desfilam ostentando bandeiras do Brasil-Colônia, Império e República.

A Po
musi



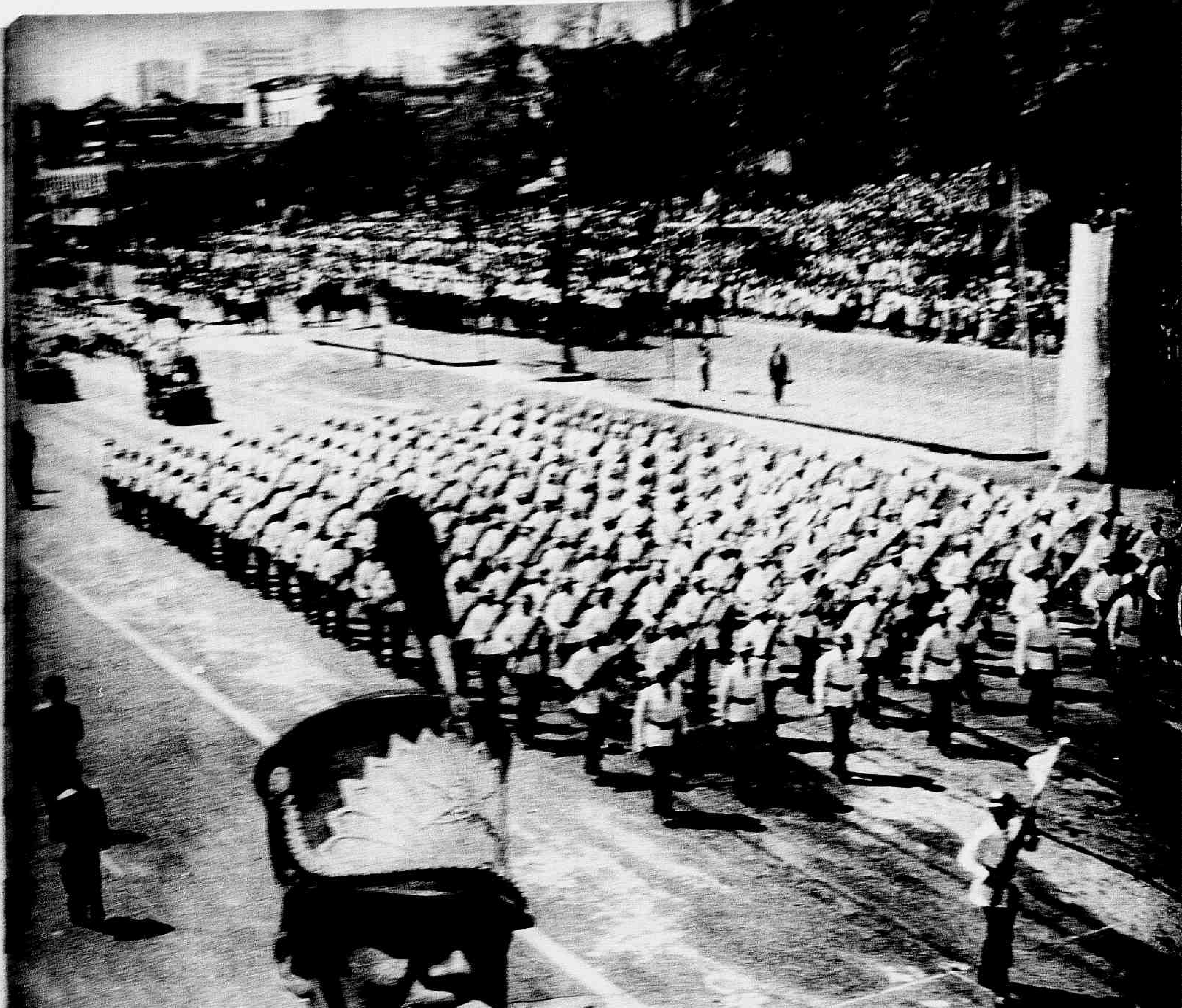




gar-
blica.

A Polícia Militar do Distrito Federal, em seu vistoso e novo uniforme, desfila. A Escola Militar de Agulhas Negras, apresenta a sua corporação musical. Também o Regimento de Fuzileiros Navais fêz desfilar sua famosa banda de música. A infantaria da Marinha foi muito aplaudidida.





Na rua, uma companhia da Polícia Militar do D. F. quando passava pelo palanque de hon



A data magna da nacionalidade, que marca a nossa emancipação política foi, como das vêzes anteriores, comemorada com enorme júbilo em todo o pa

Não apenas o Exército, Marinha e Aeronáutica reverenciaram o dia 7 de setembro, mas também o po com o patriotismo peculiar ao nosso, prestou sua co homenagem ao acontecimento.

Na Capital da República o Dia da Independênc teve na parada militar que se fêz realizar o seu pon alto. O Presidente da República, os ministros d Estado bem como os chefes militares das unidad aqui sediadas compareceram ao palanque de hon armado ao pé do monumento do Duque de Caxi o patrono do Exército. Cêrca de cento e cinqüen

# A PARADA DA INDEPENDÊNCIA



**Chega ao palanque o Presidente Getúlio Vargas, que se fazia acompanhar do general Ciro Cardoso, Ministro da Guerra.**

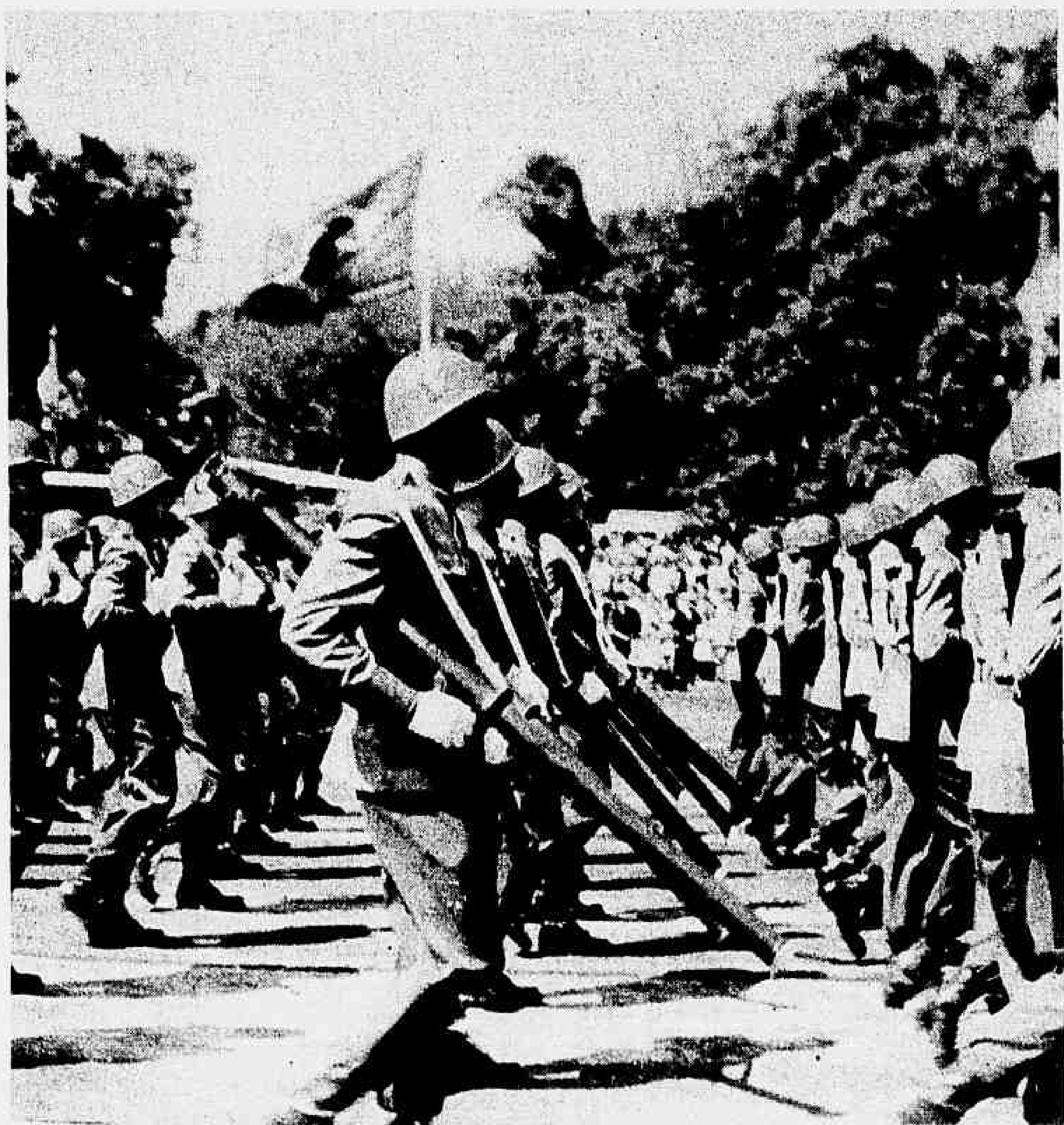
mil pessoas se postaram por todo o trajeto a ser percorrido pela tropa.

O desfile foi aberto pelo general Aristóteles de Souza Dantas, comandante da 1ª Região Militar que, juntamente com o seu Estado Maior, prestou ao Presidente Vargas as contingências de estilo. Entre as muitas unidades das fôrças aquarteladas na Capital que desfilaram, estavam o Regimento Sampaio, vencedor de Monte Castelo, na campanha italiana, Regimento Andrade Neves, Regimento Floriano, Batalhão de Guardas, em seu uniforme de gala, Regimento Vilagran Cabrita, Escola de Aeronáutica dos Afonsos, Regimento de Fuzileiros Navais, Escola Naval, 1º Regimento de Marinheiros, Escola Militar de Agulhas Negras, do Estado do Rio, além dos alunos de estabelecimentos militares.

O grande acontecimento e que por isto mesmo constituiu a grande atração do desfile foi o aparecimento dos «Meteors» da F.A.B. Os aviões a jacto sobrevoaram a cidade em esquadrilhas sucessivas, em vôo rasante, fazendo trepidar com o ruído de seus motores-turbinas as vidraças dos arranha-céus.

O bom tempo muito contribuiu para o maior brilhantismo da parada militar, uma vez que o dia amanheceu claro e o sol emprestou, também, a sua solidariedade ao grande acontecimento. Os valentes paraquedistas do Exército, armados de metralhadoras leves e bazucas, mereceram as preferências do aplauso popular. Essa era a segunda vez em que a tropa desfilava e, como da primeira, obedeceu ao comando do general Nestor Penha Brasil. A presença dos Helicópteros foi outra atração do desfile. Em número de três, efetuaram acrobacias arrojadas por sôbre o palanque presidencial.

Tanto as viaturas como o ornamento das três armas, Exército, Marinha e Aeronáutica, se apresentaram em excepcional estado de conservação. O que a nação presenciou no dia 7 de setembro, não foi apenas uma demonstração de júbilo e carinho para com a efeméride, mas também o estado de exemplar adextramento e eficiência de suas fôrças de Terra, Mar e Ar.



**A infantaria da Aeronáutica desfila empunhando bazucas, a tremenda e temível arma de guerra. Ao fundo, tremula o pavilhão nacional.**



**Bem em frente ao palanque presidencial, o helicóptero do Serviço de Salvamento da Fôrça Aérea Brasileira faz curiosas evoluções.**

# Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

**Trate-se**

**Use** *Regulador* **Gesteira**

*Regulador* **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

**Comece hoje mesmo**

**a usar** *Regulador* **Gesteira**



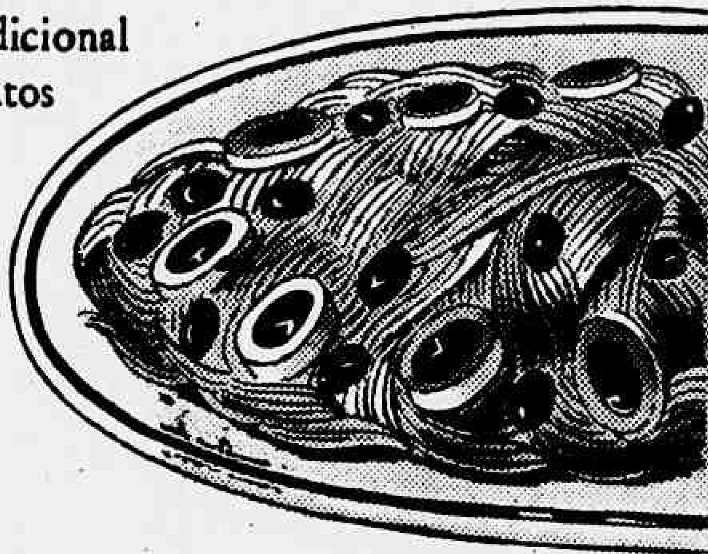
-Macarrão qualquer um faz...

...mas



você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.

Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos






**AYMORÉ**

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE


# a REVISTA há 50 anos

**Rio, 20 de Setembro de 1903**

## A BORDO DO «ATLANTIQUE»

**CONFORME haviamos promettido, no nosso numero de sabbado passado, damos hoje á publicidade os dous ultimos «clichés» relativos ás festas que a bordo daquelle transatlantico foram feitas, durante a sua travessia da Europa para a America, ao nosso patricio Santos Dumont pela officialidade e passageiros. As duas gravuras, que hoje reproduzimos, representam: uma o frontespicio do pequeno jornal que foi feito a bordo por occasião d'aquellas festas, e o outro um pilherico annuncio de uma das partes do programma.**

**● Como vêm os leitores da REVISTA DA SEMANA, o illustre descobridor da dirigibilidade dos balões tem sido constantemente e em todas as partes alvo das maiores provas de sympathia e admiração geraes. Ao sr. Official Raoul Duru agradecemos a gentileza de nos ter fornecido estes originaes, para que os dessemos á publicidade. Isto prova tambem que os francezes nos têm em muito boa conta pois, si todos pensassem como o celebre sr. Antoine, nós os selvagens, não seriamos capazes de poder reproduzir por esta arte, tão moderna da photogravura, todas estas interessantes actualidades. Felizmente, o julgamento da ridicula opinião deste ultimo senhor está feito pelos seus proprios conterraneos. Valha-nos isto!**

## PHOTOGRAPHIA PRATICA

DADA a vulgarisação sempre crescente da arte photographica entre amadores, que della fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel, nesta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilisaveis.

● COMO SE DEVE REVELAR? — Se fizermos esta pergunta a 50% dos amadores, elles nos responderão: «Deita-se, na camara escura, o revelador sobre a chapa, examina-se por transparencia o seguimento da operação e quando os negros estiverem sufficientemente opacos, suspende-se a revelação e obtem-se . . .» E, portanto, não deve ser este o systema a seguir, pois que com elle só se obterão céos opacos, sombras escuras, **clichés** duros e mais nada. Ainda com alguma boa vontade e amor proprio póde chegar-se a obter um resultado satisfactorio mas não é isto sufficiente nem seguro.

*LOTERIA ESPERANÇA*

*Em 12 de outubro*

● *Grande Loteria commemorativa ao Descobrimenda America.*

50:000$000

*Bilhete inteiro* 3$, *meio* 1$500, *quarto* 750 *réis, vigesimo* 150 *réis.*

*Nestes preços já está incluido o sello do imposto de consumo. Para informações, prospectos e listas geraes, com a Companhia Nacional de Loterias dos Estados. Caixa do Correio* ... 1.052.

Pode-se revelar com todo e qualquer banho, comtanto que se obtenha: 1º, detalhes, 2º, que o cliché dê o que se deseja obter.

Regra geral: A menos que se faça photographia documental ou instantanea, o papel deve reproduzir a idéa que se formou ao photographar um assumpto e isto em primeiro lugar.

Supponhamos que se faz uma paisagem só para um determinado effeito, isto é, o pôr do sol, uma tempestade, etc., n'est ecaso a maneira de revelar, seguindo o systema de exame por transparencia, tem a sua razão de ser, mas ella deve ser acompanhada pela attenção que se deve prestar aos detalhes, pois que o primeiro empastará as nuvens, a relva, etc. Havendo algumas nuvens corre-se o risco de nem d'ellas ficar vestigios. Por outro lado, se revelar exclusivamente pelos detalhes, cahe-se no abuso contrario, que será tão desagradaveis como o primeiro.

## O RISO

**● Um sabio allemão pretende reconhecer o caracter das pessoas pela entoação do seu riso. Segundo elle diz, as pessoas que, quando riem, deixam ouvir de preferencia a vogal «a» são de caracter franco e leal, mas voluvel. Aquellas em cujo riso predomina o «e» são fleugmaticas e melancolicas. As que riem com «i» são ingenuas, serviçaes, timidas e indecisas. E é esse, em geral, o riso das crianças. O riso em que predomina o «o» denota sentimentos nobres, magnitude e inteireza de caracter. O sabio allemão declara-se contra os que riem em «u», porque assim se riem os falsos, os traidores e misantropos.**

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 38 ★ 19-9-1953

SUMÁRIO

O desfile de Sete de Setembro .... 3/ 7
Onde cachorro é cão ............ 11/15
As confissões de Béria ........... 27/31
Um novo pequeno grande astro .. 36/37
Cinco perguntas sôbre quatro vidas 44/47
Recepção e baile nas Laranjeiras 51/53
Tenório pretende morrer na cama 54/57

Diacuí, a Iracema Kalapalo ...... 9
Shonosuke (conto) ............... 19
A Bem-Amada .................... 22/23
A semana literária ............... 32
Francesca da Rimini ............. 34/35

A Revista há 50 anos ............ 8
A semana em revista ............ 10
De Rádio ........................ 16
De Cinema ...................... 17
Janela sôbre o mundo ........... 20/21
De Teatro ....................... 24
Arabelle ........................ 49
Último flash .................... 58

A luz da psicanálise ............. 18
Festas de fim de ano ............ 38/39
Sugestões para o lar ............ 40
Um pouco de beleza .............. 41
Week-end na cozinha ............. 42

**Capa: ANN MILLER** (MGM)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses ..................... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses ..................... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses ..................... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569

# DIACUÍ, A IRACEMA KALAPALO



RENATO DE ALENCAR

AIRES da Cunha amou a selvagem, venceu obstáculos, casou-se com ela trazendo-a ao Rio, em missão triunfal. Em volta dessa índia kalapalo, dos confins do Brasil ocidental girou tôda a atenção nacional durante mais de mês. Diacuí parecia uma princesa, para quem os presentes afluíam; a imprensa decantava-lhe a beleza, seu casamento foi o mais sensacional, na mais famosa catedral dêste país. Voltou depois ao seio da floresta, onde a tribo a esperava entre festas. Mostrou a todos os troféus que conquistara, as lembranças do Rio, presentes às centenas. Seu vestido de noiva, original, todo enfeitado de penas de côr de neve. Relógios, braceletes e anéis, sapatos, meias, todo um mundo de beleza, que a mulher moderna sabe usar na garridice, de quem nasceu para dominar os corações. A tribo a ouvia tão cheia de encantos, tão meiga e singela na sua inocência, que nem reparou no rosto da índia prenúncios de luto rondando de perto.

**● Os dias se passaram lentamente. Nas águas barrentas do rio, a índia se banhava venturosa; mas no rosto da aborígene descuidosa, um traço de tristeza se estampava, como Iracema na ausência de Martim. Quando souberam que a índia ia ser mãe, tôda a maloca estremeceu de alegria. O velho pagé, tuchaua da tribo bendisse o acaso que trouxe ao seu povo, aquêle rapaz dos lados do mar, ficando cativo da graça selvagem, entregando sua alma a Diacuí. Chegara, porém, o dia fatal. A índia sofria as dores maternas, prostrada num catre sem qualquer confôrto, enquanto o marido voava ansioso, em busca de meios, de ajuda e socorro. E quando voltou ao seio da taba, e soube que a índia já não mais vivia, o espôso enlutado chorou aos soluços, ferido no peito com a flecha da morte, que a sorte cruel vibrara sem dó. Na cova da morta plantou uma cruz, o símbolo santo da Fé em Jesus, pedindo a seu Deus que salvasse a criança, o único consôlo que ainda restava, ao viúvo das selvas de Diacuí. Era a história que se repetia de Iracema e Moacir, o "Filho da Dor", que Alencar narrara, nas margens da lagoa Porangaba, agora revivido nesse drama do rio Kuluene.**

● Mais uma vez os prelos se agitaram e o cinema reviveu tôda a história, da Cinderela deslumbrada pela sorte, tão cheia de contrastes e contradições amargas. E hoje, aquêle sonho, dos sucessos no Rio fascinante de um amor quase irreal, indescritível, resta apenas o travo da saudade, morando eterna num coração de pai. A nova "Flor dos Campos", a menina, que Diacuí nem sequer pôde beijar, vai crescer nos pampas lá do sul, às margens viridentes do Uruguai. E quando ela crescer e se tornar mulher, ouvirá dos maiores tôda a história que as crônicas registraram pressurosas. Sua mãe, a selvagem kalapalo, que vivia humildemente lá na selva, conheceu as maiores sensações, qual Alice no País das Maravilhas. Tendo nas veias o sangue de um branco, a nova Diacuí irá contar a seus filhos de bombachas, gaùchinhos, o destino cruel de sua mãe, que morreu sem ter tido essa ventura, de sentir em sua alma enternecida a ternura maternal de ser avó.

# A PERSONAGEM DA SEMANA



TODO o mês de setembro recorda a figura de nosso primeiro imperador, D. Pedro I, proclamador da Independência. A 7 de setembro, nos dá a emancipação política, separando-nos de Portugal; a 26 de setembro, morre no palácio de Queluz, em 1834. Todos os biógrafos que já se ocuparam dêsse homem, desde sua juventude, até à sua morte, dedicam muito mais análises às qualidades de homem sujeito às tentações da carne, do que às de político e revolucionário, seguindo sua trajetória dentro das contingências sociais que o transformaram numa das maiores figuras da latinidade no primeiro quartel do século XIX. E' evidente que, com Pedro I ou sem êle, dar-se-ia, fatalmente, a independência do Brasil; mas, é também indiscutível que devemos ao Bragança, a precipitação dos acontecimentos, e sua firme posição ao lado dos brasileiros na luta pela nossa soberania, evitou qualquer reação vinda da metrópole, decidindo-se aqui mesmo o destino do Brasil. Homem de sangue quente, espírito ardoroso e audaz, Pedro I, depois de afastar-se do Brasil, deixando a coroa para seu filho, D. Pedro II, lança-se nas lutas contra o absolutismo, e, num rasgo cavalheiresco, abdica a coroa de Portugal em favor de sua filha, uma brasileira, a primeira rainha constitucional de Portugal. Seu irmão, D. Miguel, chefia uma rebelião contra D. Pedro e D. Maria II. E' derrotado pelas armas e exilado, sob a proteção do irmão traído. Invertem-se os papéis: o Brasil, que não quer soberano português, dá uma brasileira para dirigir Portugal.



## À ÚLTIMA HORA...

Têrça-feira, 8 de setembro de 1953, os srs. Hariberto Miranda Jordão, advogado; Simões Filho e Danton Coelho, ex-Ministros da Educação e do Trabalho, respectivamente, e Samuel Wainer, chegando à Agência Central do Banco do Brasil, para resgatar compromissos do jornal «Última Hora», desta cidade, a fim de não desaparecer o vespertino, cuja existência tem sido, nos últimos meses, motivo da mais apaixonante e continuada disputa. (Foto «Tribuna da Imprensa»).

# A SEMANA EM REVISTA



## GREVE NA "LIGHT"

De oito para nove de setembro, estêve a Capital da República sob uma das maiores ameaças dos últimos tempos: os bondes parariam a zero hora do dia nove! Nem o bondinho do Pão de Açúcar se movimentaria. Parar a circulação dos bondes no Distrito Federal é o mesmo que parar a circulação de sangue num corpo vivo. As autoridades tomaram medidas imediatas: veículos das fôrças armadas fariam o transporte do povo; mas, seria uma solução? Felizmente, pela madrugada do dia fatal, foi conjurada a crise. E aqui damos um flagrante do Ministro do Trabalho, sr. João Goulart, quando falava aos trabalhadores da «Light» no Sindicato da Classe.



# ONDE CACHORRO É CÃO

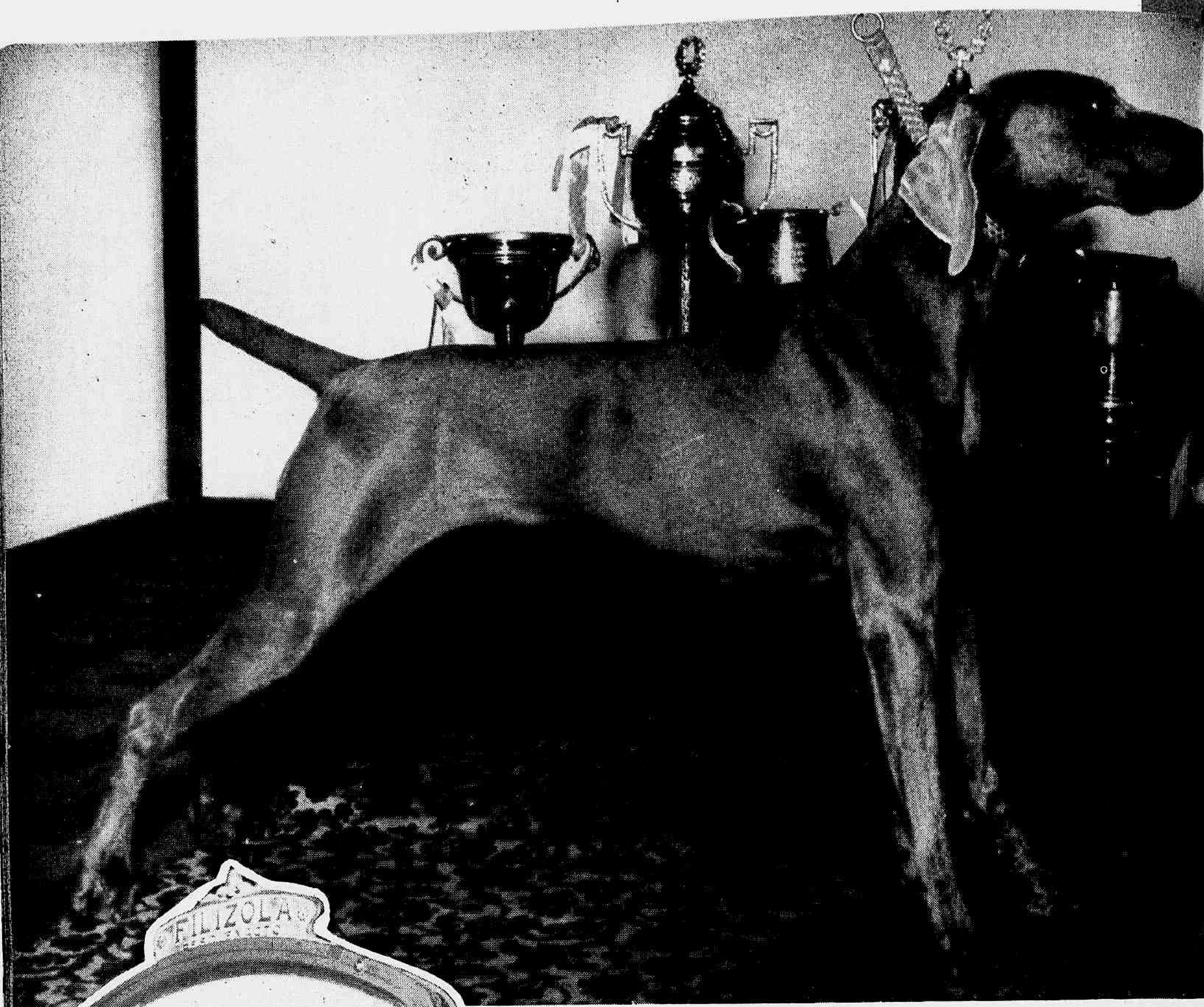
Yussi e seus quatro filhotes de um mês, que concorreram ao grande certame das ninhadas. Monique tem por êles um justo afeto maternal.

60 IMPORTADOS, EM COMPETIÇÃO COM 154 NACIONAIS ★ 28 TAÇAS PARA OS DIVERSOS VENCEDORES ★ OS MAIS BELOS EXEMPLARES CRIADOS NO BRASIL ★ UM "COLLIE", O GRANDE CAMPEÃO.

**Reportagem de SAMUEL AVERBACH** **Fotos de ALBERTO FERREIRA LIMA**

O Brasil Kennel Club fêz realizar mais uma de suas tradicionais exposições caninas, a trigésima sétima, nas dependências do Tijuca Tênis Clube. Cêrca de 250 cães de diversas raças desfilaram diante dos quatro juízes, um do Kennel Club Argentino, um do Santos Kennel Club e dois do Brasil Kennel Club.

Encerrou-se o certame com o sorteio entre os presentes de um cão da raça Weimaraner, tipo canino ainda pouco conhecido no Brasil e cuja criação, até a última Grande Guerra, era adstrita aos fidalgos alemães. Com o fim do conflito, o govêrno daquele país permitiu a exportação dêsses exemplares que, no Brasil,






**Êste foi o cão da raça Weimaraner so entrê as inúmeras pessoas presentes à sição Canina. Seu valor: vinte mil cru**

já são em número relativamente elevad recinto da Exposição vimos cêrca de dez cães, o que representa uma boa média d disseminação.

Inicialmente, convém efetuarmos alguns recimentos das regras pelas quais os cã selecionados e julgados. As raças oficia reconhecidas pelo B.K.C. estão dividid seis grupos, a saber:

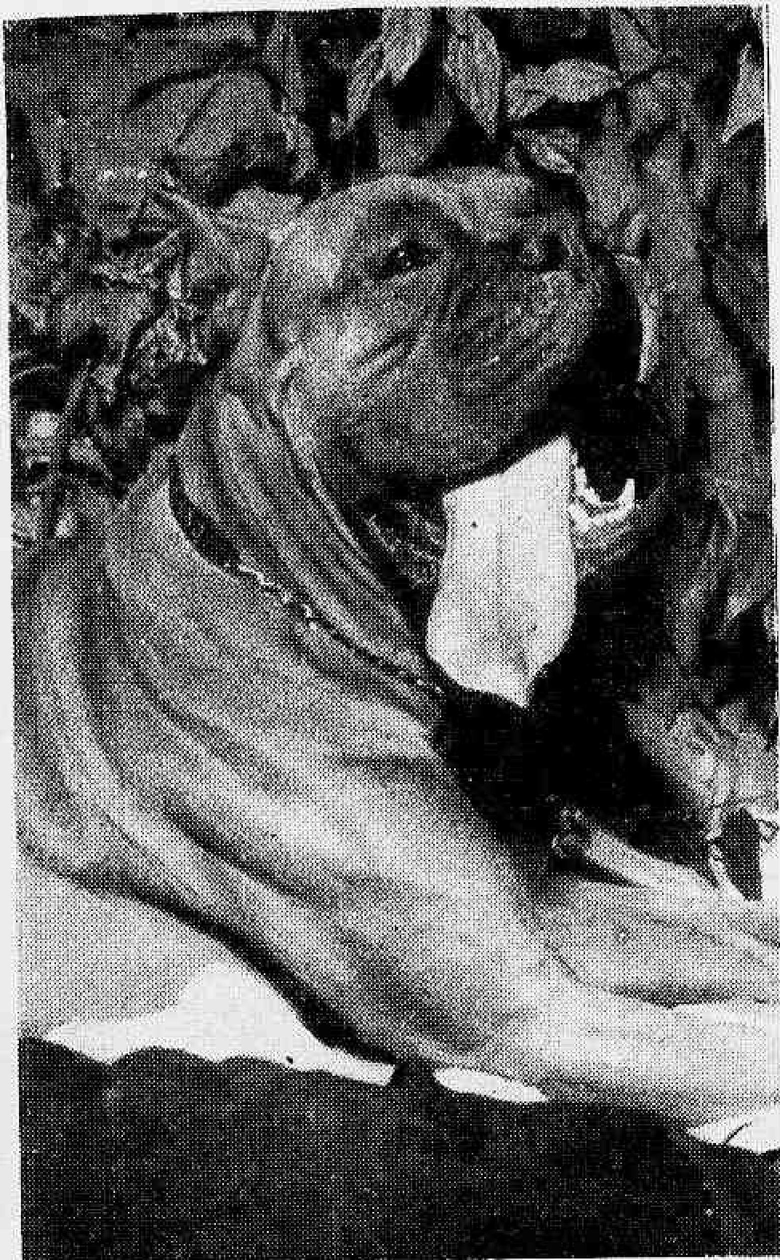
1º grupo — Cães de Caça — Tiro (Sp — 24 raças.
2º grupo — Cães de Caça — Prêsa (H — 21 raças.
3º grupo — Cães de Utilidade (Workin 30 raças.
4º grupo — TERRIERS — 22 raças.
5º grupo — TOY DOGS (Cães de Lux 16 raças.
6º grupo — Cães de Companhia (Non ing) — 8 raças.

Os cães inscritos são, ordenadamente didos em raças e cada uma destas (com ração de sexo) é, por sua vez, dividid cinco classes:

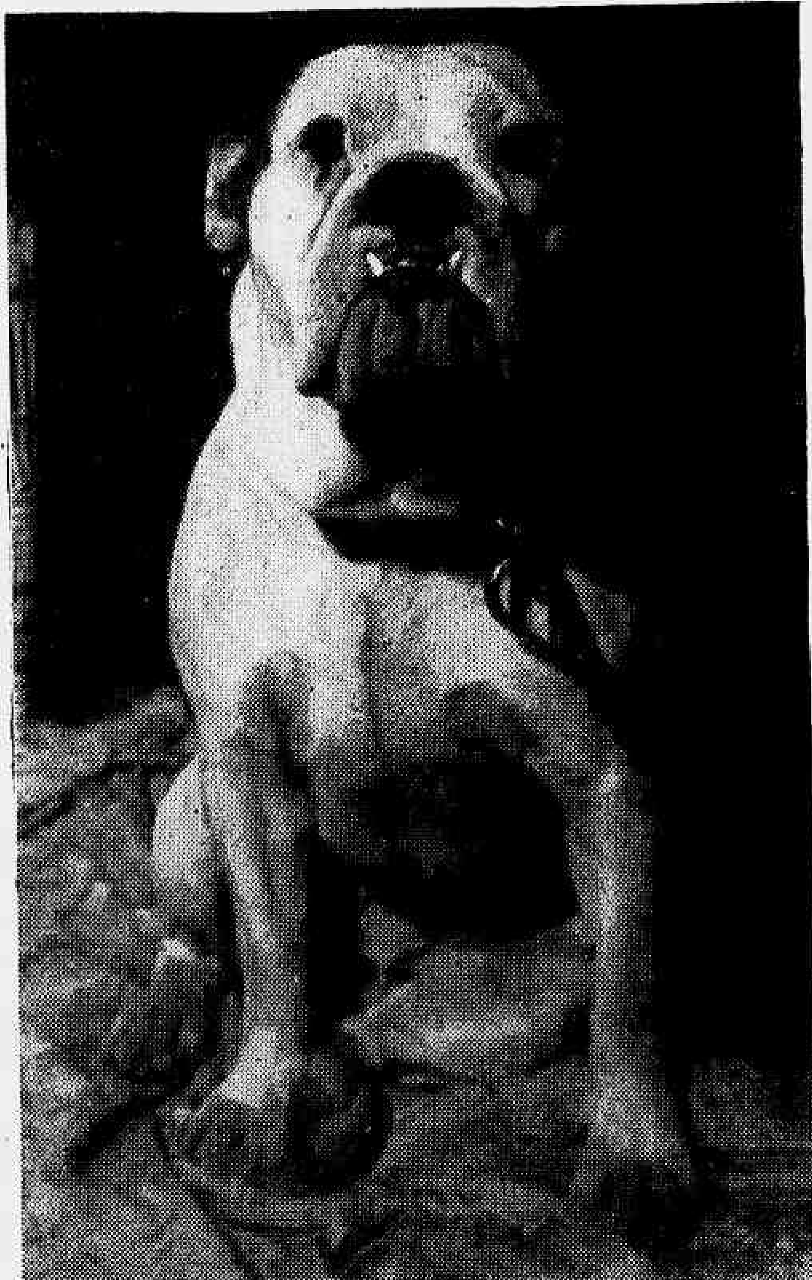
Novíssimos — de 6 a 9 meses de idade
Júnior — de 9 a 18 meses de idade.
Sênior — de 18 meses a 4 anos de idad
Veteranos — mais de 4 anos de idade
Campeonato — cães anteriormente decla campeões.

**A pesagem constitui uma das fases do exa que os cães concorrentes são submetidos. é feito do modo mais minucioso pos**

# ONDE CACHORRO É CÃO



**Êste soberbo «boxer» sentiu bastante o calor reinante. Passou várias horas com a língua côr de rosa a balançar do lado de fora.**



**Ginger, uma fêmea buldogue, parece zangada com o fotógrafo. Mas é a sua expressão de todos os dias. Cada um com o que a Natureza dotou.**



**O proprietário de Ailsa se compadeceu da pobrezinha e resolveu cobrir-lhe a cabeça com um lenço. O calor nesse dia era intenso.**

O título de Campeão é concedido ao cão com pedigrê genealógico registrado no B.K.C., que em qualquer classe tenha obtido a distinção de 1º lugar — ótimo — medalha de ouro, em três exposições.

Antes de ser iniciada a exposição, os cães inscritos foram submetidos ao exame de saúde, para a verificação de qualquer anormalidade, possìvelmente existente. O julgamento foi efetuado na base das características de cada raça, de acôrdo com o «standard oficial» e com a aplicação das seguintes qualificações:

MELHOR DA RAÇA — ÓTIMO — MUITO BOM — BOM — REGULAR.

O melhor cão de cada raça, classificado em 1º lugar, ótimo, medalha de ouro, concorreu à classificação que posteriormente se fêz para o «melhor» no respectivo grupo. De cada um dos seis grupos e da categoria «Miscelânea» (quaisquer variedades de raças não classificadas nos grupos mencionados), foi tirado o melhor animal, para a escolha final do **melhor Cão da Exposição.**

Os prêmios ofertados aos concorrentes cons-



**O grande campeão: «Glenbrae's Toastmaster's». Um soberbo «collie» com que todos os fãs de «Lassie», grandes ou pequenos, sonham diàriamente.**



**Êste campeão pequinês não foi feliz desta vez no certame, apesar das sete oportunidades em que se laureou, desde que concorre aos prêmios.**

O «S. Bernardo» parece que está a dizer ao minúsculo «grayhound» italiano: — «Esuta, menino, por que você não faz exercícios e toma bastante vitaminas para depois aparecer?»

ON

Outro
Foi der

tavam
«Embai
Club»,
da exp
nal), a
medalh

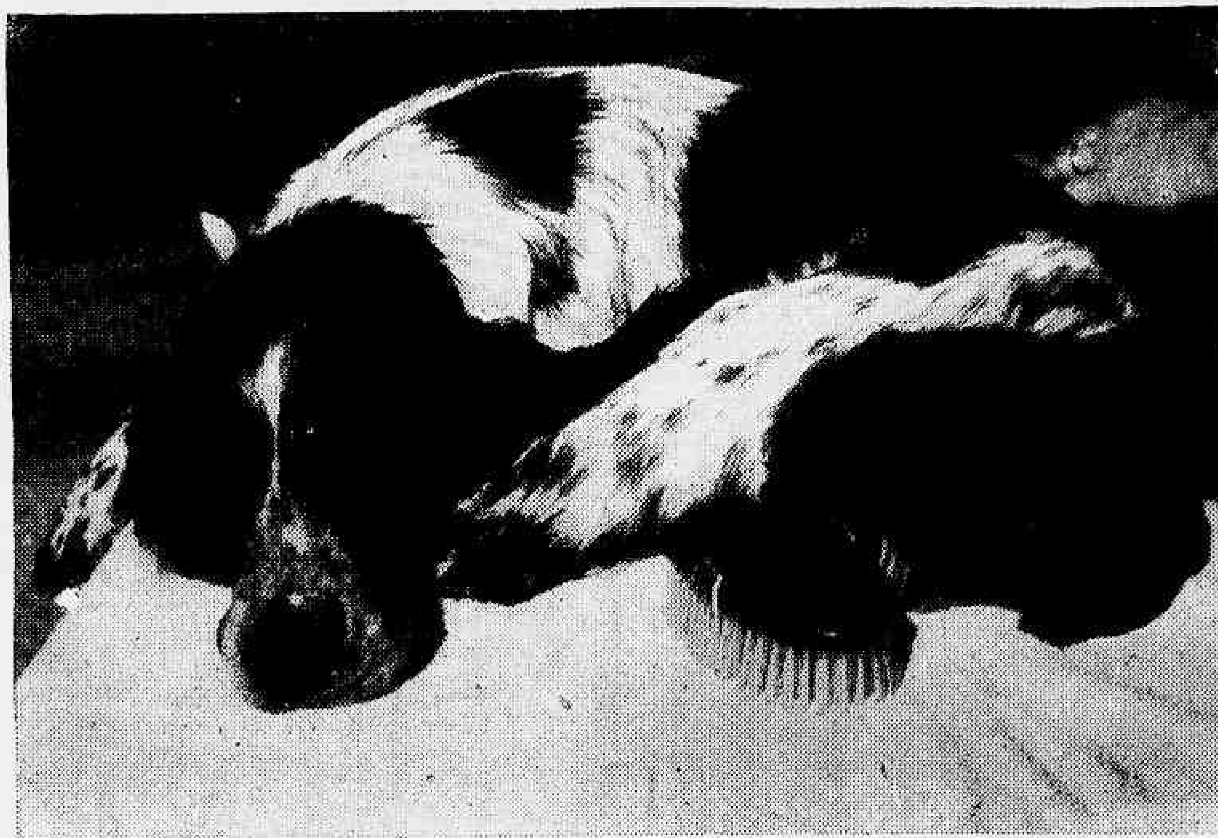
Não
cionar
duas c

Al

# ONDE CACHORRO É CÃO



**Outro campeão, com oito medalhas de ouro, da valiosa raça «boxer». Foi derrotado por uma concorrente do sexo frágil. Daí a sua tristeza...**



**Êste já chegou cansado ao local, e não quis saber de nada. Deitou, dormiu e sonhou. Souhou que fôra agraciado com o primeiro prêmio.**

tavam de 28 taças (dentre as quais as taças «Embaixador Lourival Fontes» e «Brasil Kennel Club», respectivamente conferidas ao melhor cão da exposição e ao melhor cão da criação nacional), além de um bom número de diplomas, medalhas douradas, prateadas e bronzeadas.



★

Não foi fácil a tarefa dos juízes para selecionar os vencedores dos seis grupos entre as duas centenas e meia de caninos, todos apresentados com o melhor apuro, e muito bem nutridos, mostrando assim o interêsse que desperta a criação de cães de raça no Brasil.

Finalmente, após várias horas de cansativos exames, ficou estabelecido o seguinte quadro de vencedores:

**MELHORES DE RAÇA**

**1º GRUPO:**

**Cocker Americano** — BOB LEE OF BLUE SEA (campeão importado).

**Cocker Inglês** — WAGGERLANDS WAGTAIL OF FRANT (importado).

**Pointer** — TRUELUCK'S PRIOR BUDDY.
**Setter Irlandês** — MICHEAL O'DAY.
**Weimaraner** — APOLL SILVER LILLY (campeã importada).

(Foram apenas três os concorrentes importados desta raça, contra quatro nacionais, o que atesta o rápido desenvolvimento da mesma no Brasil). **(Cont. na pág. 50)**



# Melhor da Raça

Alpha Von Ariston, uma «terrier» pêlo de arame, campeã da sua raça e do grupo. Parece estar sorrindo também, a exemplo da sua proprietária.

# DE RÁDIO

GUARACY



# O CANTOR SURDO

**John Alvin Ray, o cantor norte-americano que vendeu 4 milhões de discos nos EE. UU., num espaço de um ano.**

**● John Alvin Ray, ou simplesmente Johnnie, nasceu na cidade de Dallas, Oregon, Estados Unidos, no dia 10 de janeiro de 1927, trazendo em suas veias um pouco de sangue índio. Desde muito cedo demonstrou forte inclinação para a música, piano e canto. Com a idade de dois anos e meio, já executava ao piano «Rock Of Ages». Quando ainda criança, a família mudou-se de Dallas para Portland. Matricularam-no, então, numa escola. Quando atingiu o sexto ano primário, Johnnie teve a sua personalidade mudada completamente, sofrendo uma queda ao solo, durante uma festa no edifício, onde se achava localizada a sua escola. Êle mesmo declara, que antes era um menino sombrio, macambúsio e que vivia completamente isolado de todos. Entre seus onze e quinze anos, viveu isolado, no bairro onde morava. Com a idade de quinze anos, um médico descobriu que sem amigos, sem companheiros, sendo impopular no meio dos garotos de sua idade êle estava sofrendo uma surdez de 50%. Johnnie acha que esta surdez foi provocada pela queda levada anos atrás. Foi obrigado a comprar um aparelho contra a surdez, tendo experimentado vários, optando pelo comum.**

● De um momento para outro começou a se interessar pela música popular, talvez influenciado por sua irmã mais velha, Elma, quando ainda era menino, e ela dava audições cantando junto com as orquestras de Portland e seus arredores, escolhendo a profissão de cantor. A rápida carreira de Elma exerceu grande influência no espírito de Johnnie. Como todo artista que deseja vencer no cinema, no rádio ou no teatro, rumou para Hollywood, com apenas uma valise contendo algumas peças de roupa. Estava com dezessete janeiros, mas já tinha uma intuição de adulto experimentado. Depois de algum trabalho, conseguiu aparecer em poucas cenas do filme «Um Lugar ao Sol» (A Place In The Sun), sob a direção de George Stevens, e ao lado de Montgomery Clift, Shelley Winter e Elezabeth Taylor. Mas, acontece que a maioria das cenas onde aparecia ficou na sala de corte... Completamente desolado, ficou na eminência de voltar para casa, ou continuar em Hollywood. Apelou pela segunda, aceitando biscates para ganhar alguns centavos, deixando de lado os estúdios cinematográficos. Mas, Johnnie achou que isto não era vida para um rapaz de capacidade e cheio de sonhos. Foi quando o acaso o colocou diante de Roxy Marsh, uma das artistas burlescas mais famosas daquele tempo. Esta o convidou para trabalhar com ela e sua acompanhante ao piano, Celia Burley, em «shows» burlescos. Johnnie acompanhania a ambas ao piano, quando isto se fizesse necessário, e êle cantaria e tocaria alguma coisa. Aceitou, mas logo em seguida, desligou-se da companhia, indo atuar sòzinho, desta vez cantando para os negros no «The Flame» de Detroit.

Seu estilo melodioso tomou outro caráter e passou a dominar entre os brancos e os pretos. Começaram, então, a taxá-lo de imitador de Dinah Washington, o que não é verdade, porque Johnnie Ray jamais a viu e se deixou influenciar por ela, embora adquira os seus discos e os ouça. A propósito, declarou: «Só fui influenciado por duas criaturas: Little Miss Cornshucks, uma jovem cantora, e por uma cantora negra, a «girl» Sharecropper. Embora ambas sejam excelentes cantoras de jazz, e a primeira tenha alcançado sucesso, não são muito populares nem muito conhecidas de diretores de jazz e críticos de discos». Johnnie Ray foi-se aperfeiçoando cada vez mais na sua técnica e adquiriu um estilo personalíssimo de interpretar canções e músicas populares. Colocou-lhes entonações que tando podem ser miados de gato como soluços de quem não é correspondido no seu amor, por uma linda mulher. Dizem que Joannie recebe dez mil dólares para soluçar, e seus discos atingiram nos Estados Unidos a soma de 4 milhões, num espaço de um ano! E o próprio Johnnie não sabe explicar o fenômeno dêste sucesso artístico e comercial. Êle mesmo diz: «Amigo, eu não tenho talento!».

**● John Alvin Ray, ao contrário de muita gente, que vive dizendo que possui talento, mas que não passam de autênticos fracassados, afirma a tôda hora que não tem talento, tornando-se aquela expressão famosa. O certo é que seus discos voam para tudo quanto é canto nos Estados Unidos, como se fôssem os misteriosos discos voadores de origem desconhecida. Mesmo dentro do setor musical, é difícil ver-se um artista que se deprecie voluntàriamente. Todos acham de comprar suas músicas e procuram ouvi-las com todo o prazer, mas Johnnie vive a dizer a todo mundo: «Não tenho nenhum talento!». Isto só pode cercá-lo de uma auréola de admiração e carinho por parte de seus fãs, em virtude de Johnnie ser um indivíduo paradoxal, mas realmente dotado de qualidades artísticas, que o tornaram cheio de glória e... de gaita. Aquêle menino triste e que vivia isolado de todos, se converteu da noite para o dia, num dos cantores mais famosos dos Estados Unidos, um autêntico sucesso nos «shows» e na venda de discos. John Alvin Ray, não há dúvida alguma, você é um verdadeiro portento!**

## SHONOSUKÉ

**(Continuação da página 19)**

O jornalista era do conchavo. Agia de acôrdo com o plano traçado. Lançara a coisa como uma reportagem imprevista, cheia de afirmações vagas, sem responsabilidade, falando em coisas gerais, arte pessoal, ausência de influências clássicas, fuga aos modelos tradicionais, traço original.

Uma semana depois vinha um crítico. Dizia ter visitado o «atelier» de Shonosuké. Não se comprometia também, mas aproveitara a ocasião para desancar violentamente a arte nacional, insinuar perfídias sôbre a mulher de um pintor em voga, ridicularizar a Academia Nacional de Belas Artes, a mal-dizer ao público pela sua indiferença das coisas do espírito. Sôbre Shonosuké, mesmo, pouca coisa. Mas o leitor desprevenido ficava imaginando que o artista humilde era tudo aquilo que os outros não eram.

O diretor de um terceiro jornal, e terceiro iniciado na tramóia, aceitou logo algumas ilustrações em página nobre feitas pelo rapaz.

Começaram a aparecer as notas de redação, as sugestões aos cronistas desprevenidos, por parte da direção. Na crônica social, na página de arte, nas mundanidades, surge o nome de Shonosuké.

★

Um cronista de coração sensível, sabendo-lhe das horas de fome e de origem humilde, aclama-o, sem lhe ter visto os quadros, um futuro Foujita, o Foujita brasileiro. O jornal tem grande circulação. O homem tem admiradores. A bobagem é lida. A frase pega.

E Clemente Vidal e seus amigos, de acôrdo com a combinação prévia, começam a falar com seriedade no pintor, que trabalha com entusiasmo, inspirado e surprêso produzindo febrilmente.

— Dentro de um ano, garantira Vidal, dentro dum ano, Shonosuké será tido como gênio por todo São Paulo...

A profecia prometia realizar-se. Parte pela sugestão, parte pela necessidade de agradar, tôda a imensa confraria da sua galeria de arte e especialmente as ilustrações publicadas. Apresentações assinadas por Vidal abriam ao moço as portas de poucas revistas da cidade. Os representantes das revistas cariocas enviavam para o Rio reproduções de desenhos seus. D. fulana, d. fulaninha, que entendiam de arte, falavam com reservas, mas já falavam no japonês.

— Êle promete...

Quem ouvia dizer «êle promete» ia dizer mais adiante que ouvira: «êle é um colosso».

E os jornais insistindo. E o japonêsinho trabalhando.

★

Veio a exposição. Foi um escândalo, um clamor. Vidal ordenara preços altíssimos nos quadros. Os estudos mais modestos custavam seiscentos, oitocentos mil réis. O preço impunha... E, para dar o exemplo, no dia da inauguração Vidal adquiria dois quadros, um de 15, outro de 12 contos, que o artista, como era natural, não cobraria. Mas a notícia correu, a massa acreditou, a exposição encheu-se, os comentários foram numerosos, a imprensa acorreu, e as notícias as críticas, as discussões multiplicaram-se.

— Para o Vidal pagar aquela fortuna...

— Para o jornal dizer aquilo...

Choveram os compradores. Ninguém queria ficar atrás. A galeria de d. fulana as paredes de d. fulaninha tinham que se ornamentar com outros contos de réis de quadros. Em poucos dias estava tudo vendido. Shonosuké enriquecera espantado, boquiaberto, sem compreender.

E as discussões em tôrno de seu nome. — O jôgo das côres na arte de Shonosuké... Shonosuké e as mulheres... Os coelhos de Shonosuké... O prêto e o branco do pincel de Shonosuké... A expressão de sentimento na obra de um pintor nipônico... Ainda é possível o gênio? — e outros temas e problemas atulharam jornais e revistas.

Havia detratores, é claro. Artistas, críticos, professôres. Mas via-se bem invejosos, despeitados, passadistas, fósseis, cérebros obtusos, impotentes, pederastas do espírito, eunucos da arte...

Fulano falava porque nunca vendera um quadro por 500$000. Aquêle outro berrava porque tivera a exposição às môscas. O crítico tal protestava porque não lhe ofereceram dinheiro.

E assim os verdadeiros entendidos se encarregavam de defender a obra do artista imprevisto e vitorioso.

Um ano depois, já não havia mais dúvidas. O Foujita nacional vencera em tôda a linha. Não sòmente São Paulo, todo o país acreditava. Até de Paris o chamavam.

Foi quando Clemente Vidal e seus amigos resolveram desmascarar a troça. Contar tudo. Revelar a pilhéria. Mostrar que haviam passado uma peça infinita memorável, na papalvice do público. Provar que pouquíssimos não haviam caído. Mostrar que até Paris fôra no conto... Clemente Vidal aguardava com uma volúpia sem nome o dia da revelação, que chegara mesmo a assustá-lo. A glória criada era realmente impressionante. Não ficava bem a um homem como êle, cheio de responsabilidades políticas, respeitado nos meios artísticos, zombar do público, — que valia dizer: do seu eleitorado, — com uma blague assim. Talvez não ficasse bem. Mas a glória de realizar uma partida assim inédita e o respeito pelo seu nome, que ficaria prejudicado quando se estudasse a obra de Shonosuké deram-lhe a coragem final para revelar. Havia alguns que não tinham concordado Esses fariam côro em seu favor, aclamando o seu espírito e vingando-se nos «otários». Só d. fulana e d. fulaninha não haviam de gostar, mas essas não gostavam nunca de tudo que o senador prematuro praticava. Não fazia mal...

★

Quando a notícia rebentou, o escândalo chegou a abalar paredes. Houve gargalhadas, insultos e censuras:

— Isso não se faz... disse um crítico que caíra... Isso é um desrespeito para com o público...

Um cabo eleitoral que comprara quadros deu um murro no ar:

— E pensar que é um senador. Mas o eleitorado há-de vingar-se. Há-de vingar-se.

— Coisa mais sem graça... disse d. fulana.

Mas quem mais se divertiu foram os passadistas, impotentes, fósseis, eunucos e

outros pejorativos, de acôrdo com os que haviam admirado. Vingavam-se agora. Humilhavam os compradores, os apologistas, os ingênuos.

— Passadismo, hein? Impotência, não é?

E um rumor de gargalhadas se alastrava pelos salões elegantes, pelos clubes, pelas redações. Tão grande, que deixou quase despercebido o suicídio do japonêsinho, no seu «atelier» abandonado.

★

O interessante é que Shonosuké era realmente um homem de gênio.

(PASSA TRÊS)

## A BEM - AMADA

(Continuação da página 23)

### CAPÍTULO XXIX

Ao escurecer daquêle dia de outubro meditava Pierston sentado junto ao cadáver da sua amiga Avícia. Como a filha e sua ex-noiva havia fugido sem que ninguém soubesse para onde, êle atuava na qualidade de amigo mais íntimo da família e atendia, até onde podiam ir suas possibilidades ao cumprimento dos fúnebres deveres.

Na verdade, era duvidoso que qualquer uma ou outra pessoa estivesse em condições de fazê-lo. Dos dois irmãos da segunda Avícia, um se havia afogado no mar, e o outro, emigrara, não mais dando notícias. Além da presente jovem Avícia, houve ainda um outro filho, mas morrera em tenra idade.

A respeito de suas amizades, tão embebida havia estado em seu desejo e quase cumprido projeto de casar sua filha com Pierston, que, pouco a pouco se foi distanciando por completo das demais famílias ilhenhas.

Impossibilitada, por desgraça, de aceitar a honra oferecida, quando Pierston lhe propôs casamento há vinte e tantos anos passados, e quando seu protetor forneceu meios a ela e a seu marido para se estabelecerem com o comércio de cantaria, aquêle inesquecível pedido no estúdio de Londres a havia movido a sentir-se intimamente aparentada com a escultura e em relativo alheiamento do negócio de pedras, o que não era talvez mais do que leve debilidade da segunda Avícia. Jamais pôde compreender o desvio de sua filha para com Pierston, que, a seus olhos, não era mais velho do que quando se havia declarado.

Enquanto estava ali sentado em meio da obscuridade, os espectrais contornos das formas que anteriormente tomara o seu Amor acudiram em tôrno do inconsciente cadáver de sua irmã, e o miravam da parede em triste fila, como as mulheres troianas que Enéias viu pintadas nos muros de Cartago. A muitas delas já havia idealizado algumas vêzes, em busto e corpo inteiro. Mas nunca, como agora, as recordava e revivificava, descobrindo-lhes fraquezas e máculas em tôdas as suas naturais características. Depois, ao voltar Pierston à realidade, eram cada vez mais débeis as vozes daquelas figuras espectrais. E se dispersaram, cada qual seguindo o seu rumo, deixando-o ali sòzinho.

Nenhuma contrariedade lhe causara o provável ridículo que atiraram sôbre êle os sucessos daquêle dia. Desejava, apenas, ardentemente, desfazer os equívocos em que se baseiria o mesmo ridículo. Entretanto, isto era impossível. Ninguém saberia jamais a verdade do caso. Ninguém saberia o que havia buscado, alucinando-o, atormentando-o e se lhe escapando de tal modo. O que o teria feito ir até ali? Descobriu-o, por fim, segundo cria agora, pelo seu recente fracasso, na jovem que acabava de abandoná-lo. Não era a carne; nunca se prosternou diante da carne. A nenhuma mulher dêste mundo implorou um favor sensual, embora que por tantas e tantas se houvesse apaixonado. Ninguém era capaz de adivinhar o íntimo sentimento, a ternura amorosa e cordial que seu ideal encerrava naquele arrebatador e prazenteiro destino em que deslizara durante quarenta anos. Sua inclinação pela terceira Avícia seria considerada pelo povo como intento egoísta e senil de um velho sessentão para os lados de uma jovem.

Sua vida já não parecia a experiência de um profissional mas, sim, uma história fantástica, e desejara vivamente, que, naquela tarde crítica, também como os demais, deixasse de atormentá-lo aquêle fantasma. Desejava libertar suas inclinações, fazer que ocorresse algo capaz de livrá-lo da escravidão que o jungia ao ideal da beleza.

(Continua no próximo número)

## FRANCESCA DA RIMINI

(Continuação da página 34)

Francesca não perguntou mais nada. Nada disse, durante o jantar que Ombretta lhe serviu, como sempre, em seu quarto.

Quem a olhasse com cuidado observaria um tremor nervoso, ligeiríssimo, em sua bôca e seu queixo. Terminada a refeição ligeira, quis ficar sòzinha, e despiu-se sem a ajuda de Ombretta. Dormiu logo, um sono leve, sem sonhos. Despertou ao alvorecer. Era o mês de maio, e o sol se levantava muito cedo, sôbre o mar, entre o cintilar das ondas, e flocos diáfanos de nuvens côr de rosa. Abriu a janela do levante, a fim de respirar o ar marinho, depois àquela do outro lado, que dava para o grande páteo. Aspirou satisfeita o perfume das rosas que subiam em trepadeiras, ouviu passos e viu Paulo. Estava êle num traje suscinto, muito justo, em malha carmesim, que realçava os músculos sólidos de suas pernas e de sua coxa. Passava ligeiro levando aos ombros uma pequena balestra de caça. Levantou a cabeça, para olhar o céu, e viu Francesca, exatamente no momento em que esta olhava-o.

Não se saudaram, nem mesmo com um gesto. Paulo olhou à sua volta, depois aproximou-se do roseiral e colheu uma rosa tôda orvalhada. Tirou a balestra dos ombros, amarrou a flor a uma flexa, e mirou. A flexa atravessou o espaço, executou uma trajetória breve, entrou pela janela e caiu aos pés de Francesca. Esta entrou, inclinou-se, recolheu a rosa, e aspirou longamente o seu perfume, mas não voltou à janela.

Essa foi a primeira saudação dos dois, entre o perfume agudo das rosas e o cheiro salobro do mar.

(Continua no próximo número)

# DE CINEMA

## A TERCEIRA DIMENSÃO

NEWTON COUTO

POR gentileza da Warner Bros., foi oferecida uma exibição particular aos críticos cinematográficos, da película em terceira dimensão «Museu de Cêra» (House Of Wax), com Vincent Price, Frank Lovejoy, Phyllis Kirk e Paul Picerni nos principais papéis, sob a direção de Andre de Toth, espôso de Veronica Lake. Trata-se de refilmagem de um antigo argumento cinematográfico, baseado numa história de Charles Belden, que foi feito com Jane Wyat e Lionel Atwil encabeçando o elenco. Desta vez o argumento e roteirização foi entregue a Crane Wilbur, também diretor cinematográfico, tendo sido seu último trabalho, o «screen-play» de «A Virgem de Fátima», dirigida por John Brahm para a mesma emprêsa. Já é do domínio de todos os fãs do cinema, que a indústria fílmica norte-americana, viu-se na contingência de aderir à terceira dimensão, porque o público «yankee» estava fugindo de suas casas de espetáculos, preferindo ficar em suas residências assistindo a programas de televisão, que cada vez mais melhoravam o seu nível artístico, apresentando grandes atrações. O cinema porém veio lucrar com a terceira dimensão, pois esta abriu novos campos à sétima arte, principalmente, para a fotografia e a cenografia. É preciso, porém, não confundir a terceira dimensão com o cinerama, êste último para ser filmado, necessita três câmaras, a projeção três cabines, bem como três projetores, sem falar da tela côncava, a fim de dar a forma ao espetáculo... Já a terceira dimensão é completamente diferente, pois exige apenas uma câmara, que recebe uma lente especial, e a sua projeção é feita por dois projetores comuns, simultâneamente, munidos também de uma lente especial, obrigando a um intervalo para a mudança dos rolos, que passaram a conter de 2.000 a 5.000 pés. É exigido também o uso de visores polaroid, cuja gelatina não pode ser tocada com o dedo do espectador, para que não se inutilizem. Acreditamos que, com o aperfeiçoamento da terceira dimensão, tudo isso será abolido, tornando-se a projeção igual à de duas dimensões.

**● Em «Museu de Cêra», o veteraníssimo produtor Bryan Foy entregou a fotografia à competência de dois grandes fotógrafos, como Bert Glennon, responsável por belos trabalhos, ou sejam, «Nossa Cidade» (Our Town), sob a direção do falecido Sam Wood, sendo a planificação desenhada por William Cameron Menzies, e «No Tempo das Diligências», de John Ford e Peverell Marley, o ex-marido da «estrêla» Linda Darnell, que entraram em contacto com a terceira dimensão, tirando o máximo proveito que ela pode dar através da fotografia. O cinema tornou-se mais real com a 3-D, pois os espectadores passaram a tomar parte importante dentro da fita. Nas tomadas em profundidade, o espectador se sente ora na rua, andando com a personagem, ora dentro de casa. Se ela come, o espectador também participa da refeição. Se chove, nós sentimos a sensação da chuva. Nas tomadas em primeiro plano, tem-se a impressão nítida de que os artistas estão na platéia, bem como os objetos que são jogados contra a mesma. Há em o «Museu de Cêra» uma tomada do teto de um teatro, em que se vê os lustres desfilarem em cima de nossas cabeças. Se uma personagem abre uma porta, nós vemos a porta abrir-se, bem como as paredes, com suas pinturas. Tôda a cenografia é vista pelo espectador. As filmagens em «Natural Vision», obedeceram à supervisão de M. L. Gunzburg, enquanto o som, que passou a ter parte extraordinária na terceira dimensão, pois ganhou novos planos, pela profundidade com que o cinema passou a contar, quer no interior como no exterior, é o Warner Phonic, criação dos Irmãos Warner.**



Vincent Price, na figura de Henry Jarrod, que tem parte importante no desenvolvimento da história de «Museu de Cêra» (House of Wax).

● Êste sistema é, realmente, esplêndido, ganhando novos efeitos na parte de diálogos e no fundo musical, sublinhando com bastante intensidade emotiva, tôdas as passagens emocionantes da película. A primeira partitura gravada neste novo processo de som, é de David Buttolph, que apesar de não contar com um celulóide dotado de qualidades, mesmo assim serve para demonstrar o que não será amanhã o mundo musical na terceira dimensão. É interessante salientar, que o «Warnercolor» ganhou muito na terceira dimensão, por ser em duas dimensões muito falho, igualando-se a outros processos de colorido mal confeccionados. A própria apresentação melhorou cem por cento, principalmente, para os artistas, que têm seus nomes valorizados, o que vai provocar muita exigência na colocação por parte dos mesmos. Apenas as legendas é que passaram a prejudicar um pouco a visão do espectador, pois elas ficam dançando diante de nossas vistas, como se estivessem sôltas no ar. Em um de nossos próximos artigos, continuaremos falando sôbre a terceira dimensão.

OS PROBLEMAS HUMANOS

# À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

**MENTIRA** — A ninguém é lícito mentir. A mentira é um crime. Como todos os crimes tem a sua gravidade relativa mas, não deixa de ser um crime. Marly é casada há três anos. Jovem espôsa de funcionário público, vive com o seu marido, vida tranqüila e calma, a que ela chama, «vida desinteressante», porque tem ausência de aventuras e sofrimentos. Marly vai muito a cinema, lê romances de amor e ouve novelas de rádio. Escreveu-nos um longo relatório de sua vida, com pedaços de «diário» e uma carta, cujo trecho mais interessante vamos transcrever: — «. . . Jorge é sempre igual: levanta-se à mesma hora, almoça exatamente às dez e meia, volta às dezenove horas e dorme, invariàvelmente às vinte e duas horas e meia. Não discute o que quer que eu faça nem me faz elogios de qualquer natureza. É calmo e muito delicado. Sei que me ama e dificilmente, passaria sem mim. Sei, porque o conheço há seis anos; mas nunca mo disse. Quando acaba de jantar e não vai ao cinema, ouve rádio ou trabalha, no serviço de que traz da repartição, até à hora de dormir.

**● É horrível, não acha, doutor?» . . .**

**— Sim, Marly, é horrível, não o que Jorge faz, porém o que você deixou de fazer para despertar em seu marido o desejo de realizar algo diferente. Leia e medite as palavras de outra carta que recebemos duma senhora como você, casada com um homem como o Jorge: «. . . éramos felizes nos dois primeiros anos de casados. Roberto chegava em casa à hora certa; jantávamos e saíamos juntos ou permanecíamos em casa, ouvindo rádio, na tranqüilidade do lar. Agora, Roberto janta com amigos, freqüenta as «boites» e clubes. Leva-me com êle, na verdade, mas, nesses lugares, reunimo-nos a outros grupos. Aí está o pior: todos bebem e dançam. Roberto me elogia, e, à minha frente, elogia outras mulheres . . .». Contrasta, pois, a sua atitude com a autora da carta que acabamos de transcrever. Dirá você, Marly, que a outra espôsa, no seu egoísmo lamenta a parte que corresponde ao meio social e que proporciona gostos, satisfações e comodidade ao marido.**

● É imprescindível compreender e atuar no sentido de reviver no Jorge o entusiasmo de antes; não porém em criticar-lhe os atos honestos e simples do homem caseiro. Você não diz, em sua carta e relatório, por que não tem filhos. Neste mundo atribulado por causa de inquietações várias, os filhos formam oásis abençoado por Deus. Surgem, com êles, preocupações novas e planos novos, com seu labor incessante e fecundo, baseado no amor ao dever e à verdade, único capaz de construir para a eternidade, mas com êles, renova-se a felicidade. Você diz em seu «diário» que tem mentido ao Jorge. Não o repita. Lembre-se que a mentira é um crime; não se pode construir a felicidade sôbre os alicerces frágeis da mentira.


## COMO APRENDER A DANÇAR



**5ª EDIÇÃO AMPLIADA**

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.


# CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **CURIOSA — ( Fazenda Santa Maria Madalena )**

**SONHO — Estava em uma casa velha, quando entrei em um dos quart vi dois colegas meus dormindo; caminhei para a mesinha de cabeceira e v lindo anel, a figura de um índio e, um não menos bonito relógio de p Apanhei-o e coloquei no meu braço; saí do quarto e fui-me sentar em um um pouco afastado; um gramado lindo, verde, e comecei a brincar com o rel Neste momento chegou um dos colegas, que eu deixara dormindo e começam brincar, êle porém portou-se inconvenientemente, chegando a me abraçar, diz me frases amorosas e, até beijando-me. Embora achasse estranho fiquei estava contentíssima. Êle olhando-me bem no rosto disse-me, sorrindo: Sabes estás um amorzinho? Êste vestido fica-lhe muito bem. Depois desta observ continuaram os abraços, as carícias; estávamos em pleno idílio, quando o colega chegou. Pediu-me o relógio e eu o devolvi, mas, quando fui tirá-l pulso, quebrou a correntinha. Ficamos os três conversando e o segundo se r à cena de nossos idílios, achando-a muito interessante e pedindo-nos desc de nos haver interrompido. Em seguida, ambos sumiram, como por encan eu voltei à mesma casa velha. Só então, percebi que estava de cachinhos e me encontrava mais de vestido e sim de «maillot» amarelo. Nervosa, vest quimono estampado, soltei os cabelos e fui até à cozinha. Vi minha mãe ser o jantar e, ela ao me chamar, acordei .**

INTERPRETAÇÃO — Você, embora muito jovem, a julgar pela idade que me mandou, deve se ressentir por ainda não haver se casado (casa velha) e não ter conseguido despertar (rapazes dormindo) a atenção de um moço, para um namôro sério e conseqüente casamento (anel). Em chegando a adolescência, a natureza orgânica entra em maior atividade, exalta os sentidos e reclama a satisfação dos instintos, até então adormecidos (feliz pelas carícias do rapaz). Entretanto você sabe que tudo tem a sua hora aprazada (relógio de pulso) e determinada pela convenção social, pela boa moral e pela educação familiar e religiosa. Sua natureza sentimental e afetiva entra em choque com êstes preconceitos e você se julga fora da moda e teme ficar sem ter quem a aprecie . . . (êste vestido fica-lhe muito bem). Em seus devaneios íntimos você constrói muitos castelos (bela cena), vê, com tristeza (corrente partida), o ambiente em que vive é por d acanhado para você (os rapaze sumiram). Às vêzes você faz uma análise e encontra bastantes enc em sua pessoa (de «maillot» e de c nhos), mas não os aproveita por c dos recalques e complexos, os qu deixam sem ânimo para vencer ( em casa novamente) e sente que vida não tem outra finalidade sen da rotineira vida doméstica (minha servia o jantar).

Procure estudar um pouco mais, sua carta demonstra que já tem um princípio, é inteligente e tem ac gôsto pelas artes, o que deduzo sua letra maiúscula. Agradeço às vras elogiosas que você mandou a Secção.

● **OCY — ( Rio )**

**SONHO — Alguém me falava sôbre a provação por que venho passando. tivesse fé, orasse, tudo aquilo desapareceria. Ouvia não sei quem, que eu via, pois o aposento estava às escuras, dizer-me palavras de incentivo ao soerguimento anímico. Fiz-lhe uma pergunta mental. Êsse alguém me fêz ximar-me de um quarto, onde havia uma cama arrumada, com uma colcha b de rendas que faz parte do meu enxoval, e todo iluminado. Quando tentei outra pergunta sôbre a significação do que via, notei uma espécie de n branca atravessar o aposento e sair pela veneziana, despertando no mo de sua saída.**

INTERPRETAÇÃO — Nossa alma é uma câmara (aposento) que se ilumina com a luz de nosso entendimento, ou se obscuresse (. . . às escuras) com a falta de compreensão de nossos sofrimentos (prova por que passava). Como a alma é uma **entidade** bem distinta do nosso **Eu interno**, e se acha ligada ao Espírito pelos laços afetivos, é natural que seu **Eu superior**, o próprio Espírito (alguém) lhe houvesse concitado a ter Fé e a orar. A prece é um suave aflúvio que sai de nossos corações e sobe ao céu, trazendo-nos a resposta de tudo o pedimos (quarto, cama . . . todo i nado). Entretanto, nunca temos uma posta clara (espécie de nuvem br aos nossos rogos e às nossas pe tas (. . . tentei outra pergunta), ainda não estamos suficientemente parados e nem sabemos realmen diretriz a tomar (sair pela venez e, muitas vêzes, seguimos uma ve totalmente inadequada à aquisição nossa felicidade (ainda sair pela ve ziana).

● **VIOLETA — ( Rio )**

**SONHO — Sonhei que estava na Bahia e desejava comprar um balang para minha irmã. Numa loja a vendedora me mostrou várias fantasias, inc uma pequena coruja de metal; garantiu-me que essa coruja cantava, fat que duvidei.**

INTERPRETAÇÃO — Comecemos a interpretar seu sonho pelo principal símbolo — a coruja. Essa ave, também chamada mocho, é, figuradamente, uma representação da morte, daí se encontrarem tantas esculturas que as simbolizam nos cemitérios. Analisando-a, entretanto, mais profundamente, podemos dizer que a coruja é também um símbolo da sabedoria espiritual e da ciência física. Ela está muitas vêzes presente nos gabinetes dos discípulos de Hipócrates, dos químicos e dos antigos físicos, que englobavam tôda a ciência conhecida e se dedicavam à arte de curar em todos os seus detalhes. É a coruja o símbolo da sabedoria espiritual — e como tal figura nas necrópoles — por ser o fenômeno da morte física um capítulo de real transcendência e digno de todo estudo. Se parodiarmos S. Francisco de Assis, também diremos «que é depois da morte que começa a vida». Por tudo isso, acho que a minha cara consulente não se deve arrecear por ter querido, em seu sonho, dar uma coruja para completar os balangandãs de sua irmã. Não acredito que haja nisso um agouro, pois que todos teremos fazer a passagem pela grande pênsil que liga êste mundo ao É é bem melhor que saibamos viver segadamente para sossegadamente rer, do que desperdiçando nossas gias fùtilmente ( balangandãs ). ainda, que você se preocupa c estado de ânimo de sua irmã, tal considere algo impressionável (a B como bem sabe, é a terra dos fe e da superstição). Deve haver certa distonia entre a sua personali e a de sua irmã (coruja que fa cantasse). Talvez você a julgue criança grande (ainda os balangand e sem sentir, agindo apenas pelo s consciente, a tenha querido chama realidade da vida e fazê-la descer terra-a-terra material. Mas, acredito não conseguirá seu objetivo. Não preocupe muito com isso: que mal vivermos pelas regiões do irreal, isso nos dá prazer? Deixe-a subi estratosfera de seu irrequieto pen mento, onde ela talvez se sinta ma ficamente bem.

# SHONOSUKÉ

Conto de ORÍGENES LESSA

Ilustração de GIPSON

CLEMENTE Vidal deixou o carro à porta do bar e entrou para um rápido aperitivo. Sempre era melhor estar alí à vontade, solitário, na sua mesa, do que ouvir o matracar odioso e pretensioso dos seus colegas de clubes, encharutados e maledicentes. Passeou o olhar preguiçoso pela modéstia do bar, pelos bebedores esparsos, bebendo pelo gôsto simples de beber, sem imposições sociais, sem determinismos elegantes.

Surge uma figurinha amarela. Dois traços telegráficos, fingindo olhos. Uma ligeira elevação, com dois furinhos, fazendo nariz. Bôca larga e branca, os dentes salientes.

— Retrato, senhor?

Clemente Vidal examinou-o com atenção, enquanto a figurinha estranha, sem colarinho, camisa suja, paletó enrolado, um bonèzinho sôbre o cabelo pretíssimo, insistia, mostrando uns calungas.

— Retrato, senhor?

— Clemente mediu-o com um sorriso.

— Quanto?

— Cinco mil réis.

— Faça...

O japonêsinho retirou do bôlso o crayon, pôs sôbre o joelho uma fôlha de papel, fixou um olhar apertadinho no cavalheiro elegante, e começou a riscar ràpidamente, no papel fumaça. Um, dois, três riscos. Zás, zás, zás... Lá saía o homem, com a curva aquilina do nariz, as olheiras empapuçadas, o ar desdenhoso de olhar e sorrir, o charuto grande a ajudar o jeito orgulhoso da bôca.

Enquanto riscava, Clemente Vidal o examinava. Era uma figura comum de caricaturista internacional, a cinco ou dez mil réis a careta, dêsses vagabundos que se agüentam por qualquer coisa e em qualquer terra, armados com um crayon barato e uma fôlha barata de papel cartão.

— Gosta, senhor?

Clemente gostou. Pelo preço... Pela extravagância da idéia... Aquilo seria natural num bar ou num caberé de Paris ou de Londres. Num de São Paulo, à hora movimentada do triângulo, era uma originalidade sua que havia de ser comentada com sucesso no seu clube...

— Você quer beber?

— Obrigado, senhor.

Êle insistiu. Pôs o japonêsinho a seu lado, fêz vir um «americano», começou a correr os outros desenhos que êle trazia, como amostra. Curiosos, um traço interessante, uma certa originalidade, uma linha muito pessoal. Quem seria êle? Indagou. O rapazinho informou, sumàriamente, com um sorriso. Filho de operários. Seis anos de Brasil. Família faminta. Antigo pasteleiro, ex-vendedor de amendoim, aprendiz fracassado de pedreiro, garção sem sucesso. Um grande amor pela arte. Sem estudos, sem dinheiro. Amigo desesperado dos livros. Um pouquinho de inglês. Um português bastante desenvolto. Leituras. Uma coleção inútil de desenhos. Agora, como artista ambulante, geralmente almoçando e jantando, coisa que muito tempo desconhecera.

Clemente Vidal, interessado, começou a ver na cara sem expressão do rapaz a possibilidade de uma blague formidável. Riquíssimo, culto, várias viagens à Europa, várias cópulas em Paris, várias bebedeiras em Roma e Veneza. Vidal era um Mecenas em São Paulo. Conhecia e discutia arte. Centenas de quadros e estátuas da sua galeria haviam alimentado muito artista patrício e provocavam a admiração e o espanto dos amigos. Fazia estudar dois cantores pobres em Paris, alimentava e vestia, em Roma, três futuros gênios da pintura indígena. Isso, do seu bôlso. À custa do Estado, quando senador precoce e preclaro, facilitara os estudos de dezenas de outros, e era olhado como o pai da futura arte brasileira, como um animador d'annunziano, como um Médicis ou figurão da Renascença, espantosamente surgido no país da maledicência. Papai Vidal, como o chamavam. Seu nome patrocinava tôdas as montras de arte, seu dinheiro financiava concertos, sua palavra estimulava os estreantes, sua adega embebedava artistas, críticos e admiradores. Tudo aquilo fôra feito a sério. Não estimulava por pilhéria, não animava por blague. Quando falava em arte, estrangeira e mesmo nacional, quando discutia cubismo, dadaísmo, futurismo, surrealismo, coisas da Rússia, de Paris ou da favela, era sempre como entendido, como autoridade, como crente. Mas olhando aquêle japonêsinho, que devorava muito canhestro as empadas que fizera vir, Clemente Vidal começou a imaginar uma blague, a primeira que se aninhava no seu cérebro de senador prematuro. E se lançasse aquêle rapaz? E se lançasse mão daquele garôto para pregar uma peça infinita, um blef imortal na papalvice incomensurável do público? Vidal sabia, no fundo, que as admirações literárias e artísticas, como as glórias mais incondicionais, são efeito simplesmente da sugestão e do snobismo.

Êle mesmo admirava assim muita gente e fôra forçado a pagar milhares de francos por obras de arte em que francamente nada havia senão uma obrigação snob de admirar. Era coisa assinada por fulano, por sicrano. Paris dizia que fulano era gênio. Beltrano clamara, em Roma, que sicrano compendiava e empacotava a história da arte. E lá êle e os outros conhecedores profissionais se viam forçados ao «colosso», «extraordinário», «genial», ao desembôlso dos pacotes de liras ou de francos. Um pouco de vaidade pessoal acariciava ainda o seu pensamento. Êle tinha prestígio. Êle era ouvido. Lançara artistas de valor. Parte por mérito seu, parte maior pelo mérito dêles. Mas aquêle japonêsinho, sem valor pessoal, se êle o fizesse, era obra sua, glória sua, pilhéria inconfundível.

Sorria, enquanto falava o rapaz. A idéia tomava vulto. Havia de lançá-lo. Dentro de um ano, êle seria famoso, seria aclamado como gênio, venderia quadros por fortunas e então Clemente Vidal contaria a tôda a gente a extensão e o sentido da peça que pregara ao público.

— Como se chama você?

— Shonosuké Shini...

— Basta Shonosuké. Não é preciso mais. Escute: Você é um grande artista. Apareça amanhã em minha casa...

Deixou-lhe um cartão e saiu.

★

Clemente Vidal vestiu o rapaz, fotografando-o antes com os seus trajes miseráveis e, antegozando a pilhéria, chamou três amigos de confiança, contou-lhes os planos, expôs a forma de ação, instalou o japonês num «atelier» e iniciou a publicidade.

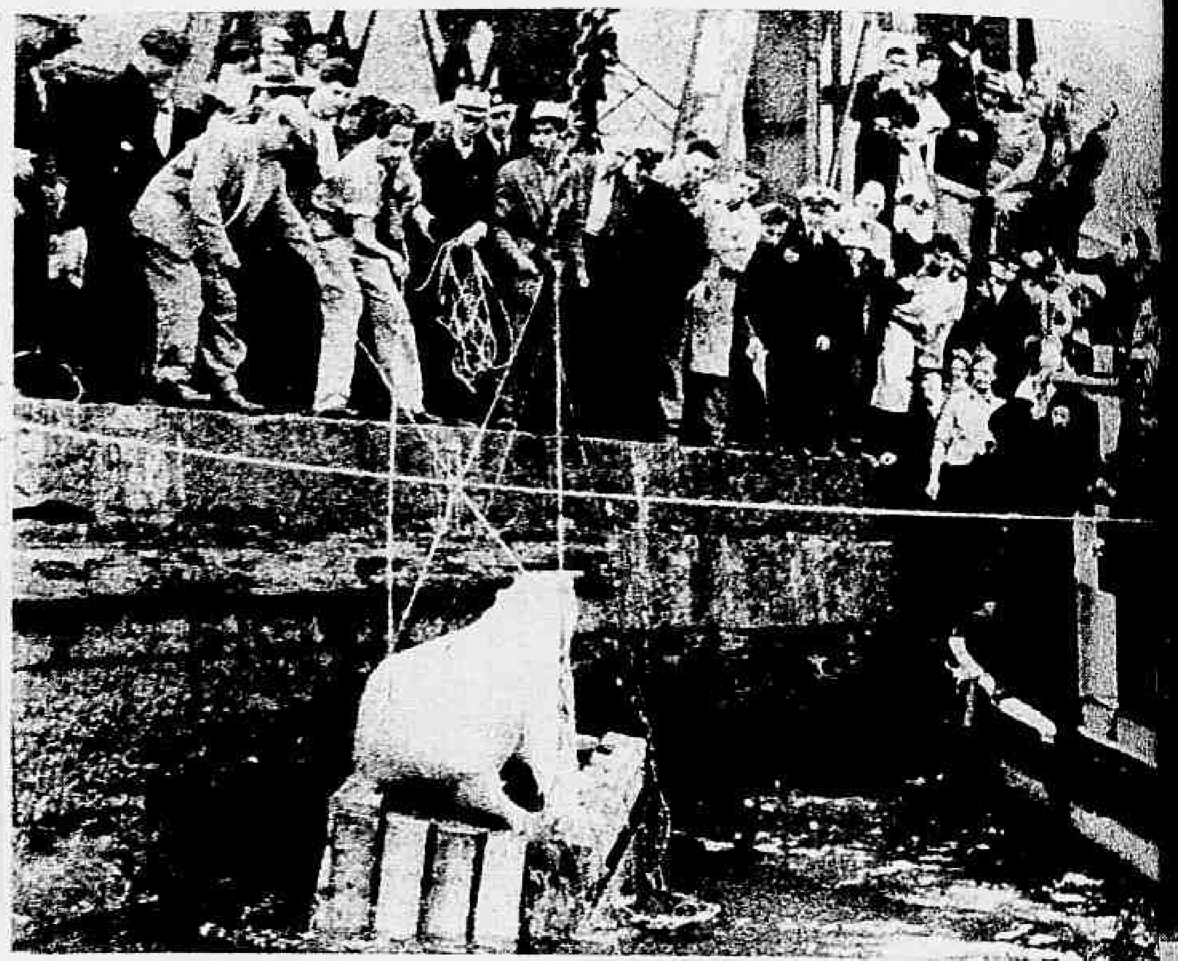
Dias depois começaram a sair as notícias. Um jornal da tarde publicava uma longa reportagem romancesca sôbre o artista estranho e original que passara fome, que vendera pastéis, que fôra garção mas trazia em si a posse de uma arte vigorosa, fortíssima, pessoal, liberta de todos os moldes clássicos (era tão fácil quem não os conhecia...) diferentes de tudo o que faziam, de Apeles a Foujita, com todos os altos e baixos da escala, todos os artistas presentes e passados.

(Cont. na pág. 48)






# JANELA SÔBRE O MUNDO



## CANTOR DEPORTADO

Êste cidadão de óculos e sorridente, é Dick Haymes, famoso cantor argentino radicado nos Estados Unidos; mas, como não se naturalizou cidadão norte-americano, se viu, de um instante para outro, envolvido num processo de deportação. E ei-lo aqui entre oficiais de Justiça ao ser levado «debaixo de vara» até à Côrte de Imigração e Naturalização da cidade de Los Angeles, para dar explicações e receber instruções das autoridades: ou se naturaliza e fica, ou sai do país.

## O AMIGO URSO

Um legítimo e alvíssimo urso polar, quando era conduzido a bo de um navio fundeado em Bergen, Noruega, achou que urso també gente e saiu da jaula com intensões de ver de perto as belezas fiordes do belo país. Mas foi desastrado e caiu nágua. É verdade isso, para êle, nunca foi problema; porém os seus guardiães viram proeza e trataram de reavê-lo. Depois de laçá-lo nágua, foram trazendo até ao cais, com jeitinhos, para evitar mais outra ursada



## A BENÇÃO DOS «PONIES»

Rapazes e moças membros do «Pony Club», sempre que iniciam a estação campestre em Bagshot, Surrey, na Inglaterra, recebem a bênção final. Aqui vemos o vigário da localidade, rev. John Melhuish, a benzer os cavalinhos antes que os seus montadores seguissem para suas proezas no campo. Chovia muito, mas, o padre pôde realizar as orações re guardada por benéfico guarda-chuva, enquanto os beneficiários d prece, curvados sôbre as selas, liam livros sagrados e diziam «Amen» Não sabemos se tudo correu bem; mas, que foram protegidos, é um fato

O avestr
patada ber
Além disso
e sabe com
Era preciso
gados do Z
do bich n

Os paris
praias da
rios, não
longe do





## CABRA-CEGA COM AVESTRUZ

O avestruz é uma ave perigosa. Tem fôrça de dez homens, e, uma patada bem aplicada em qualquer cristão, pode mandá-lo ao necrotério. Além disso, sua bicada é pior do que navalha. Mas o homem é inteligente e sabe como resolver os problemas mesmo com avestruz para atrapalhar. Era preciso mudar esta avestruz de gaiola; mas, como? Então os empregados do Zoo de Hamburgo recorreram à «cabra-cega»: meteram a cabeça do bich numa meia espêssa, e, com jeito, empurraram-na até lá...

## PERNAS TRIUNFAIS

Com um bailado de grande sensação, a bela francesa do aplaudido filme «Moulin Rouge», Colette Marchand, estreou a temporada do Stoll Theatre de Londres em fins de agôsto. O número se denominou «Cine-Bijour», tendo sido muito apreciado pelos apaixonados do «ballet». Esta foto nos mostra a fascinante Colette ensaiando e mostrando suas pernas consideradas como das mais belas de quantas haja neste mundo. Pelos aplausos da assistência e da imprensa, há muita razão.



## QUEM NÃO TEM CACHORRO...

Os parisienses, quando o sol começa a esquentar os ares, procuram as praias da França; mas, êste ano, com as greves dos transportes ferroviários, não puderam gozar dessas delícias tão agradáveis aos que residem longe do mar. Que fazer pois? Repetindo a solução do homem que não tinha cachorro mas que precisava caçar, os parisienses decidiram fazer vida de praia às margens do Sena, em pleno coração da capital. «Quem não tem cachorro, caça com gato». Até melhorar a vida, que, em tais circunstâncias, se resume em disporem de transportes.

# A BEM AMADA

**Romance de THOMAS HARDY**

QUANDO o médico veio, confirmou a opinião de Pierston e das empregadas, e também achou que a morte fôra precipitada pela emoção produzida pela funesta notícia em coração já tão débil, depois de prolongada ansiedade. Não julgou necessário qualquer inquérito policial. A morte fôra natural.

As duas pessoas que Ruth avistara ao longe, envôlta na neblina da madrugada, seguiram pela esplanada vizinha à porta setentrional do castelo de Sylvania, onde se bifurcava a estreita rua que conduzia às ruínas do velho castelo. Quem os pudesse ouvir, nada mais entenderia do que ligeiras palavras entre êles. O homem andava com dificuldade, ajudado pela mulher. Quando chegaram ao castelo se detiveram e se beijaram durante algum tempo.

— Se não quisermos que nos descubram, temos que ir até Budmouth — disse êle tristemente. — E eu não me vejo capaz de atravessar a ilha, nem mesmo com a sua ajuda, minha querida. Faltam duas milhas até à beira do mar.

Ela, que ia tremendo, disse para consolá-lo:

— Se você pudesse andar, iríamos por «Street of Wells», onde talvez, alguém me reconhecesse. Mas, se formos até à enseada, não poderíamos alugar um dos botes que ali vi ontem, e seguir ao largo da costa até chegar do outro lado? Assim chegaríamos sem maiores dificuldades à cidade. Há calma no mar, e como as ondas vão naquela direção, nos impelirá sem que tenhamos necessidade de remar muito. Já fiz, várias vêzes, passeios em bote naquela direção.

Êste parecia ser o único plano realizável; abandonaram a estrada e contornaram o desfiladeiro, que fôra há muito tempo fôsso da fortaleza, e o cruzaram pela arcada do velho castelo, a qual lhes serviu de ponte.

Apesar da suavidade de seus passos, o ruído se refletia pela superfície vertical da rocha, tal o silêncio que reinava em derredor. Um pouco mais adiante saíram pela borda descoberta da fila inferior dos alcantilados, por cuja direita passava o escarpado caminho que conduzia a uma grota em sua base. Era o único local praticável para saída da ilha ou entrada na mesma, naquela parte, para uma embarcação, tendo sido, há tempos, um cais, no qual se embarcavam pedras e mais pedras, destinadas a grandes e formosos edifícios, dentre os quais a catedral de S. Paulo.

O tímido par desceu pela vereda, e a mulher denotava tão seguro conhecimento do lugar, que apenas apoiava a mão direita na muralha de pedra, como também fazia seu companheiro. Assim, com breves descansos para tomar fôlego, chegaram ao pé do penedo, faltando apenas poucos metros para entrar na planura da praia semeada de pequenas pedras. Era um local solitário, onde só aparece uma alma em cada vinte e quatro horas. Na praia contígua viram os fugitivos, duas ou três embarcações de pesca, além de duas menores, e junto a elas, barrotes resvaladores para lançá-las nágua, bem como um barraco coberto de tábuas onde se guardavam as embarcações. Os dois amantes combinaram suas fôrças para empurrar o bote menor, ajudados pela resvaladeira, até fazê-lo flutuar e embarcar com destino ao outro lado da baía.

A jovem rompeu o silêncio:

— Onde estão os remos?

Seu companheiro olhou por todos os cantos, e, sem encontrá-los disse:

— Esqueci de procurá-los.

— Devem estar guardados aí no barraco. Agora não nos resta outro jeito que não seguir ao léu da corrente.

O movimento das águas era muito irregular naquele local. Segundo havia dito a moça, as ondas se dirigiam para o norte. Mas, a cada onda, em determinados movimentos, sobrevinha leve refluxo à direção geral das vagas, a que os pescadores da localidade chamavam «o meridional». Provinha isso da configuração curvilínea daquelas costas que se dilatavam a leste e oeste do Beal, as quais derivavam até ao sul em duas correntes retrógrados em cada lado da península. O fluxo superior do canal e estas duas correntes confluíram mar a fora do Beal, de onde seguiam as ondas até ao norte. A confluência das três correntes produziam naquela parte do mar um fervedoiro, mesmo em tempo bonançoso. Nessa agitada área marinha davam o nome de Corrente, conforme sabemos já.

Assim é que, se bem o mar alto dirigisse suas ondas para a costa setentrional e terra firme de Wessex, «o meridional», impelia com pleno vigor para o Beal e a Corrente mais além. Não tardou o bote desliza


**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA**

**O escultor Jocelyn Pierston, tendo vivido tôda a sua mocidade em busca de um tipo de mulher que fôsse o da sua «Bem-Amada», pura imaginação, teve diversas noivas, inclusive Avícia Caro, sua conterrânea e companheira de infância. Tendo ela morrido e deixado uma filha, Pierston foi visitar-lhe o túmulo, apaixonando-se pela segunda Avícia. Mas, ainda desta vez não se casou. Depois disso empreendeu excursões por diversos países da Europa. Estava em Roma, quando soube que a segunda Avícia ficara viúva. Estava ela com 40 anos e êle com sessenta. Correu à ilha natal, no litoral inglês, e, em lugar de unir-se à viúva, ficou cheio de amôres pela filha dela, jovem muito linda e educada, também chamada Avícia. Pediu-a em casamento, apesar da diferença de idades: 20 para 60... Mas, ocultamente, a jovem amava um moço que era enteado de uma das ex-noivas de Pierston. No dia do casamento de Pierston com ela, Avícia fugiu com o namorado, deixando uma carta à sua mãe. Como esta estivesse de cama, com um ataque cardíaco, não suportou o choque e morreu.**




pela Corrente, e, os infortunados amantes, incapazes de controlar a direção à sua vontade, contemplavam as rochas vizinhas e a escarpada frente da ilha que se erguia mais em cima..

Miraram-se consternados um ao outro, embora sem temor, coisa imprópria ao natural otimismo da juventude. As vagas eram cada vez maiores, esguichando água nos dois estranhos navegantes. O bote baloiçava impelido pelos vigorosos açoites que recebia das ondas, de quando em quando, de sorte que o farol flutuante que avistavam desde a praia, e era o único ponto de orientação, em virtude da falta de rumo certo e controlado, tanto era visto à direita, como à esquerda. Entretanto, apesar disso, observavam que o rumo seguido era o do sul.

O rapaz teve então uma idéia: puxou do lenço e, com um fósforo, tocou-lhe fogo. Terminado o dêle, a jovem lhe entregou o dela, que também foi incendiado e agitado no ar. Era preciso continuar com os sinais, e ela entregou o guarda-chuva que trouxera. Abriram-no e o queimaram também, sustentando-o pelo cabo até consumir-se totalmente.

Durante todo êsse tempo luzes do farol flutuante se dirigiam constantemente para o bote, e, poucos minutos depois de queimados os lenços e o guarda-chuva, um jato de luz veio de lá e incidiu em cheio sôbre êles. Era a resposta dos faroleiros, de que haviam compreendido o pedido de socorro. Os dois jovem se abraçaram estreitamente.

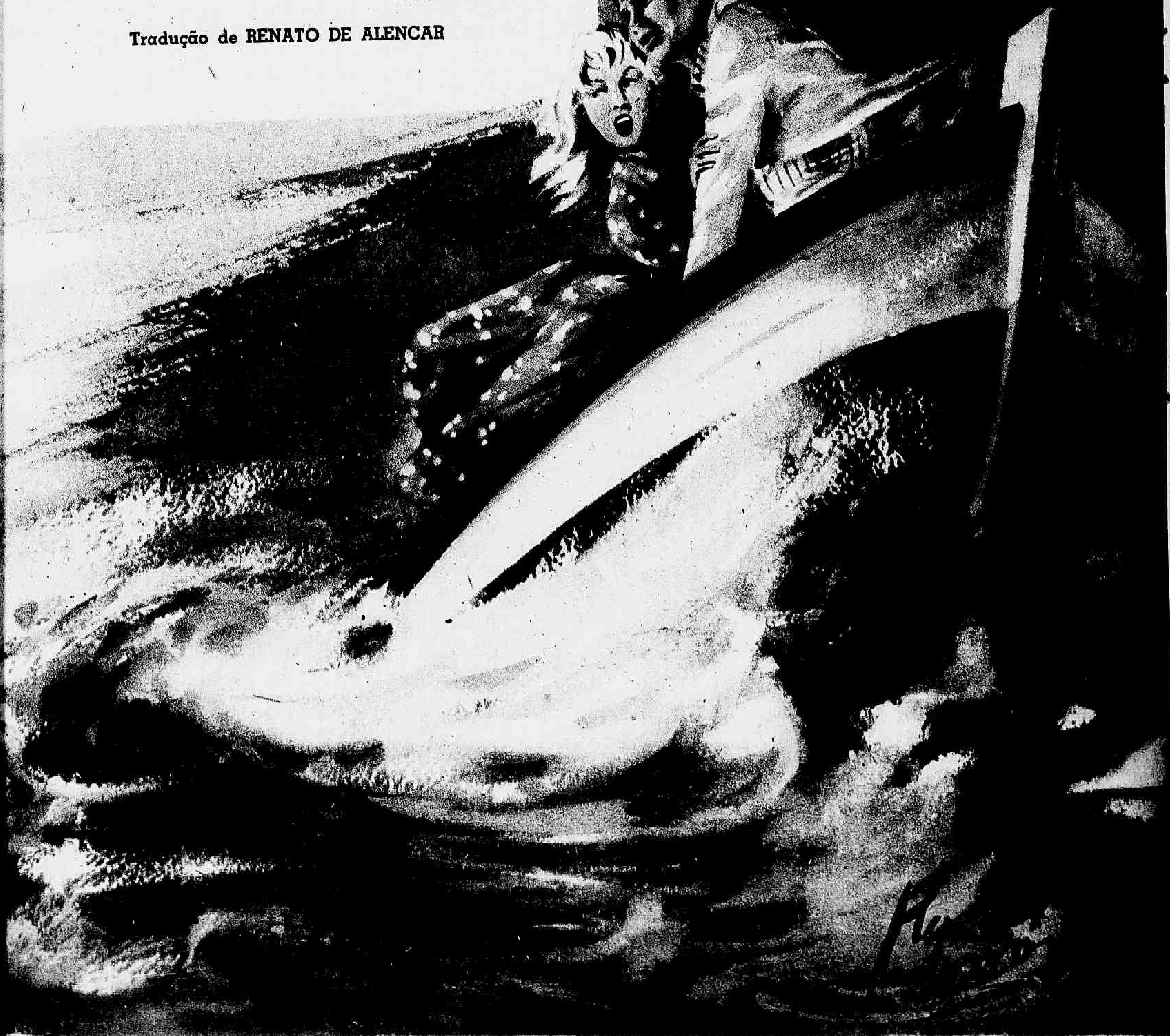
— Bem previa eu que não naufragaríamos! — disse Avícia com nervosismo na voz.

— Também eu pensava o mesmo! — exclamou êle.

Ao despontar o dia mandaram em seu auxílio um bote, que os rebocou até ao pesado navio de casco vermelho, com grandes letras brancas nos costados.

(Cont. na página 50)

**Tradução de RENATO DE ALENCAR**



Irradiando mocidade e beleza

PROTEJA

A SUA CÚTIS

COM

ANTISARDINA

O CREME CIENTÍFICO

ANTISARDINA renova as células da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, nua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTÌFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.




# DE TEATRO

J. TEIXEIRA

## SILVA FERREIRA

*QUANDO Silva Ferreira chegou ao Brasil de volta da Europa, ingressou na companhia "Artistas Unidos". Em seguida, foi convidado por Pascoal Carlos Magno, para dirigir, iluminar e cenarizar "Romeu e Julieta", de William Shakespeare, na excursão artística do Teatro do Estudante ao norte do Brasil, executando também os cenários e luzes das demais peças. Fêz conferências sôbre o teatro em diversas capitais do país, nesta temporada. Voltando ao Rio de Janeiro, dirige atualmente "Romeu e Julieta", de Anouilh, para o "Teatro da Semana", com cenários de Anísio Medeiros, e é um dos intérpretes da Companhia de Luisa Barreto Leite, além de diretor.*

ACABA de ser nomeado pelo sr. Aldo Calvet para o cargo de diretor do Conservatório Nacional de Teatro, o pintor e cenógrafo de teatro Tomás Santa Rosa Jr., que tomou posse no dia 12 de agôsto, em solenidade realizada no auditório Abadie Faria Rosa.

SERÁ comemorado no próximo dia 24 de setembro pela Companhia Dulcina e Odilon, que apresenta no Teatro Dulcina «O Imperador Galante», de R. Magalhães Júnior, a morte do Imperador D. Pedro I, com dois espetáculos: uma vesperal e uma récita.

● **A Prefeitura vai inaugurar no próximo dia 3 de outubro, o teatrinho de Marechal Hermes, com capacidade para trezentas pessoas e confortàvelmente instalado. O programa inaugural será organizado pela atriz Bibi Ferreira, que foi nomeada recentemente para trabalhar no Teatro Municipal. Éste teatrinho será cedido, logo em seguida ao seu programa inaugural, às companhias particulares, que ali irão em rodízio dar os seus espetáculos, a preços populares.**

A PREFEITURA também pretende criar no próximo ano, o Corpo Estadual de Comédia do Teatro Municipal, nos mesmos moldes da Comédia Francesa, com maiores poderes para a sua diretoria.

ZAQUIA JORGE acaba de estrear no Teatro Madureira, a revista de sua autoria a A. Bredas «A Galinha Comeu», apresentando um novo primeiro cômico — Almeidinha que é o diretor de cena da companhia.

● **Em nosso número anterior, anunciamos que os atores João Sérgio e Luís Carlos, além de José Lewgoy, se achavam no elenco de «O Homem, A Bêsta e a Virtude», de Pirandello, em tradução de Bandeira Duarte e Carla Civelli. Acontece que o juiz de Menores interditou a peça, em vista da presença daqueles atores juvenis. Luisa Barreto Leite foi obrigada a retirar os seus dois filhos da peça, substituindo-os por José Lewgoy e por outro ator. Os outros intérpretes são: Labanca, Nelson Dantas, Silvia Donato, Silva Ferreira e Roberto Cleto. Os cenários são de Santa Rosa e Nilson Penna, que executou os cenários «De Cação Dentro do Pão», de R. Magalhães Júnior.**

A REVELAÇÃO do Teatro Duse e atualmente a primeira atriz cômica da Companhia de Revistas de Zilco Ribeiro, Consuelo Leandro, será homenageada pelos seus colegas da nova geração, como um símbolo desta mesma geração, com um «cock-tail» a ser realizado brevemente.

A PORTUGUÊSA Dalila de Castro, que veio ao Brasil com o «ballet» de Charles, para atuar na Companhia de Revistas de Luís Galvão, aqui ficou, e assinou contrato com Zilco Ribeiro, estreando na revista «Tout Va Très Bien». Na próxima peça ela vai cantar, dançar e representar.

● **A atriz Bibi Ferreira apresentará dentro de suas funções que é a de dirigir a parte de espetáculos de comédia do Teatro Municipal, um grande espetáculo infantil no Natal, com deslumbrante montagem, coros, «ballet» e orquestra, a realizar-se nos meses de dezembro e janeiro, e na Semana Santa, um espetáculo sacri. funcionando o Teatro Municipal pela primeira vez nesta semana, com um espetáculo dedicado à data cristã.**

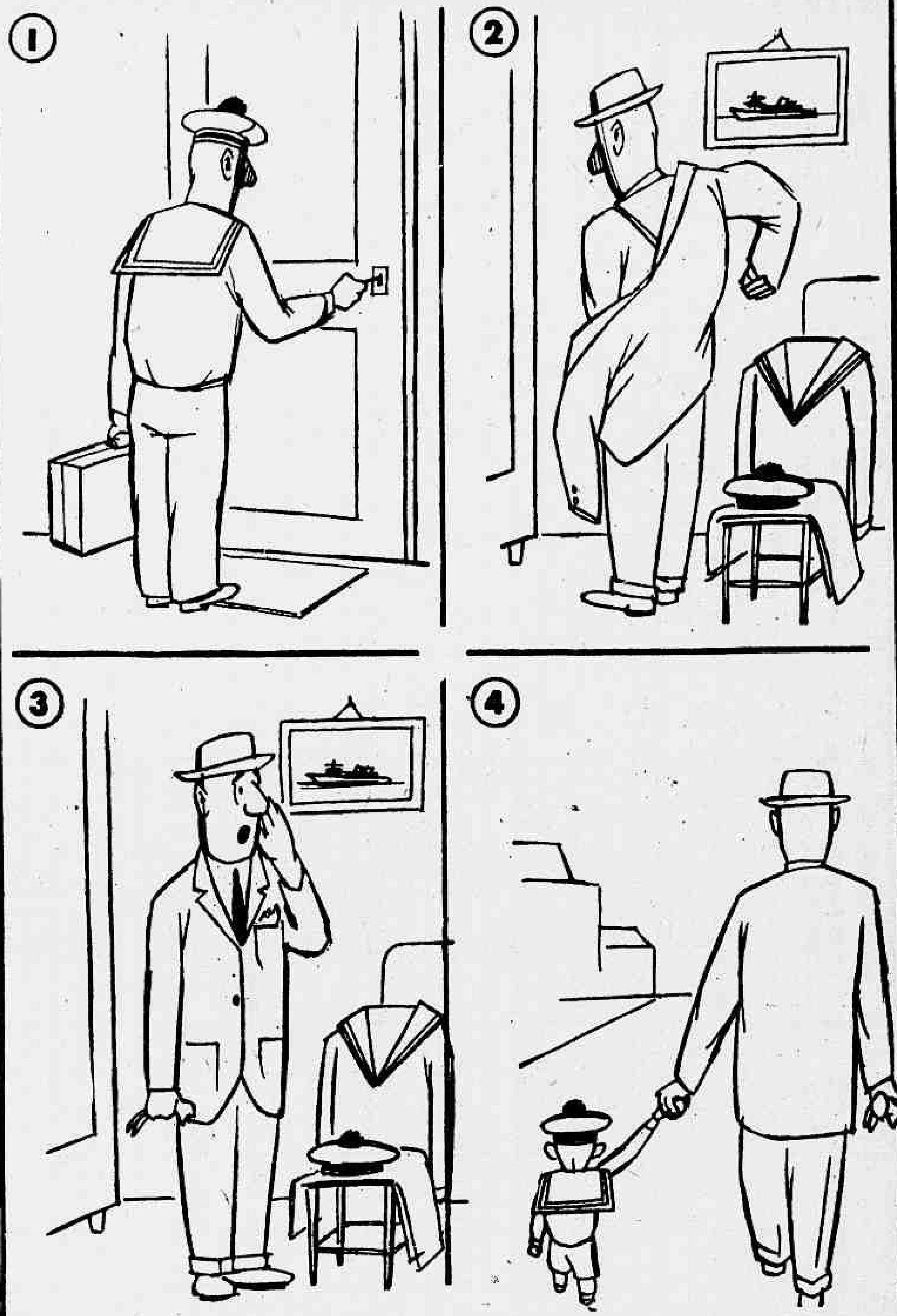


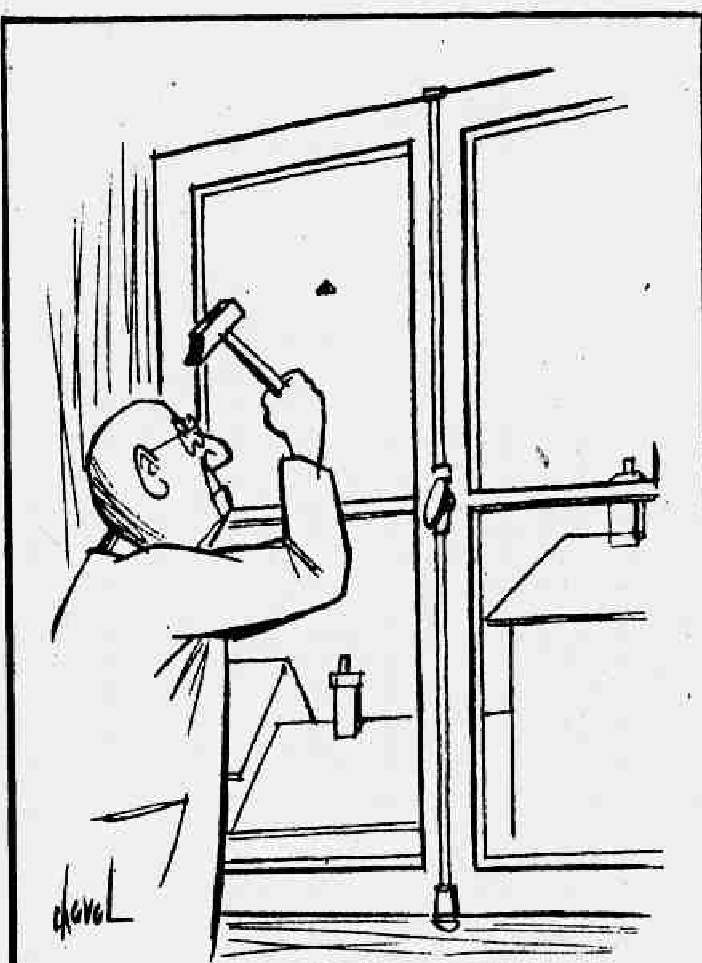
Geraldo Campos, autor de «Meus Adoráveis Maridos», cujas peças são apresentadas pelo elenco de amadores «Os Idealistas».

● **Os «Artistas Unidos» reiniciaram as suas atividades no Teatro República, a preços populares, continuando com a representação da peça «Mulheres Feias». Em seguida apresentarão «A Cegonha se Diverte», «Jesebel», «Os Filhos de Eduardo», «Um Cravo na Lapela», «A Mulher Sem Alma», etc., sendo os cenários inteiramente novos.**

A COMPANHIA de Revistas de Joana D'Arc acaba de estrear a revista «A Bomba da Paz», de Nestor de Holanda, nosso confrade de «A Noite», com Dercy Gonçalves, Jaime Costa, Joana D'Arc, Berta Rosanova, David Dupré, etc.

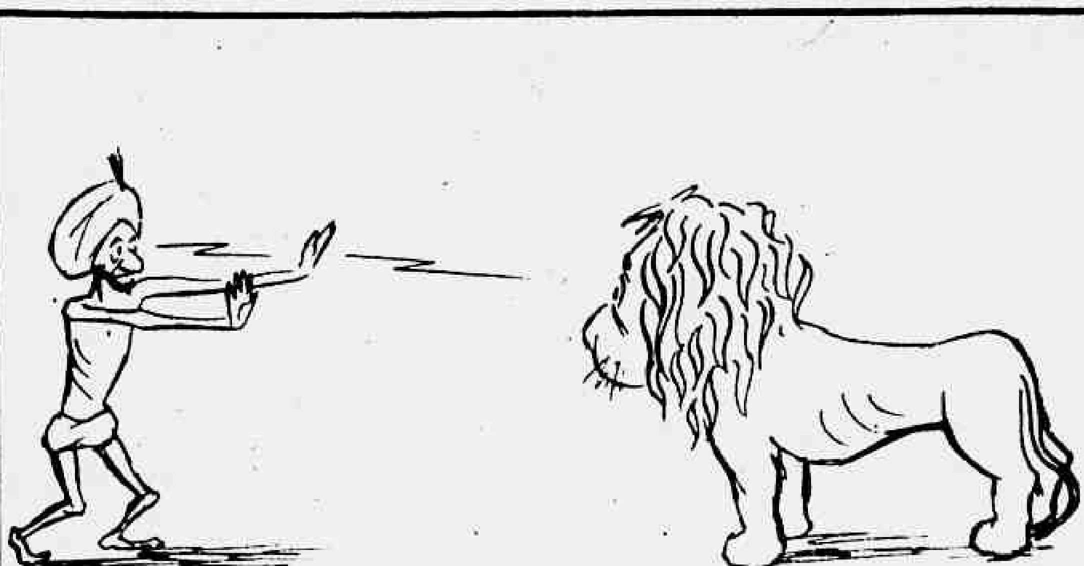


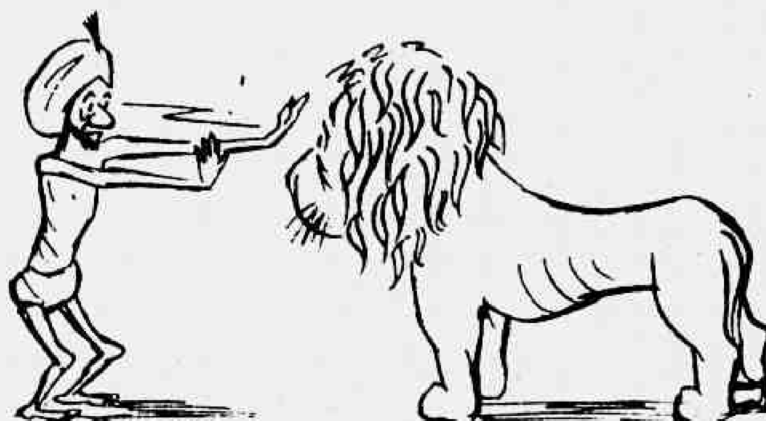




# O RISO DOS OUTROS







# ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA



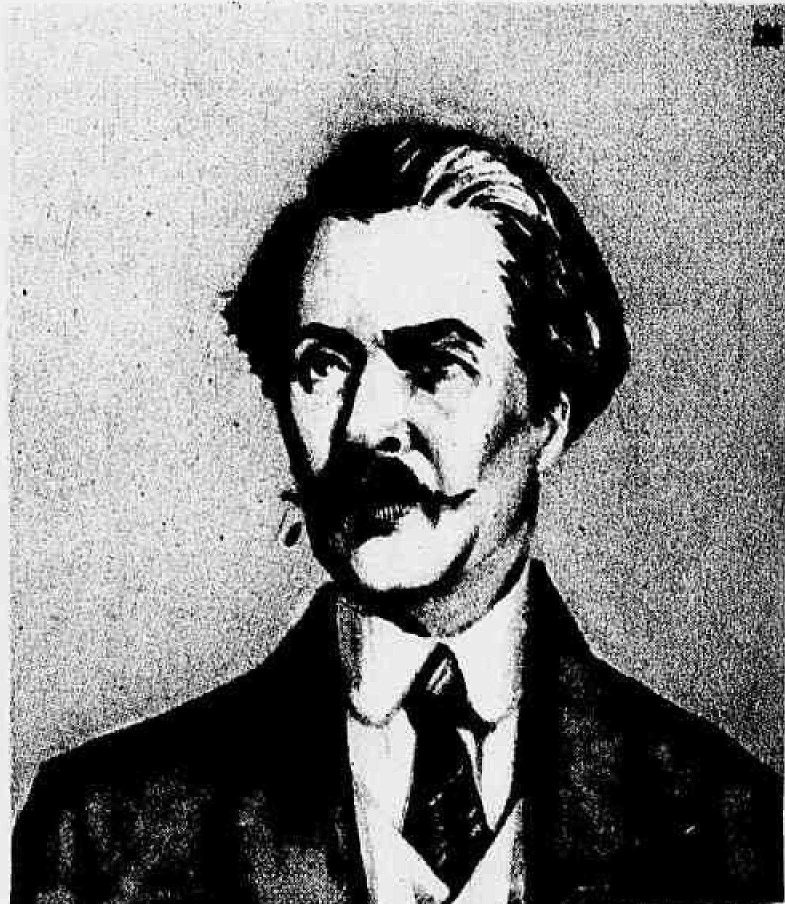
A partir da edição da REVISTA DA SEMANA nº 27, de 4 de julho p.p., começou a segunda viagem turústica Rio-Salvador e Salvador-Rio, a encerrar-se com o cromo nº 312, até a última edição de dezembro próximo. Não se preocupem os colecionadores do ÁLBUM com a demora na publicação de algumas figurinhas que vão ficando atrasadas, enquanto outras surgem. Nosso desejo era o de seguirmos a ordem consecutiva; mas, nem sempre podemos obter gravuras ou fotografias que se prestem para os desenhos com a perfeição com que os estamos publicando, de maneira que nos vemos forçados a saltear os cromos. Mais uma vez avisamos que não há **figuras prêsas**. Tôda a coleção sairá, impreterìvelmente, até ao fim do mês do Natal dêste ano. Os que não colecionaram as figurinhas da primeira viagem podem fazê-lo nesta segunda, sem prejuízo para seus direitos aos prêmios do Natal.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro

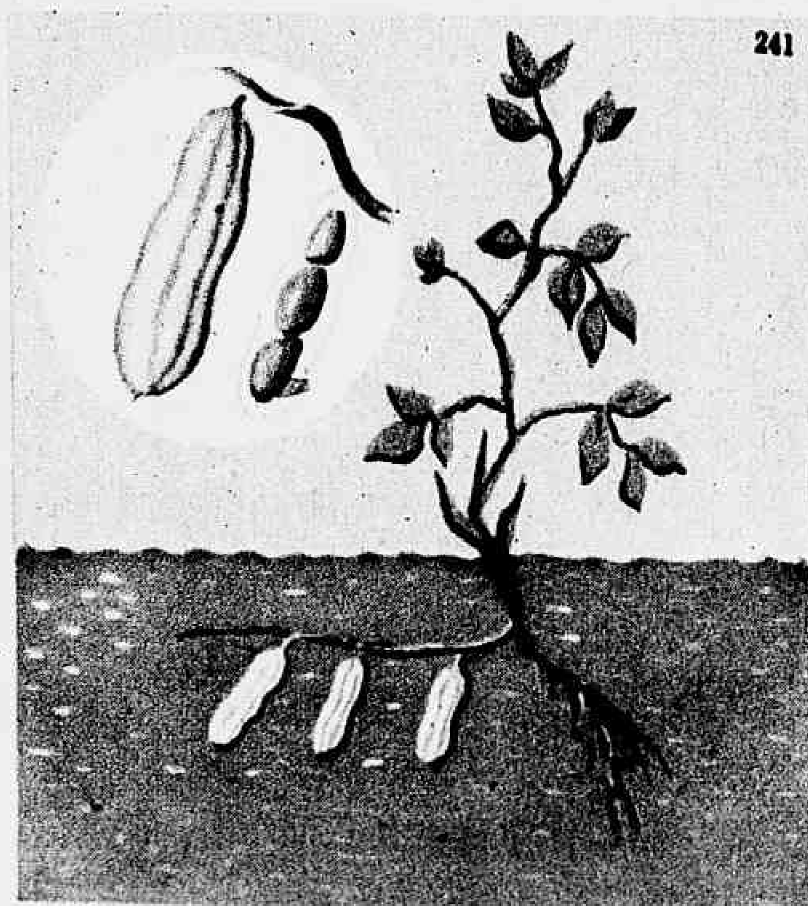















# AS CONFISSÕES DE BÉRIA (II)



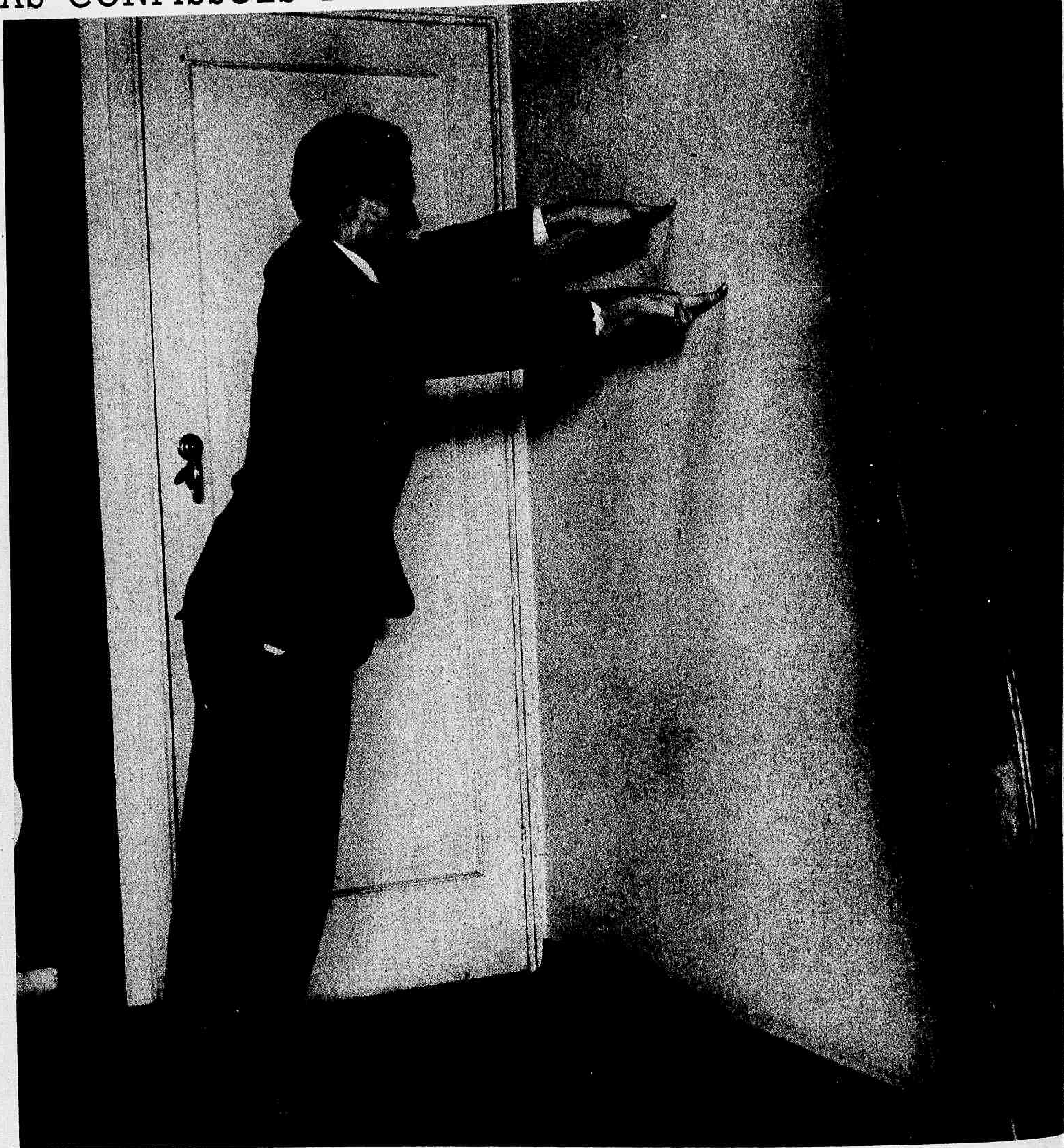
Uma luz ofuscante é assestada sôbre o rosto do prisioneiro, de tal modo que tôda a fortaleza de espírito ruía. Alguns dêsses desgraçados julgavam que isto conduzia à hipnóse, e, por isto, já entravam na sala de interrogatório abatidos e derrotados.

# COMO BÉRIA FORÇAVA SUAS VÍTIMAS A CONFESSAR

*TUTAEV CONTINUA A EXPOR OS MÉTODOS SATÂNICOS DE LAURENTI BERIA, O HOMEM QUE ESCRAVIZOU CENTENAS DE MILHARES DE PESSOAS, CRIANDO UM REGIME DE POLÍCIA E VIGILÂNCIA DENTRO DA UNIÃO SOVIÉTICA QUE MANTINHA EM SOBRESSALTO ATÉ OS PRÓPRIOS CHEFES DO KREMLIN. NESTA SEGUNDA REPORTAGEM, FICAM POSITIVADAS A CRUELDADE E O SADISMO COM QUE A POLÍCIA SECRETA DA RÚSSIA MINAVA A RESISTÊNCIA DAQUELES QUE LHE CAÍAM NAS GARRAS, VALENDO-SE DE LUZES OFUSCANTES, DA FOME, DA HUMILHAÇÃO, E PRIVANDO AS VÍTIMAS DE UMA DAS NECESSIDADES ESSENCIAIS DO ORGANISMO — O SONO. REDUZIDOS A SIMPLES AUTÔMATOS NÃO RESISTIAM.*

Por DAVID TUTAEV — (Exclusividade para a REVISTA DA SEMANA em todo o Brasil).

# AS CONFISSÕES DE BÉRIA (II)



## A BATALHA DAS VONTADES, EM LUBIANKA

**Eis um dos meios a que recorriam os sequazes de Beria, demonstrado por Tutaev, a fim de obter confissões, ou abater o ânimo: o prêso era obrigado a afastar-se de uma parede e manter o equilíbrio com a ponta do indicador. Era tal o esfôrço, que a vítima caía sem sentidos ao solo**

A odiada prisão de Lubianka, quartel-general do mecanismo da polícia secreta controlada pelo agora desgraçado Laurenti Beria, dista cinco minutos a pé do Kremlin. É uma estrutura de feio aspecto, tôda em granito cinzento, dotado de seis patamares.

No seu interior, sob o regime de Beria, havia uma limpeza e um silêncio quase hospitalares. Os soalhos eram cobertos com grossos tapêtes de borracha. As paredes eram pintadas com uma côr creme delicada. Em cada aposento havia um pequeno banheiro, com água quente e fria. Os que ali «trabalhavam» vestiam uniformes verdes bem talhados, com botas de montaria caprichosamente polidas. Em tudo havia uma aparência superficial de polidez; a brutalidade do tipo de bofetões era utilizada muito raramente.

Que havia, então, ali no seu interior capaz de manter os russos atemorizados por mais de uma década? Como era possível que ex-prisioneiros de Lubianka, com a integridade física perfeita, sem um arranhão (os próprios barbeiros da prisão colocavam-se entre os melhores do país), pudessem apresentar-se de ânimo quebrado, incapacitados para seguir o ritmo normal de vida, que levavam antes do seu encarceramento?

Beria confiava na tortura física, para os casos de maior teimosia, mas preferia utilizar, com verdadeiro fascínio, os princípios estabelecidos pelos juízes da Inquisição Espanhola, segundo os quais «nem sempre a mesma medicina deve ser aplicada a tôdas as partes do corpo e, portanto, métodos diferentes devem ser utilizados em pessoas diferentes».

O tormento físico freqüentemente reforçava o espírito de resistência dos «heréticos» de Beria. Em conseqüência, êle costumava utilizar um sistema cuidadosamente elaborado de tortura física e psicológica. Seus principais aliados eram a fome, a insônia, as luzes ofuscantes e

várias formas de humilhação, tôdas elas aplicadas aos prisioneiros em períodos que duravam de cinco semanas (o «tratamento» mínimo) a um ano, sendo êste período máximo dedicado aos casos mais difíceis.

«El Campesino», um general republicano espanhol que «experimentou» o sistema de torturas de Beria, revela em **Escutem, Camaradas** (publicado por Heinemann) o uso da «sobatchnik» ou «casa de cão», uma cela de um metro por um metro, na qual êle foi conservado durante seis dias, como um processo preliminar de abrandamento. Fala também de um quarto nu, dotado de jatos de água gelada em alta pressão, que eram dirigidos de todos os lados sôbre o seu corpo despido. O choque experimentado quase fêz seu coração parar. Isto se deu em 1945, no auge do poder de Beria. Mas El Campesino resistiu a tôdas as provações, não se deixando quebrar por Beria. Êle não «confessou» e escapou em 1949.

Uma outra testemunha, Alexander Weissberg (**A Conspiração do Silêncio**, editada por Hamish Hamilton) diz que resistiu ao terrível método de «sugestão» e interrogação, no qual seus inquisitores mudavam constantemente, enquanto a vítima permanecia sentada num banquinho por sete dias inteiros. Êle «confessou» à meia-noite do sétimo dia. Mais tarde, quando recusou assinar uma confissão, foi colocado numa cadeira desprovida de assento:

«...os suportes da mesma cortavam-me as coxas... isto era òbviamente um progresso técnico. Ninguém seria capaz de resistir por muito tempo a um interrogatório dêsse tipo...».

Beria pouco tempo depois aboliu êste sistema, passando a manter suas vítimas encerradas num pequeno armário durante quarenta e oito horas, até que as mesmas se decidissem a cooperar.

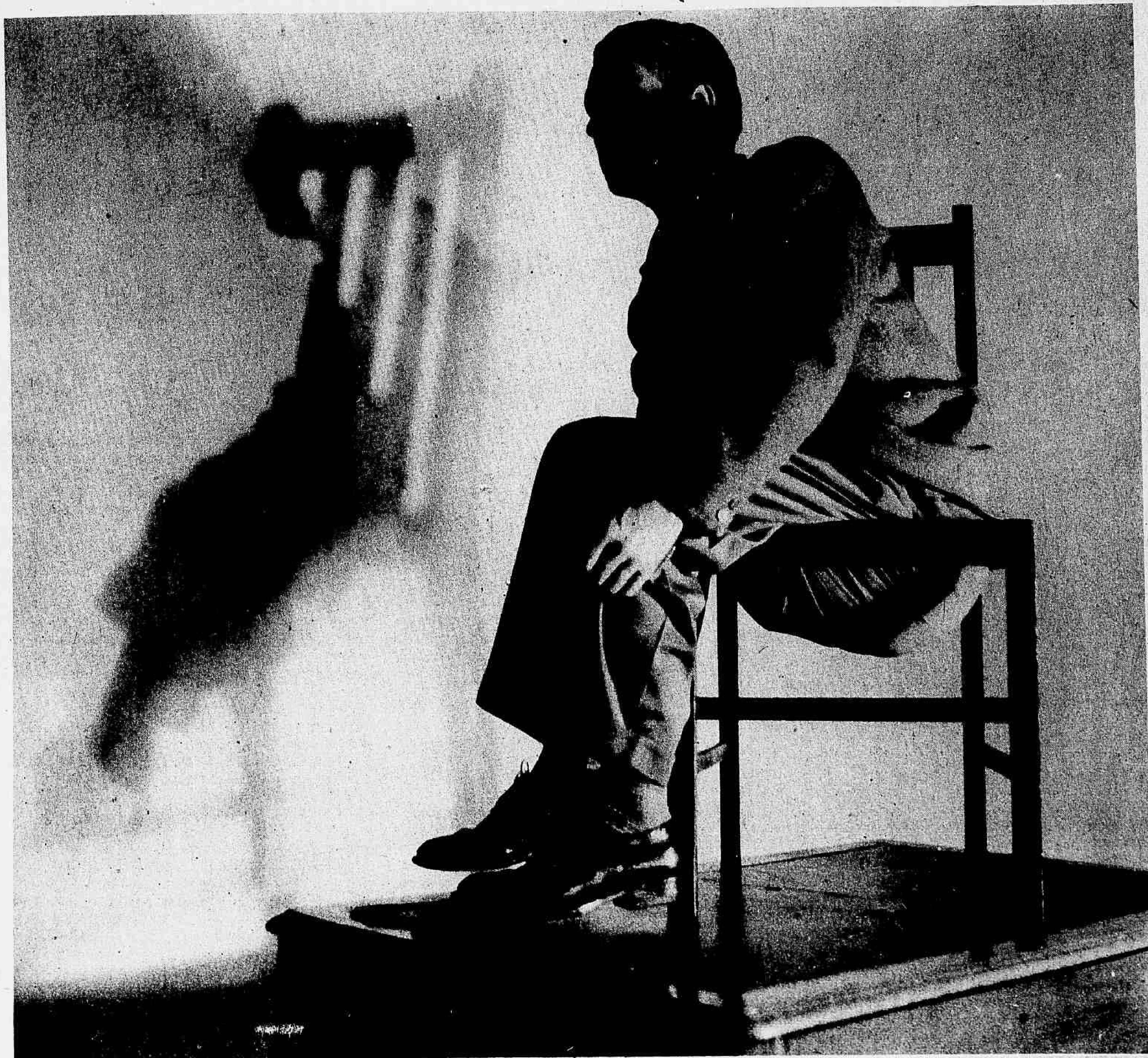
Outros prisioneiros testemunhavam a cruciante tortura pela qual homens esfomeados viam um garção, em uniforme imaculadamente branco, trazer uma bandeja de prata e sôbre a qual se encontrava uma terrina também de prata, em cujo interior havia um apetitoso pão de centeio.

Um prisioneiro búlgaro, Michael Shipkov, descreveu, pouco antes de ser novamente prêso, como fôra obrigado a se apoiar numa parede com apenas dois dedos, mais precisamente os indicadores, com o corpo afastado da mesma, assim permanecendo durante alguns minutos. Cedo êle alcançou um ponto em que «minhas pernas e ombros começaram a adormecer e tremer». Após mais alguns minutos, caiu ao chão... «Disse-lhes então que estava disposto a contar tudo que quisessem».

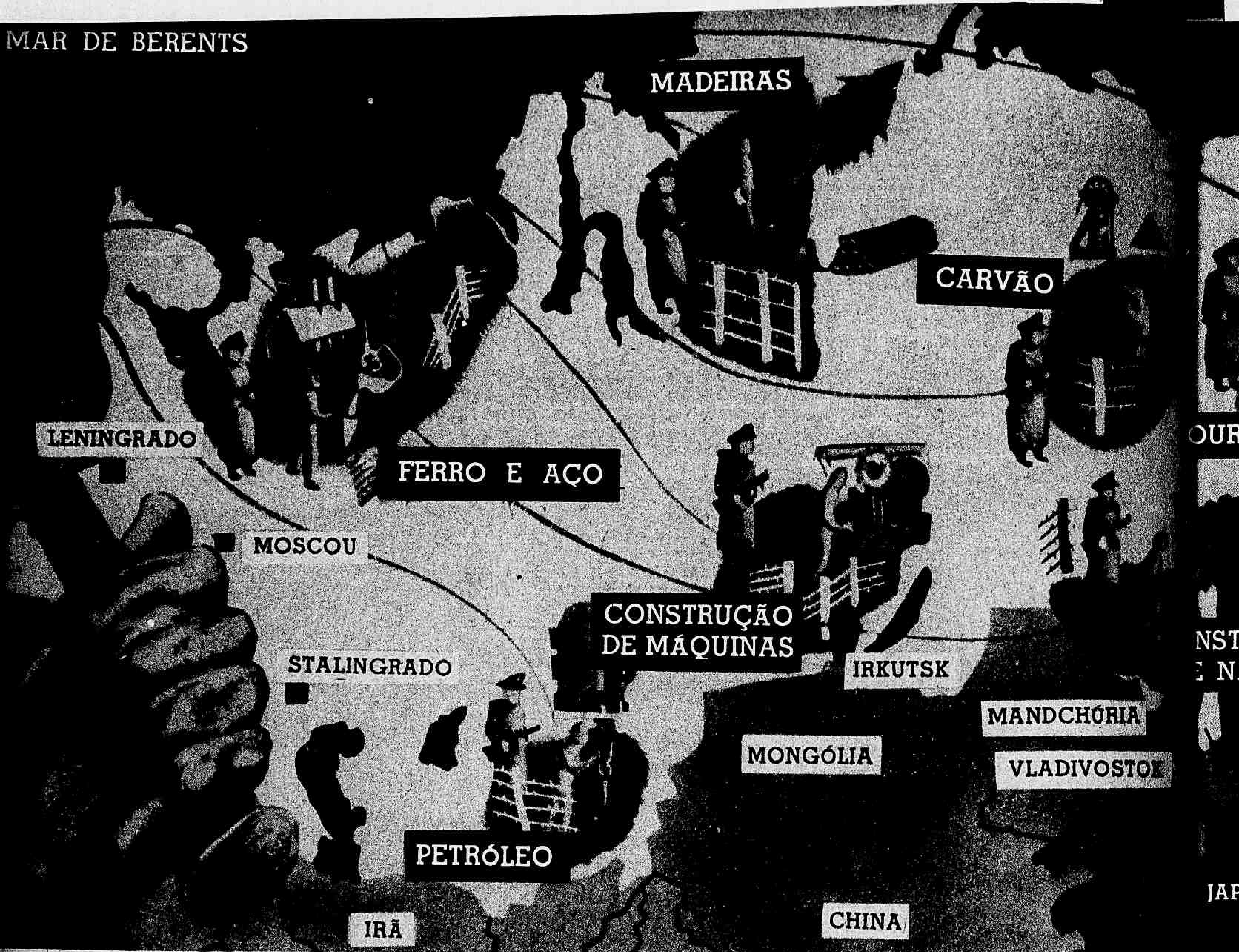
Alguns prisioneiros acreditam que uma luz ofuscante focalizada em seu rosto durante questionamentos intermináveis se presta para a hipnose. No entanto, êste método era utilizado sòmente em casos de relativa importância. Nenhum homem, declaram os técnicos, pode ser persuadido a repudiar suas convicções morais sob hipnose.

O uso de drogas administradas aos alimentos ou por meio de seringas hipodérmicas, era também parte da técnica «preliminar», embora jamais fôssem efetivas por períodos longos. Beria descobriu também que as chamadas drogas da verdade, como o pentotral de sódio, a scopalimina e outras, tinham a característica inconveniente de conduzir a uma verdade distante daquela que os interrogadores desejavam. Um homem inocente continuava inocente, não importando a quantidade dessas drogas que lhe fôssem ministradas.

Mas a infligção de sofrimentos ou a utilização de drogas era, em muitos casos, apenas uma parte do sistema de Beria em transtornar a vontade e a mente de um homem. A teoria do processo do «Himmler Vermelho» era a seguinte: se a psicologia e a psiquiatria modernas podem tornar são um homem mentalmente doente, o abuso das mesmas pode tornar



**Outro processo cruel ali empregado, era o de interrogar o prisioneiro, durante certo tempo, mantendo-o sentado numa cadeira sem fundos, com os suportes a cortar-lhe as pernas. A vítima perdia os sentidos como sucedia no processo dos dois dedos médios na parede. A dor era pior.**




# ÊSTES ERAM OS DOMÍNIOS DO IMPÉRIO ESCRAVAG

**Os 125 campos de concentração do marechal russo, cujos grupos principais, aqui apresentados, estavam repletos de prisioneiros que haviam «confessado» e sido enviados para trabalhar nas principais indústrias da União Soviética: carvão, mineração de ouro e cromo, construção de navios, petróleo e corte de madeiras. Freqüentemente, a vigilante polícia de Beria conseguia lucros enormes nesses serviços. Os homens destinados às indústrias ... ração e corte de madeiras, recebiam um ... 1.292 calorias, ao invés das 4.000 necessárias ... ta espécie de labor. Os cães utilizados ... biam uma ração diária quase equivalente**

insano um homem que goze boas condições de saúde.

Há cêrca de cem anos, o celebrado autor russo Dostoievsky (uma autoridade em mentes doentias) afirmou:

«É difícil imaginar o quanto pode ser destorcida a natureza de um homem.»

A imaginação de Beria, no entanto, jamais deixou de proporcionar-lhe novas idéias de procedimento desumano. El Campesino referiu-se diversas vêzes à humilhação com que trocava suas roupas comuns por um par de calças ridìculamente curtas e uma camisa da qual fôra arrancada uma das mangas.

— Meus carcereiros eram bons psicólogos — êle declarou.

Weissberg, um cientista judeu de origem austríaca e em certa época membro do Partido Comunista, foi obrigado a usar um barrete de asno, do tipo utilizado nas escolas, com uma suástica nêle gravada.

Falsas execuções com todos os terríveis preparativos (como o saco pôsto sôbre a cabeça da vítima), a ordem de fogo e a «rajada» mortal — tudo isso era tão velho quanto a própria polícia secreta. Da mesma forma é o hábito de carregar pelos corredores prisioneiros a gritar desesperadamente ou o de confrontar alguém com um amigo ou parente em condições de extremo abatimento.

Mas êstes eram exercícios elementares para a polícia de Beria. Seus agentes aprenderam a penetrar fundo na mente. Um interrogatório constante e a repetição forçada da história de sua vida acabavam por produzir com freqüência um «complexo de culpa» no prisioneiro.

O mais ligeiro desvio, a menor contradição, fazia com que o homem fôsse imediatamente mandado para sua cela a fim de tornar a escrever e pensar novamente em tôdas as «explicações» que até então fôra obrigado a apresentar.

Para muitos russos criados segundo a tradição soviética de auto-crítica, o passo para uma confissão completa não é difícil de executar. Beria também se baseava nesse fator, como os seus predecessores. Os primeiros a «confessar» são usualmente comunistas, e os últimos, pessoas de forte convicção religiosa.

Talvez os comunistas compreendam a desesperança de suas condições melhor do que quaisquer outros. Êles sabem que a polícia secreta jamais solta um comunista prêso como infrator dos artigos 58 e 59 do Código Criminal.

O seu senso de disciplina é sempre invocado para encorajar uma rápida confissão, e o seu senso de condenação e falta de propósito também proporcionam oportunidade de uma rápida retratação. Bukharin no seu julgamento, ocorrido em 1938, fêz ecoar êste dilema, quando perguntou:

— Se vocês devem morrer, **para que** estão morrendo?

Slansky, Clementis e os outros satélites «traidores» devem ter sido inclinados a fazer a mesma pergunta. A êles não era permitido inquirir o motivo. Também morreram pela causa quando lhes foi explicado que não tinham outra escolha a fazer.

Antes que Beria tomasse o comando do mecanismo da polícia, tinham havido seis grandes julgamentos de «confessos» na União Soviética, entre 1922-1938, inclusive o famoso julgamento da notória companhia elétrica Metro-Vickers, em 1933. Êsses processos culminaram com a extinção dos remanescentes da «Velha Guarda» de Lenine, em 1938, poucos meses antes de Beria assumir o cargo.

A transparência e fraqueza das acusações e motivos dessas farsas judiciais levaram a um ambiente de comédia e falsidade durante e após os julgamentos. Todos foram realizados no Salão das Colunas, um antigo clube de nobres russos. Beria serviu-se dêsse arranjo teatral sòmente uma vez: para o julgamento de dezesseis membros da Resistência Polonesa, em 1945. Mas nos países satélites, êle encorajou as fôrças da polícia do Estado a iniciarem uma série de julgamentos dos «traidores desmascarados».

O marechal russo sabia que o espetáculo de homens respeitáveis se arrastando diante dos seus juízes removia qualquer aspecto de martírio. A «verdade» tornou-se uma exclusiva propriedade de Beria e seus sequazes. E êle tinha meios para modificar as convicções e as crenças de um homem, moldando-o novamente de acôrdo com a imagem desejada.

OURO

NSTRUÇÃO
NAVIOS

OCEANO PACÍFICO

JAPÃO

GRAN

## DE BÉRIA

**sadas, como as de mine-
ásica diária de sòmente
alhar continuamente nes-
a dêsses escravos rece-
risioneiros: 1.183 calorias.**

Os homens que foram capazes de resistir à ofensiva psicológica do «Himmler Vermelho» podem ser contados pelos dedos de uma só mão. Um dêsses homens foi Zbigniew Stypulkowski, um antigo membro do Parlamento polonês, que foi julgado, juntamente com quinze outros elementos da resistência daquele país, no Salão das Colunas de Moscou, em março de 1945.

Stypulkowski foi o único homem levado diante dos juízes soviéticos a manter a afirmativa de não ser culpado. Um outro acusado, Krestinsky, retirou a sua declaração de inocência após um intervalo de vinte e quatro horas no julgamento realizado em março de 1938.

Stypulkowski contou-me como era aplicado o sistema de «confissões» do ignominioso Beria.

— O aumento constante da fome afetava minha energia física, assim como o estado de minha mente. — disse.

Os primeiros sintomas — pés dormentes — deixaram-no alarmado, mas ao fim de um certo tempo êle descobriu que o jejum «pode ser a fonte de uma energia interior».

O objetivo inicial dos interrogados da Prisão de Lubianka, em Moscou, era adquirir um conhecimento dos hábitos e das características do prisioneiro e estabelecer o seu grau de inteligência, caráter e poder de resistência. Nada era por demais insignificante para êles. O segundo objetivo era trabalhar na mente do mesmo, e enfraquecê-lo graças a uma constante referência às suas esperanças e temores,

# AS CONFISSÕES DE BÉRIA

alternando ràpidamente os seus pensamentos com variações de pessimismo para otimismo, e assim sucessivamente.

Stypulkowski deu um exemplo da técnica de Beria em estimular o complexo de culpa. Um amigo, iludido pelos processos conciliatórios de seus inquisitores, admitiu que tinha três irmãs, a mais jovem contando setenta e três anos. No dia seguinte, a escrivaninha dos inquisitores estava repleta de notas e aspectos da casa das irmãs: livros, fotografias e cartas. O prisioneiro julgou que as mesmas tivessem sido prêsas e passou a sofrer de um errôneo senso de culpa por havê-las traído.

Como Stypulkowski conseguiu se sobrepor aos processos de Beria em obter confissões?

— Uma vez que o homem pense que seus interrogadores sabem de tudo, está perdido. — Êle me disse. Passa então a confundir os fatos, repete acontecimentos de que quase não se lembra, e inventa uma série de mentiras, com o intuito de agradar aos seus torturadores.

Stypulkowski recusou-se a acreditar no poder do seu inquisitor, um major de nome Tichonov, que o examinou por 141 vêzes, com períodos que duravam mais de quinze horas.

No último interrogatório, quando Stypulkowski já estava a ponto de se sujeitar, encontrou o major sentado numa espreguiçadeira, exausto.

— Pensa que me pode dominar! — gritou então para o agente de Beria — Mas eu é que acabarei por derrotá-lo!

O mêdo do inquisitor em perder a batalha mental que travava, e o temor das conseqüências que isto lhe acarretaria, auxiliaram bastante a Stypulkowski.

— Compreendi — disse-me êle — que podia resistir, agora que o sectário de Beria já esgotara os seus recursos inquisitórios.

Isso e o fato de ter sido inesperadamente mandado de volta à cela duas ou três horas mais cedo do que o usual, salvaram Stypulkowski de fazer qualquer «confissão».

Alguns dias antes do seu julgamento, êsse prisioneiro polonês foi engordado com refeições verdadeiramente principescas — seu pequeno almôço chegou a constar de ovos, torradas e «bacon» inglês. Um barbeiro, ao cortar-lhe o cabelo, teve o zêlo de perguntar:

— Não deseja um pouco de água de colônia?

O espírito de resistência de Stypulkowski e a sua abnegação aos princípios morais que lhe guiavam os passos foram finalmente recompensados. A pena que lhe foi imposta não passou de quatro meses de prisão. Os demais acusados, julgados em sua companhia, foram sentenciados a períodos superiores a oito e dez anos.

**ÊLE FÊZ SEU INTERROGADOR DESISTIR: — Os homens de Beria levaram Zbigniew Stypulkowski quase ao ponto de abatimento e desânimo mas, ao fim do longo período de ininterrupto interrogatório, quem acabou desistindo foi o seu terrível inquisitor.**



# Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

## ILKA SANCHES



**UMA DAS mais belas vozes da atual poesia feminina brasileira, Ilka Sanches tem visto saudado por quantos se interessam pelos acontecimentos líricos, seu último livro, «País Distante». Êsse novo livro de poemas de Ilka de fato veio confirmar aquêles dotes que se insinuavam através dos versos de seu primeiro volume, de título tão expressivo — aliás, como o segundo — «Baladas do Nunca Mais».**

**Em «País Distante», o que principalmente notamos foi uma desenvoltura de movimentos mais acentuada, no que diz com a técnica, uma inflexão mais segura, na sua mensagem lírica. É bem um segundo livro, mais confiante, mais certo de seus valores, de suas intercadências. Vale dizer: é obra que confirma um talento seleto, de poderosa fôrça criadora, e uma sensibilidade refinada, uma vocação definitiva.**

**Sua musa, aquela que mais habitualmente freqüenta os seus silêncios, é nostálgica, melancólica. Ilka é um temperamento que se comove com o espetáculo das dores do mundo. Daí êsse desejo permanente de «escape» que lhe encontramos nos versos, daí sua ânsia de distância, de deserção, de exílio. Se não fôsse congênitamente poeta, se não sentisse essa exigência impetuosa de poesia, por certo não se poderia salvar. Encontrou, porém, em si mesma, nessa vocação tão forte e tão emocionante de tons e de acentos, o apoio que seu coração aflito estava desejando. Assim, ela se entrega de corpo e alma à poesia. De corpo e alma, exatamente, pois seus poemas participam também do físico, da vida, assume formas plásticas, pelas imagens, pela técnica, pelo vocabulário, pela confidência. E é por essas virtudes terrenas, mais que pelas angélicas, pela sua proximidade de nossos próprios sofrimentos, de nossas angústias que ela se torna tão compreensiva e tão amável.**

**«País Distante» é, sem dúvida, um dos grandes livros de poesia dêste ano.**

### NO MUNDO DAS LETRAS

★ Apresentando seu livro «A Palavra Escrita e Sua História», em trabalho gráfico da Melhoramentos, diz Hernani Donato: «Ao nosso redor, e a cada minuto, tudo lembra a palavra escrita. Dela nos servimos quase tanto quanto da palavra falada. Ao homem do século vinte é impossível imaginar o mundo sem o abecedário. Essas letras que, inicialmente, formam palavras; e, depois, frases; e, em seguida, representam idéias; e logo mais são lições nos livros escolares, notícias nos jornais, mensagens nos telegramas, e leis, e discursos, e sermões — essas letras são partes de nossa vida . . .».

### FORA DO PRELO

● A ESCOLA PRIMARIA RURAL — Falando a respeito da educação rural, mestre Fernando de Azevedo observou: «A questão da educação rural, não é sòmente uma questão de interêsse pedagógico, puramente técnico ou caráter regional: ela é de uma grande complexidade e toca os interêsses essenciais do país». Nesse sentido, isto é, no sentido de contribuir eficazmente para a solução dêsse importante problema, surge esta obra assinada pela professôra Ruth Ivoty Tôrres da Silva (Editôra Globo), onde a questão é tratada minuciosamente e vista de todos os seus ângulos. Livro enriquecido de ilustrações, quadros sinóticos e esquemas planificadores, é indispensável não apenas aos especialistas e a quantos se interessam pelas questões educacionais como, principalmente, ao nosso magistério rural.

● CERTAME DOS JABUTIS — Até hoje não conseguiram os especialistas em zoologia, folclore e indiologia descobrir o motivo que levou os silvícolas brasileiros a simbolizar no jabuti a paciência e a astúcia. De qualquer maneira, porém, é um animal que figura entre os mais simpáticos à infância. Material didático justamente considerado de primeira qualidade, «Certame dos Jabutis», que as Edições Melhoramentos acabam de tirar do prelo, atende a essa tradicional simpatia. Em bonita caixa que contém as cartelas e os dados, «Certame dos Jabutis» pode ser disputado até por 12 pessoas, constituindo passatempo agradável.

● A PRINCESA BRANCA — Isaac Abdalla explora neste livro um gênero muito pouco visitado pelos nossos escritores: a aventura. E o faz com o desembaraço, a riqueza de imaginação que já consagrou alguns autores estrangeiros. Isaac Abdalla deixa ótima impressão de suas possibilidades no gênero, aparecendo de forma a justificar sua inclusão entre os escritores preferidos pelos amantes da literatura aventuresca. (Pongetti).

### NOTÍCIAS DE S. PAULO

A CAPITAL bandeirante continu[a] recebendo visitas ilustres. Primeiramente o conhecido poeta cubano, Nicolás Guillén. Agora, o grande ensaísta Gregório Marañon, que aliás foi alvo de expres[-]siva homenagem no já célebre Salão de Literatura e Arte de Carmen Dolores Barbosa. Durante o coquetel oferecido ao autor de «Amiel» e de «D. Juan», tivemos a oportunidade de anotar a presença dos seguintes intelectuais: Mário Donato, José Tavares de Miranda, Oliveira Ribeiro Neto, José Geraldo Vieira, Maria de Lourdes Teixeira, Maria José de Carvalho, Diogo Assis Pacheco, Darcy Penteado, Maria de Lourdes Lebert, Osmar Pimentel, Vicente Ferreira da Silva, Edgard Braga, Antônio Rangel Bandeira, Maria Penteado de Camargo, Reynaldo Bairão, Christina e Victor de Azevedo, Maria Antônia, Franchini Neto, Oswald de Andrade, Cleomenes Campos, Olga Navarro, Ruy Bloem, professor Bizarri (adido cultural do consulado da Itália) etc., etc.

MARIA JOSÉ DE CARVALHO, qu[e] acaba de ganhar o segundo lugar n[o] Concurso Feminino de Poesia, pretende lançar muito em breve o seu livro d[e] poemas: «Maré Cansada». Podemo[s] adiantar aos nossos leitores que [se] trata de uma obra madura, com muit[a] unidade e com alguns poemas de alt[a] qualidade e inspiração. As ilustrações serão de Darcy Penteado.

OUTRO POETA que promete o se[u] livro ainda para êste ano é Vicente Augustus Carnicelli, cuja obra se intitula «Hora Consumada». Antônio Rangel Bandeira, que ainda agora nos de[u] «O Retrato-Fantasma», também reaparecerá até dezembro, apresentando-nos u[m] cancioneiro de valor insofismável.

UM LIVRO:

## ARTUR AZEVEDO E SUA ÉPOCA

DENTRO DE dois anos, menos de dois anos, vamos comemorar o centenário de nascimento de Artur Azevedo, mestre do teatro brasileiro, que a êle tanto deve. Foi bom, assim, que R. Magalhães Júnior tivesse a lembrança de editar (Coleção Saraiva) êste livro que recebeu, no ano passado, o «Prêmio Sílvio Romero», da Academia Brasileira de Letras. Não pelo prêmio, mas pelo próprio livro, esta obra vale como das melhores homenagens prestadas ao grande maranhense. Realmente, estamos em presença de um levantamento histórico-biográfico dos mais interessantes, além de ser dos abundantes em informações e, mesmo em retificações indispensáveis. Magalhães Júnior explica, em nota prévia que não se trata de um romance biográfico, nem, por outro lado de uma sêca cronologia, a respeito da vida fascinante dêsse polígrafo que foi, ao mesmo tempo, um exemplo de trabalho e de probidade, num tempo em que predominava a boêmia, nos meios intelectuais, numa época, num meio que surgia com êle, onde as virtudes de caráter eram por isso muito mais heróicas.

● Artur Azevedo permanecerá em nossa história literária, embora uma conspirata de silêncio em tôrno de seu nome glorioso. Se negam a existência de nosso teatro, como não negar a do teatrólogo? Talvez agora, comecem a fazer aquela justiça de que Artur Azevedo está à espera, um século já, depois de seu nascimento. De fato, essa justiça já começou, com êste livro de Magalhães Júnior, frisando em linhas bem sulcadas o perfil do comediógrafo, cuja obra é tão pouco e tão mal conhecida entre nós. Essa justiça começou, porque o Magalhães Júnior é uma autoridade, abrindo a brecha que outros seguirão. Somos tão pobres de glórias que negar ou silenciar uma delas — como a de Artur Azevedo — nos parece um suicídio . . . Êsse silêncio, que não se explica senão por ignorância da obra e da importância de Artur Azevedo, se nos apresenta como uma monstruosidade. Por que esquecer, tão ingratamente o genial criador de nosso teatro, aquêle que o tirou do fundo dos dramalhões e da facécia de importação, para o seu real roteiro certo?

Mais um mistério de nossa crítica literária. Mais um problema criado por nossas incipiências editoriais. Entretanto, caberia à nossa crítica o exame minucioso — a propósito do centenário de Artur Azevedo — da obra importante e variada que nos legou, para que ela fôsse conhecida do público, a que cabe, em última análise, a sentença definitiva sôbre o grande maranhense.

● Se a iniciativa oficial não se fizer sentir a propósito das comemorações do século de Artur Azevedo, corremos o risco de ver passar a melhor época para ressurgir o inventário de sua herança literária e a situação de seu vulto em nossa história literária. Não precisamos dizer aqui que o livro de R. Magalhães Júnior abre um largo panorama sôbre a vida de Artur Azevedo e o ambiente em que viveu. Crônica de um tempo e crônica de um espírito, o autor nos apresenta uma comovida evocação de Artur Azevedo, visto através de suas atividades múltiplas em nossas letras e no meio e no tempo. Uma obra viva interessantíssima, de resto muito bem escrita e capaz de aliciar qualquer espécie de leitores.

# ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS
13 - A moda de Copacabana



AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

# FRANCESCA DA RIMINI

Por MARIA CARETTI

Tradução de LÍGIA JUNQUEI

APAGADOS os últimos ecos dos pomposos festejos nupciais, Giangiotto e os irmãos voltaram às armas e aos combates. Sòzinha ficou Francesca, no castelo triste e desolado, tão pouco conveniente para morada de uma castelã jovem. O castelo dos Malatesta era, ao mesmo tempo, habitação, acampamento e caserna.

Tendo partido os «condottiere», as salas e os corredores haviam ficado, porém, repletos pela soldadesca barulhenta, equipada de couraça e elmo, o espera de ordem, para correrem ao encontro de onde lhes chamava o amor, a aventura e o desejo de conquista, o seu destino. Eram soldados sem fé, a sôldo de capitães sem fé. Tinham a triste missão de degolarem para não serem degolados. O mundo em armas se dividia em dois grandes partidos: Guelfos e Chibellinos. Tanto um como outro, porém, eram obrigados a servir-se de soldados mercenários, sempre dispostos, por interêsse, a passarem-se para o adversário.

Os Malatesta estavam em plena guerra. De Ravena a Florença, de Rimini a Pesaro, de Feltri a Marca, os seus exércitos marchavam contra os inimigos, saqueando, destruindo, massacrando. Por tôda parte havia sangue.

Desde o nascimento, acostumara-se também Francesca com o sangue derramado. Não temia a guerra nem a destruição que ocasionava. Bendizia o fato de o marido e os cunhados estarem lutando, pois isso mantinha-os afastados, ao menos por algum tempo. Estaria livre da tortura de tê-los como companheiros, no almôço, no jantar, e nos seus passeios; sempre vulgares e embriagados. De noite, dormiria sòzinha, no seu grande leito, readquiriria a solidão, que tanto lhe pesara quando era mocinha.

Tiraria do rosto a máscara da indiferença e do orgulho; seria ela mesma, com sua dor, sua renúncia, com a tempestade que lhe revolvia a alma! Passava as horas meditando, numa sala que lhe ficava vizinha ao quarto de dormir. Eram horas de tédio, que lhe corroíam o coração; fazia, então, sonhos de fuga, esperando uma libertação inesperada.

Lia àvidamente histórias de amor, nos livros empoeirados da biblioteca. Tentava vibrar as cordas dos alaúdes e, com um fio tênue de voz, ensaiava canções tristes e nostálgicas; bordava no seu pequenino bastidor, e fiava com seu fuso de prata, fios tenuíssimos.

O tempo, porém, não passava, e sua amargura não suavizava.

Pouco a pouco, abandonou-se a um ócio desesperado. Os enviados dos Malatesta traziam-lhe, uma ou duas vêzes por semana notícias do marido. Chegavam exaustos, por causa das longas galopadas, mal cheirosos pelos poucos banhos tomados, e contavam-lhe feitos heróicos; exaltavam o valor de Giangiotto que, na realidade, era notável e digno de elogios. Ela punha no rosto impenetrável uma espécie de sorriso ambíguo, agradecia friamente aos mensageiros, e dava ordem para que se lhes desse comida à vontade e um leito para descansar. Assim eram os dias de Francesca: monótonos e vazios.

Continuamente era vigiada pelos familiares do marido. Êste, sentindo-se detestado, e sabendo estar a mulher abandonada em triste solidão, com o orgulho ferido mais do que com ciúmes, vigiava, mesmo de longe, cada um de seus atos, e, pode-se dizer, cada um de seus pensamentos. Francesca percebera também essa perseguição, e indignara-se, aprofundando a aversão que sentia contra os Malatesta e tôda sua gente.

/ /

Depois de um ano nasceu uma menina não desejada e não amada, talvez porque concebida no desgôsto.

Quando, do quarto de Francesca, ouviram-se os primeiros vagidos, aquêles que se lhe tinham afeiçoado pensaram que, provàvelmente, aquela criaturinha traria, se não alegria, ao menos serenidade, para a alma da castelã. O nascimento da filha não poderia deixar de fazer com que Giangiotto corresse a Rimini, a fim de felicitar a espôsa, e conhecer a recém-nascida.

Giangiotto, ainda que consciente de seus defeitos físicos, devido a uma ilusão, que em tôdas as criaturas contrasta com a realidade, espe que a menina o tornasse, de alguma forma, mais suportável par mãe. Desejou, por isso, que se chamasse Concórdia. Nem os vagi da criancinha, porém, nem os cuidados de que necessitava, nem a a mentação, transformaram a aversão de Francesca pelo marido e p cunhados. Mais tarde, as carícias, o primeiro balbuciar, os sorrisos Concórdia foram, para ela, motivo de comoção, mas não consegui afastar o desgôsto de sua alma.

A vida no castelo não mudava. Se algum trovador, de passagem, zia notícias de outras côrtes, se algum «condottieri» se hospedava castelo com seu séquito, se, para agradar aos convidados, organiza se alguma festa e as salas se enchiam de animação, de cantos, de gres risadas femininas, quando todos se iam, mais triste, mais profun mais vazio se fazia o silêncio em tôrno à castelã de Rimini, e mais a da despertava nela a nostalgia de tudo que perdera, e o desejo de sas desconhecidas. Se ao menos tivesse uma amiga! As mulheres redondezas, porém, achavam-na estranha e fria, não lhe tinham nhuma simpatia.

De todo seu passado ficara-lhe sòmente Ombretta. A fiel ama decia e calava-se com ela.

— Senhora, como estais bonita hoje!

— Não diga tolice, Ombretta. Como posso ser bonita se estou me ro do por dentro? Além disso... que me importa ser bonita ou feia? P quem o serei? Como desejo, às vêzes, acordar corcunda, coberta de ríola, cega, surda... Êle se iria... Eu não o veria mais... Não o tiria mais junto a mim...

— No entanto, a ansiedade e a infelicidade gravaram em vosso to uma doçura de «Madonna»... No outro dia, lá em baixo, ouvi d que sois a mais bonita mulher de Romagna. Certamente sois admi e desejada por muitos dos ca lheiros que vêm ao castelo, brar os joelhos e beijar-vos a m Sei como vos olham! Sei que do dariam por um beijo vosso! sòmente...

— Um beijo? Será que me lábios sabem beijar? Deixa-m Ombreta. Não compreendes q tuas palavras me atormentam me deixam tonta? Por que m atormentas, se para mim tudo aca bou?

— Acabou, senhora? Acho q estais delirando. Acabou na vos idade? Que sabeis vós do que p derá acontecer amanhã? Vosso m rido está sempre na guerra e guerra é um ofício de morte. Nu ca pensastes nisso? Sou uma p bre ignorante, mas sinto que vo so destino ainda não tomou form nem nome... E' preciso saber es perar. O destino é como nossa sombra: nunca nos abandona.

— Que nome terá o meu?

**RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR:**

**Francesca, filha de Guido de Polenta, senhor de Ravena — jovem de sentimentos delicados — casara-se por conveniências políticas com um dos irmãos Malatesta, Giangiotto, um homem do aspecto disforme e repugnante... Francesca sentiu-se desfalecer quando, no dia das núpcias, viu-se diante do noivo, que ainda não conhecia. Ruíram por terra, nesse dia, todos os seus sonhos de amor e felicidade...**

## CAPÍTULO III

/ /

Seu destino chamava-se Paulo. Paulo, o belo. Não tanto pelos do especiais de que o cumulara a natureza, como pela comparação qu surgia, espontâneamente, entre êle e seus irmãos. Quando Paulo che gou ao castelo de Rimini não foi sem motivo. Sendo ainda muito jovem êle e seu irmão Giangiotto haviam lutado em Ravena, para repor n seu castelo os Polenta. Cavalgando ao lado do irmão, lutara valorosa mente. Tivera então, de Francesca, no primeiro despontar de sua juven tude, como prêmio de sua coragem, um daqueles sorrisos que dizem tantas coisas, e deixam no coração marcas que não saem tão fàcilmen te. Paulo, porém, já era casado, e respondeu ao doce sorriso da gracio se castelã com a cortesia controlada dos cavalheiros daquele tempo Procurou, então, esquecer-se do mudo e cândido oferecimento da jovem

Esperava-o em casa Orabile de Ghiacciuolo, a espôsa, bela e honesta que alegrara-lhe a casa com dois filhos, Humberto e Margarida.

Afetuosa e gentil, Orabile tinha sòmente um pensamento: o marido Com êle participava de tôdas as ansiedades dos empreendimentos guer reiros, vivendo com os filhos a pouca distância dos acampamentos, e suportando os incômodos de uma vida mais própria de soldados que de uma senhora delicada.

Paulo agradecia-lhe, e admirava êsse seu apêgo. Ainda que Orabile fôsse bela com ela não se casara por amor, mas por uma dessas alianças políticas comuns na época. Pouco a pouco se lhe afeiçoara.

Quando Florença, em 1282 elegeu-o capitão do Povo, êle fixou residência nessa cidade. Sua casa hospedou Villani, Cavalcanti e, talvez, o jovem Dante, já conhecido pela nova luz de seu gênio. Orabile era tão gentil, tão amável, que sua casa tornou-se a mais procurada. Paulo foi-lhe reconhecido por isso.

A Florença vinham, de tôdas as partes, os trovadores e os poetas, de volta de suas longas peregrinações pelos castelos, e traziam as crônicas e anedotas do que acontecia ao longe: novelas, tristes ou alegres. Nascimentos, mortes, casamentos, discussões, apostas, torneios, insídias, injúrias.

Foi assim que Paulo soube notícias de Giagiotto, de seus ciúmes irrazoáveis; assim, soube que êle mantinha Francesca no castelo, como prisioneira. Já de algum tempo se dizia que a cidadela de Rimini tornara-se a menos acolhedora e que, nem mesmo, era permitido aos cavalheiros de passagem, saudarem a jovem castelã, fechada em seus aposentos, e vigiada por sentinelas incorruptíveis.

Foi o desejo de levar à prisioneira uma palavra de fraternidade, que trouxe Paulo, de Florença a Rimini? Foi a recordação daquêle sorriso, que ainda tremulava em seu coração? Foi um sentimento de solidariedade cavalheiresca que o impulsionou junto à cunhada? Talvez tudo isso junto. Talvez nada disso.

A seu escudeiro, que o acompanhava e perguntava-lhe se devia fazer preparativos para uma viagem curta ou longa, respondeu:

Paulo esqueceu de se despedir da espôsa. Orabile soube da ausência do marido quando êle já estava longe, por isso, não sabia de seu destino. Pensou que se tratasse de uma viagem de negócios, ligados com o cargo que êle desempenhava, e não se preocupou, habituada como estava à submissão.

O escudeiro pensou que a viagem seria muito longa, já que seu amo esporeava o cavalo a galope, e que êle, a muito custo, conseguia segui-lo. Soube do destino quando viu, ao longe, recortar-se contra o céu, a tôrre do castelo dos Malatesta. Numa parada obrigatória, para dar de beber e comer aos cavalos, encontraram uma companhia de soldados que vagava em busca de aventura e soube que Giangiotto havia lutado contra os Montefeltro e repusera Cesena sob o domínio do Papa. Soube também que o irmão fôra eleito capitão da cidadela de Gradara, que vigiava a estrada de Pesaro. A cidadela era uma das muitas fortalezas que os Malatesta haviam espalhado pela região, como sentinela taciturnas de seu domínio. A única aspiração de Giangiotto era fazer-se temido. Dizia-se que era torto de alma, assim como era aleijado de corpo, mas valoroso e invencível. Todos eram dêsse parecer, tanto os soldados que sob êle tinham servido, como aquêles que tinham lutado a seu lado, como capitães. Giangiotto, sempre na frente nas invasões, assaltos e represálias, deixava aos seus inteira liberdade de saque e depredação.

/ /

Paulo chegou com o escudeiro, na cidadela de Rimini, quando já o crepúsculo envolvia em trevas a ponte levadiça, as tôrres e as ameias. Ao som de sua trompa foi descida a ponte, porém, foi-lhe necessário fazer-se reconhecer pelas sentinelas, para poder entrar no castelo àquela hora. Rangiu a ponte sôbre os gonzos enferrujados, guinchou o portão nas dobradiças pesadas, as patas dos cavalos cansados bateram nas calçadas, ecoaram nos páteos as vozes dos servos que vieram receber o hóspede, acenderam-se as tochas, para iluminar as escadarias e os corredores. Francesca, alarmada por aquêle movimento inesperado, chamou a fiel Ombretta.

— Vai, corre, informa-te. Acho que meu marido voltou. Essa volta repentina não anuncia nada de bom.

A mulher saiu em busca de notícias, deixando a patroa apreensiva, mas voltou, em seguida, com o rosto iluminado.

— Senhora, o conde Paulo chegou.

— Que conde Paulo?

— Que eu saiba, em casa de vosso marido não existem dois; vosso cunhado.

— Deve haver um engano. Que viria fazer aqui meu cunhado, sem avisar?

— Não lhe perguntei. Penso, porém, que ficará alguns dias, porque pediu que lhe preparassem os aposentos da ala do poente; os aposentos que sempre foram os dêle. Depois, disse que queria descansar.

— Viste-o, Ombretta?

— Sim, por um momento. Não mudou muito, desde que o vimos em Ravena. Está mais homem, mais forte, porém menos alegre e menos cordial. **(Continua na página 17)**



# PUXE PELO CÉREBRO

## NOSSA COLUNA DE TESTE

**1** **Que significa o nome Edmundo:**
— Amante da paz?
— Feliz protetor?
— O que dorme pouco?

**2** **Em que país se encontra o único Museu Oceanográfico do mundo:**
— Na Dinamarca?
— Em Mônaco?
— Na Alemanha?

**3** **Em que data teve início a construção do estádio do «Maracanã», no Rio de Janeiro:**
— 4-1-1949?
— 15-11-1950?
— 2-8-1948?

**4** **Como se chamava a mulher de Mausolo, rei da Cária:**
— Artemisa?
— Semiramis?
— Frinéia?

**5** **Em que cidade há o famoso relógio conhecido como «Big-Ben»:**
— Berlim?
— Oslo?
— Londres?

**6** **Qual o rio brasileiro que forma a ilha do Bananal, a maior do mundo?**
— O S. Francisco?
— O Araguaia?
— O Amazonas?

**7** **Quantos quilômetros de comprimento tem o canal do Panamá:**
— Cem?
— Oitenta?
— Sessenta e três?

**8** **Por que ficou famoso o norte-americano Otomar Mergenthaler:**
— Por ter inventado o pneu?
— Por ter sido herói da guerra civil?
— Por ter inventado a linotipo?

**9** **De quem é êste pensamento: «A ternura de uma mãe é o amor sem desejos»:**
— Balzac?
— Ruy Barbosa?
— D. Pedro II?

**10** **Até que profundidade, no mar, podem chegar os raios solares:**
— Um quilômetro?
— 600 metros?
— Uma légua?

**11** **A Cidade de Lima é capital:**
— Do Peru?
— Da Bolívia?
— Da Venezuela?

**12** **Qual o maior lago do mundo:**
— O Titicaca?
— O de Como?
— O Asfaltite?

**13** **A «litosfera» é:**
— A parte sólida da Terra em que vivemos?
— O interior do Sol?
— O outro lado da Lua?

**14** **Segundo os cientistas, tôda a terra que o Amazonas leva para o mar, onde é depositada:**
— No golfo do México?
— Nas costas da África?
— Na ilha de Santa Helena?

**15** **Qual destas cidades é a mais antiga do Brasil:**
— Salvador? (Bahia)
— Olinda? (Pernambuco)
— S. Vicente? (S. Paulo)

**Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.**
**De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.**
**De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.**
**De 7 a 11: cultura superior — Universitário.**
**De 12 a 14: um sábio.**
**Tôdas as 15: um gênio em pessoa.**

**(RESPOSTAS NA PAG. 50)**

## DUSTY HENLEY

# UM NOVO PEQUENO GRANDE "ASTRO!"

UM GURI QUE É SÉRIA AMEAÇA A MUITOS MARMANJOS DE HOLLYWOOD ★ DESDE CEDO ÊLE PROTESTAVA A BONS PULMÕES CONTRA OS PANINHOS TRIANGULARES DOS FEDELHOS SEM VONTADE PRÓPRIA... ★ SERÁ UM 2 JACK COOPER, ACREDITAM OS ESPECIALISTAS EM PSICOLOGIA INFANTIL

**Por JOHN AYRE**

UM novo «astro» está brilhando em Hollywood e colocando em cheque a coroa dos grandes reis da capital do cinema. Entre o elemento masculino está mesmo havendo quase um início de pânico diante da velocidade como sobe o cartaz da nova grande atração. É como se fôsse um foguete atômico ganhando as alturas do estrelato com velocidade supersônica. Isto para usar a linguagem da época. Para falarmos num tom mais concorde com o assunto, diremos que o novo «astro» não tem a voz de Frank Sinatra. Nem possui os ombros incrìvelmente largos e fortes de Lex Barker. Por outro lado, não possui a feia catadura de «gangster» mal encarado de Humphrey Bogart, que pode ser sinistra mas, que nem por isso, deixa de eletrizar as mulheres, ou talvez por isso mesmo. Não é adocicado como Robert Taylor e nem tem os requebros dengosos que Charles Boyer sabe colocar no seu olhor repleto de delíquios... Nada disso. O novo «astro» que surge como um meteoro, mas que certamente terá uma duração bem maior que êste na sua permanência no firmamento, não tem ainda nenhuma das grandes qualidades que fazem mocinhas dar gritinhos e desmaiar em grande estilo Dama das Camélias. Mas, de qualquer maneira, vem causando um furor intenso, frenético, maluco, estonteante. Vem dominando a platéias com uma segurança impressionante dias virão em que o seu nome será conhecid e repetido, diàriamente, em todo o mund Quem é, pois, essa maravilha? Seu nome Dusty Henley, tem dois anos e meio de idad e apenas há pouco tempo teve permissão d abandonar os cueiros para vestir-se de mane ra mais condigna como um «astro» de sua re putação. Porque a coisa não ia mesmo bem Desde os mais tenros meses de vida que o ga rôto protestava estentòricamente, com muito bons pulmões, cada vez que era metido n clássico paninho triângular dos fedelhos se vontade própria... Mas, Dusty, parece qu adivinhando o futuro de glórias que o cinem lhe reservaria, desde muito cedo tratou de dei xar bem claro o seu ponto de vista: nada d cueiros, nada de faixinhas pegajosas. O garô que mal se podia manter em pé no colo d mamãe, já demonstrava a sua satisfação quan do era metido em roupinhas leves, mas que ti vessem alguma personalidade. Era uma graç o diabo do garôto! E uma graça êle contin sendo agora que já sabe o que o seu nome anda brilhando nos luminosos da Broadway. O



O pequeno Dusty Henley, provando que já possui incomum e sólida inteligência, realiza testes de grande e sadia perspicácia.



Nas constantes festas da família — pai, mãe e a vovó — o endiabrado Dusty pinta os canecos e não chega mesmo para as encomendas.



**Tem apenasmente dois anos e meio; mas seu desenvolvimento intelectual é de surpreender todos os técnicos em pedagogia infantil. O garotinho faz poses de consumado «astro» do palco ou da tela cinematográfica. Compreende tudo, com uma verdadeira vivacidade atômica.**

guri tem verve, tem senso artístico e um talento excepcional. Desempenha-se com pasmosa facilidade de todos os papéis de que é incumbido e já se tornou, num átomo, o «enfant gatê» de Hollywood. Todo o mundo lhe faz festinhas e êle, cheio de senso de justiça e equidade, faz festinhas a todo o mundo. E a fama vai subindo de grau e, naturalmente, com ela o seu salário. Não é por maldade que digo isso, mas os papais estão pelos beiços com o filhinho...

**DUSTY IRÁ MUITO LONGE!...**

Segundo a opinião geral, e que é partilhada também por famosos especialistas em psicologia infantil, Dusty Henley não perderá com a idade, a sua graça e o seu talento artístico. O rapazinho possui mesmo essas qualidades de nascença. O temperamento artístico é uma realidade do seu soma e não uma fase transitória que muitas crianças atravessam, mas que desaparecem assim que os anos vão chegando. Sabe-se, assim, ou pelo menos espera-se com muito fundamento, que Dusty irá muito longe na carreira cinematográfica. Será um segundo Jack Cooper e tem o seu nome destinado a se tornar parte integrante do mundo cinematográfico. O novo «astro» da Universal não será uma «estrêla cadente». Tem um futuro largo à sua frente e, certamente, os fãs se beneficiarão com isso. Porque vê-lo desempenhar o seu trabalho em frente à camera, é uma coisa que vale a pena. Seu último filme é «Bend of The River», depois de ter feito com Julia Adams e Tom Ewell «Finders Keep», no qual êle, dando uma singular demonstração de eloqüência, pronuncia apenas uma palavra. E por incrível que pareça, essa palavra é: «Hi»... Gostaram?

# A SEMANA ASTROLÓGICA

**INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 19 E 20 DE SETEMBRO DE 1953**

( Hemisfério Sul )

**Se o leitor nasceu sob o signo do:**

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O leitor vai ter uma semana bem favorável, sôbre tudo, no que disser respeito aos seus negócios profissionais. Pode admitir, até mesmo, a hipótese de uma promoção com vantagem pecuniária bem interessante.

TOURO (21/10 — 20/11) — As favorabilidades continuarão. O leitor estará, na semana entrante, numa posição benéfica de realizações, podendo empreender a efetivação de vultoso negócio.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Sua posição na próxima semana, não será tão promissora como a que lhe foi proporcionada na de agora. Contudo ainda poderá conseguir grandes coisas. Seu poder de insinuação não diminuiu.

CANCER (23/12 — 20/1) — Seus movimentos estarão livres das peias que os manietaram, de algum modo, na semana anterior. O novo período será farto, no seu caso, podendo lhe dar uma boa compensação quanto aos esforços que expender.

LEÃO (21/1 — 20/2) — A vida sentimental continuará ameaçada. A vida sentimental ou a vida em comum. Os demais setores de suas atividades estarão bem astralizados, notadamente o profissional.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — O período de obstáculos não passou. Continuará na semana entrante, a encontrar dificuldades à realização dos seus propósitos. O ambiente se mostrará hostil às suas idéias e até mesmo às suas ações.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Um período calmo e relativamente benéfico, será para o leitor, o que se vai iniciar a 19 do corrente. Seu astro receberá ótimos aspectos, o que melhorará sua posição e lhe dará **chance** nos negócios. Empreenda alguma coisa, certo de obter bons resultados.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Sua posição quanto aos negócios e quanto à profissão, vai melhorar consideràvelmente. Haverá restrições sòmente, no que se referir à vida social e ao trato com o sexo oposto.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Seu ambiente astral na próxima semana, será dos melhores. O leitor terá plena liberdade de ação. Os astros vão libertá-lo, deixando-o à vontade para agir como melhor entender. Basta não fazer loucuras.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não faça propostas quaisquer nem requeira nas repartições do govêrno. O planêta Júpiter estará em posição hostil. Entravará suas ações, não lhe deixando margem senão para parcos resultados.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os dias 19 e 23 não se prestarão, no seu caso, para qualquer empreendimento. Os dias restantes, apesar de favoráveis, serão fracos.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Procure pôr em prática, os planos já amadurecidos, pois o novo período lhe será muito favorável às iniciativas. Dispense conselhos e fique atento às suas intuições.

**OS NOMES DA SEMANA**

| | | | |
|---|---|---|---|
| Setembro | 19 — Aloísio | — | Sônia |
| " | 20 — Irvo | — | Arina |
| " | 21 — Salústio | — | Ivana |
| " | 22 — Alcio | — | Alícia |
| " | 23 — Leopoldo | — | Rovena |
| " | 24 — Austro | — | Estela |
| " | 25 — Armênio | — | Jovita |

**EFEMÉRIDE[illegible] A SEMANA**

**Marcha e pos[illegible]ão do Sol ao meio-dia de Greenwich**

| | | | ( SIGNO DA: ) |
|---|---|---|---|
| Setembro | 19 | 26º 14' 51" | ( Virgem ) |
| " | 20 | 27º 13' 29" | ( " ) |
| " | 21 | 28º 12' 8" | ( " ) |
| " | 22 | 29º 10' 49" | ( " ) |
| " | 23 | 00º 9' 31" | ( Libra ) |
| " | 24 | 1º 8' 16" | ( " ) |
| " | 25 | 2º 7' 3" | ( " ) |



Sophie — *Encantador vestido de baile em "peau de soirée" branco pérola. A sôbre-saia é tôda bordada com "soutache" e "strass".*



Eleonora Garnett — *Vestido em cetim branco, liso na frente e com pregas nas costas. Pala em renda, bordada de miçangas.*

# Festas de fim de an



Gothe — *Em brocado, branco prateado, com lindo detalhe pregas contornando o decote, e formando as falsas manguinh*

AS jovens que adoram a época festiva do fim de ano, já estão com milhares de modelos em perspectiva para os seus novos vestidos de baile. A indecisão, porém, é grande. Ficam em dúvida entre uma saia justa ou muito rodada, com dezenas de metros de tulle. E a côr, então? Muitas tonalidades de rosa, de azul, de cinza, de prêto, de amarelo ou creme, desfilam diante de seus olhos. Para o vestido de formatura a côr é sempre o branco, a menos que a «turma» tenha combinado o contrário. O branco é, na realidade, uma das côres mais bonitas para um vestido de baile, não só para as mocinhas, mas para tôdas as mulheres, de qualquer idade. Depois, o prêto, que é sempre distinto e faz realçar as jóias.

O cinza chumbo e o cinza azulado estão muito em moda para trajes a rigor, combinados com rosa pálido, amarelo mostarda ou verde água. Os detalhes bordados constituem, também, um ornamento bonito para tualetes de gala, e, êste ano, veremos muitas miçangas e lantejoulas, e muitas aplicações de «strass», combinadas com «soutache», com renda, e com galões de sêda. — FLAMA.

Schiaparelli — *Belíssimo vestido a rigor, em tafetá cinza azulado, com um laço triplo atrás, em tafetá rosa pálido.*



# A linguagem das Flores



Saberá Monica Lewis o significado das orquídeas recebidas de um apaixonado? (F. M.G.M.)

VÁRIOS documentos escritos, deixados por povos antigos, provam que sempre se deu às flores um significado especial, simbólico. Os egípcios representavam por meio delas, até seus próprios deuses; os chineses davam-lhes predicados maravilhosos. Porém, foram os árabes que mais desenvolveram a arte de simbolizar com flores um pensamento, chegando ao extremo de criar uma ciência — ou uma gramática — dos buquês falantes, a «selamografia» (selam quer dizer buquê). A selamografia é uma arte difícil e complexa. Para entendê-la é preciso saber os significados especiais das diversas flores, significado êsse que pode variar com a posição da flor dentro de um buquê, a sua côr e, até mesmo, o lado para o qual é virada... Em todo caso, a fim de ajudar à leitora que queira decifrar o buquê que lhe remeteu um apaixonado, aqui vai um pequeno vocabulário, tirado de um manual árabe, muito antigo.

**Acácia** — Desejaria que gostasse um pouquinho de mim.
**Alóes** — A dor que me causaste te trará infelicidade.
**Anêmona** — Estou «caidinho» por ti.
**Amaranto** — Meu amor por ti é imortal.
**Azálea** — O teu amor é a luz da minha vida.
**Basilicão** — Eu te detesto!
**Begônia** — Sejamos bons amigos.
**«Bleuet»** — Tua futilidade me decepciona.
**Bôca de Leão** — Hoje estou de bom humor.
**Botão de Ouro** — Não abuse de minha bondade.
**Brincos de Princesa** — És cega ou não queres ver.
**Cactus** — Tens uma maneira estranha de agir!
**Camélia** — Serias encantadora se fôsses mais simples.
**Campânula** — Atenção! alguém nos vigia.
**Cerejeira** — Não tenha mêdo, fui bem educado.
**Ciclamen** — Não escute mexeriqueiros.
**Cravo** — Amo-te e desejo-te.
**Crisântemos** — Adeus, é melhor que nos separemos.
**Crista de Galo** — Esqueça aquêle traidor, eu te consolarei.
**Crocus** — Teu silêncio me deixa inquieto.
**Dália** — Não tenho palavras para te agradecer.
**Ervilha de Cheiro** — Não acredito em ti.
**Fuschia** — Amo-te, loucamente.
**Gardênia** — Acredita em minha sinceridade.
**Genciana** — Desprezo-te.
**Gerânio** — És muito tola.
**Gira Sol** — Sou muito menos rico do que pensas.
**Glicínia** — Tens todo meu carinho.
**Heliotrópio** — Teus encantos não precisam de adornos.
**Hortência** — Temo não ser para ti mais que um capricho.
**Íris** — Escreva-me.
**Jacinto** — Nós nos divertiremos muito, vem.
**Jasmim** — Farei com que conheças a luptuosidade.
**Junquilho** — Dá-me teu amor, em troca meu.
**Laranjeira** — Gostaria de ser o teu prime amor.
**Lavanda** — Como interpretar o teu silênc
**Lilás** — És o meu primeiro amor.
**Lírio** — Não tenho más intenções a teu peito.
**Macieira** — Nunca nos compreenderemos
**Magnólia** — Fico sem jeito, perto de ti.
**Margarida** — Prefiro-te a tôdas as outras
**Mimosa** — És de uma sensibilidade cessiva.
**Mirtilo** — Tu me traíste!
**Miosótis** — Não te esqueças de mim!
**«Muguet»** — Gostaria de te fazer feliz.
**Nasciso** — És vaidosa, tola e egoísta.
**Nenufar** — Por ti sinto sòmente indiferen
**Orquídea** — Far-te-ei conhecer os praze do amor.
**Pessegueiro** — Por que recusas experimen o fruto proibido?
**Petúnia** — Não me escreva mais. Tua ca foi interceptada.
**Primavera** — Tens pernas lindas.
**Resedá** — Amo-te, por tuas qualidades.
**Rododendro** — Tens os olhos mais lindos mundo!
**Rosa — branca** — Amo-te em silêncio.
**amerela** — Sei que me fôste infiel!
**rosa** — Acredita nos meus juramen
**vermelha** — Amo-te ardentemente
**Tulipa** — Amo-te e sinto orgulho de ti.
**Violeta** — Consegui descobrir as belas qu dades que ocultas modestamente.
**Zínia** — Tua infidelidade devolveu-me, en a liberdade.

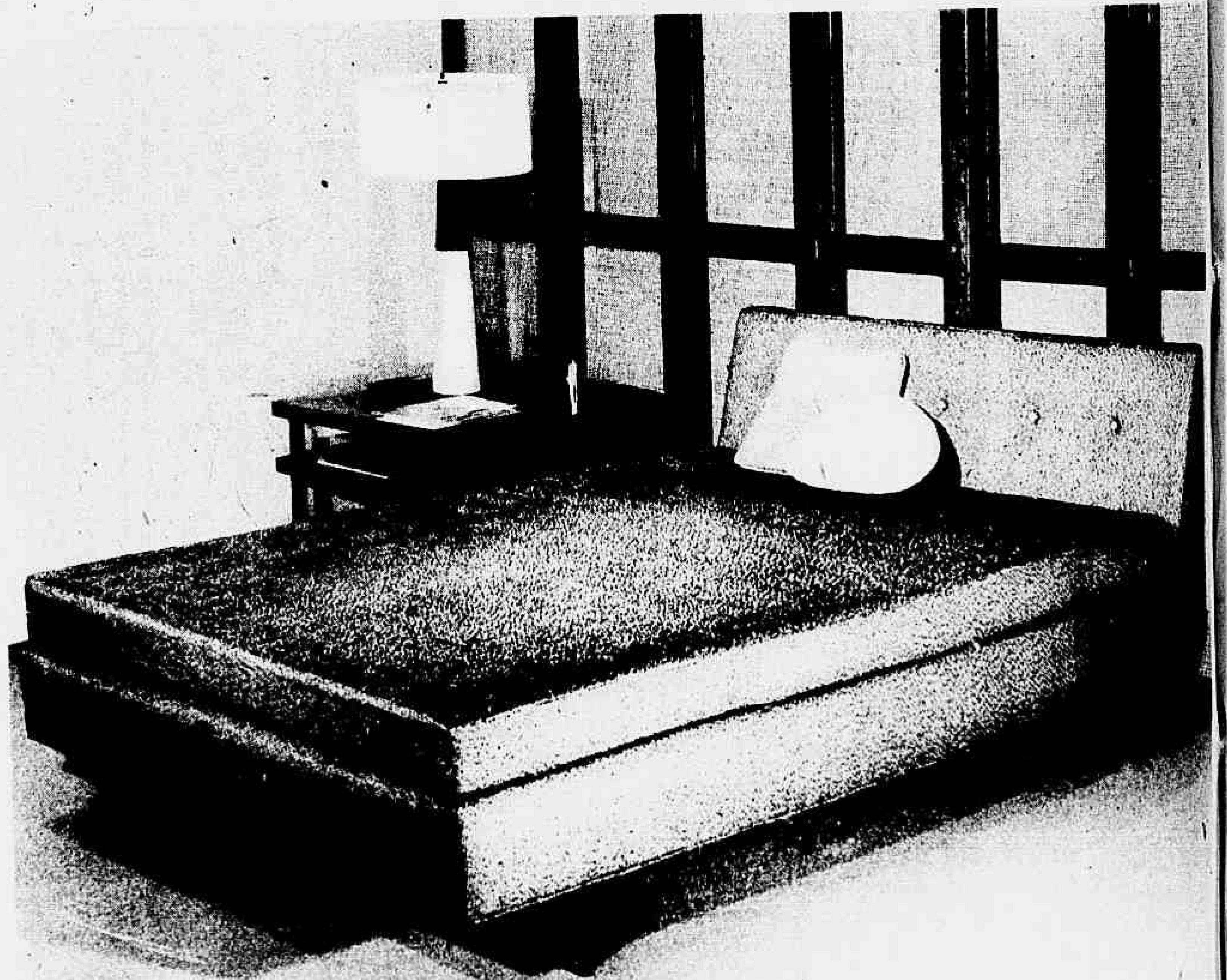
★

Contava, também, o velho almanaque ára que a linguagem das flores era utilizada pe jovens espôsas encerradas nos haréns, para comunicarem e receberem as mensagens seus apaixonados. — L.J.

# ★★★★★★★★★★ Sugestão para o lar ★★★★★★★★★★

**UMA das últimas novidades em matéria de camas, é êste leito-divã, desenhado pelo arquiteto decorador Harvey Probber. De linhas simples e modernas, dará ao aposento um aspecto muito interessante. E' a resposta ao problema daqueles que gostam de usar a cama para a leitura, para palestras, e, durante o dia, para recostar um pouco — aliás, todo mundo utiliza sua cama dessa forma! O móvel não tem armação nenhuma, nem mesmo estrado. Todo êle é uma almofada, com estofamento de molas ou de espuma de borracha, de acôrdo com a preferência individual.**

**● Faça-o recoberto por um tecido discreto, mescla, numa tonalidade neutra, ou então, se combinar com a decoração do quarto, em vermelho vivo, verde bandeira ou azul rei. Sendo a peça central, todo o resto deverá combinar com o leito-divã: a mesinha de cabeceira, de linhas muito singelas, o abajur de leitura, com pé em coluna, encimado por um quebra-luz branco-fôsco. Como detalhe final, a fotografia apresenta, por detrás do leito, uma porta de dobrar onde as almofadas de madeira foram substituídas por outras em palhinha. — Nike.**



## UM POUCO DE BELEZA

# *É Primavera...*

QUE tal procurar, com a entrada de Primavera, dar um aspecto diferente à sua aparência? Um penteado novo, e uma maquilagem em colorido diverso daquêle que estava usando até agora, dar-lhe-ão um ar que irá muito bem com as novas roupas primaveris, mais leves, e mais alegres. Se, por exemplo, você está com os cabelos compridos e não quer cortá-los, pense que servem, também, para serem usados presos, com um coque, o que combina maravilhosamente com certos tipos de rosto. Com brincos vistosos, a transformação estará completada. Pode ser, também, que você resolva, mesmo, cortar seus cabelos. Estude, então, um penteado que a rejuvenesça. Pode usá-lo muito curtinho, e bem encaracolado. Êste estilo surgiu um ano atrás e ainda continua o preferido. Se a moda das saias curtas, lançada por Dior, tiver aceitação, veremos que os cabelos continuarão a ser usados muito curtos, para acompanhá-las.

● Para a maquilagem, o melhor é experimentar uma porção de coloridos diferentes, antes de comprar um equipamento novo. Pode começar com a tonalidade do rouge e do baton. Para êstes, o melhor sistema é, quando vê numa revista, num papel, num tecido, uma côr que, acha, deve ficar bem com o seu tipo, recorte um pedacinho e coloque sôbre os lábios. Depois compare e veja se harmoniza com seus cabelos, com a tonalidade de sua pele, etc. Caso positivo, compre o baton que mais se aproxime da côr escolhida. O rouge será igual, e o pó de arroz, você o escolherá experimentando amostras que o vendedor lhe apresentará, sempre tendo em vista a nova tonalidade do baton e rouge. Com uma maquilagem nova, roupas novas e accessórios primaveris, você aparecerá mais bonita e mais agradável, diante de seu marido ou de seu namorado. — **Júlia de Milo.**

Doris Day varia sua fisionomia usando o cabelo prêso, para o alto.

# AS MANHÃS DE SOL VÃO CHEGAR...

**TERMINADO o nosso inverno, dentro em pouco, surgirão as manhãs ensolaradas, e você, provàvelmente, planeja uma boa praia, aos domingos, pelo menos. Queimar-se ou não queimar-se, é a pergunta que lhe vem ao pensamento nessa época do ano. Se sua pele é branca e delicada como uma rosa, nunca poderá se queimar de maneira bonita! Contente-se em permanecer debaixo da barraca na praia, que o mormaço lhe dará o máximo que pode suportar sua pele. Se, ao contrário, sua pele suporta bem os rigores do sol, aproveite — mas não abuse. Leve sempre consigo um óleo ou creme que proteja a pele, evitando o ressecamento e queimaduras muito fortes. Você aproveitará melhor sua praia e, aos poucos, irá adquirindo um moreno bronzeado maravilhoso!**

## PÊLOS NO ROSTO

● Existem certos pêlos no rosto que realmente são pouco estéticos. O buço, por exemplo, ainda que descrito em romance como um **sinal** de beleza, não convence. Mais parece **um** bigode masculino. Outras pessoas têm uma **verruga**, de onde partem vários fios, muito compridos, às vêzes de dois ou mais centímetros de comprimento. Que fazer, então? O **melhor** é tirá-los. O tratamento de extirpação de pêlos pela **eletricidade** ainda é muito caro. Deve ser sempre realizado por especialistas, para que não deixe marcas. Pode-se usar a **gilete**, também; é falso dizer que os pêlos crescerão depois mais grossos. Os **depilatórios** dão bom resultado, e os pêlos custam mais a crescer (cinco a seis semanas) do que com as giletes. Poderão, também, ser os pêlos descorados, com uma mistura de amônea a água oxigenada. O descoramento deve ser repetido duas vêzes por semana.

## PELE SÊCA

● Ainda que em nosso clima tropical o mais comum é ouvirmos queixas contra peles muito gordurosas... também existem entre nós tipos de peles sêcas. A pele sêca é mais favorável ao aparecimento de rugas, já que sua lubrificação é insuficiente. Por isso, deve ser tratada o mais cedo possível. Qualquer espécie de creme à base de harmônios favorecerá muito às peles dêsse tipo, pois, compensa, de certa forma, as deficiências da pele.

●



Estelita Rodrigues bronzeia a pele ao sol, porém com cuidado, para adquirir um moreno bonito.

# WEEK-END NA COZINHA




★ O môlho ou o creme *que acompanham um prato servem, geralmente, para lhe dar um sabor diferente, torná-lo mais rico. A fim de provar essa afirmativa, escolhemos, para hoje, duas receitas com môlhos. Tanto os pimentões e os repôlhos recheados, quanto a gelatina de maçã, completam-se com môlhos que os tornam ainda mais apreciados, cada um dentro de seu gênero, salgado ou doce.* — Tia Dulce

●

## PIMENTÃO E REPÔLHO RECHEADOS

● INGREDIENTES

8 fôlhas grandes, de repôlho
4 pimentões verdes

**Para o môlho**

1/2 xícara de cebola picadinha
1 pimentão verde, picadinho
3 colheres, das de sopa, de banha de côco
2 latinhas (das menores) de pasta de tomate e a mesma quantidade de água
1/2 colher, das de chá, de gengibre
1 colher, das de sopa, de açúcar mascavo
Caldo de 2 limões
2 fôlhas de louro
1 pitada de sal e outra de pimenta.

**Para o recheio**

2 xícaras de carne (ou presunto), picadinha
1/2 xícara de batata crua, ralada
1 cebola média, picadinha
1 pitada de mostarda em pó
1 pitada de cravo da Índia em pó
1 ôvo.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Môlho**
   **Refogue as cebolas e o pimentão picado na banha de côco, até que fiquem dourados. Junte a pasta de tomate e igual quantidade dágua. Acrescente os outros ingredientes citados para o môlho. Cubra e deixe cozinhar muito lentamente, durante 1/2 hora.**
2. **Recheio**
   **Misture a carne (ou presunto) picadinha e a batata ralada, junto com os outros ingredientes enumerados para o recheio, inclusive o ôvo.**
3. **Lave as fôlhas de repôlho em água fervendo. Escorra. Corte a parte de cima dos pimentões verdes. Tire as sementes de dentro, fazendo uma concavidade.**
4. **Ponha 1 colher das de sopa de recheio no centro de cada fôlha de repôlho, enrole e prenda com um palito. Com o recheio restante encha os pimentões.**
5. **Ponha, tanto o repôlho, quanto os pimentões, para assar, numa caçarola, dentro do môlho de tomate já preparado. Cubra e deixe cozinhar muito lentamente, durante 2 horas.**
   **Sirva quentes. Na hora de servir retire os palitos que prendem as fôlhas de repôlho enrolados. (Receita para 4 a 6 pessoas). — (APLA).**

## GELATINA DE MAÇÃ

● INGREDIENTES

1 pacotinho de gelatina com sabor de cereja (vermelha)
1/2 xícara dágua fria
3 xícaras de suco de maçã (com açúcar)
1/2 colher, das de sopa, de canela
2 claras de ôvo.

● PARA O CREME DE BAUNILHA

2 gemas de ôvo — 1 ôvo inteiro
1 1/2 xícara de leite
1/4 de xícara de açúcar
1 colher, das sopa, de maizena
1 pitada de sal
1/2 colher, das de chá, de essência de baunilha.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Prepare o suco de maçã, expremendo as frutas (ou passando no liqüidificador), e levando-se ao fogo, com açúcar a gôsto, e canela.**
2. **Ponha a gelatina no suco de maçã, enquanto êste ainda estiver fervendo. Tire do fogo e acrescente a água fria. Deixe esfriar.**
3. **Assim que começar a endurecer, junte as claras, batidas em neve. Ponha em taças individuais e deixe na geladeira.**
4. **Prepare o CREME DE BAUNILHA, batendo primeiro as gemas, e acrescentando os outros ingredientes em banho-maria, mexendo sempre para que fique bem fino.**

**Ponha êsse creme por cima da gelatina antes de servir.**

## CONSELHOS ÚTEIS

★ Um môlho *delicioso para sorvetes? Misture 1/2 xícara de mel com 3 colheres, das se sopa, de caldo de laranja (meio ácida). Bata bem. Sirva por cima do sorvete de sua preferência. Complete com nozes moídas, para ter um "sundae" muito saboroso.* ★ Uma variação *para as almôndegas: junte 1/4 de xícara de queijo de Minas para cada 1/2 quilo de carne moída. Depois, prepare as almôndegas da maneira habitual. Ficarão diferentes e agradarão a todos.* ★ Quan*do bater a massa para fazer panquecas ou môlhos, use o garfo, em vez da colher. Baterá muito mais depressa e a massa ficará muito mais fina. Também a maionese e o môlho para salada devem ser batidos com garfo.*

# Águas da Prata

## (ESTADO DE SÃO PAULO).

«A VICHY BRASILEIRA»

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

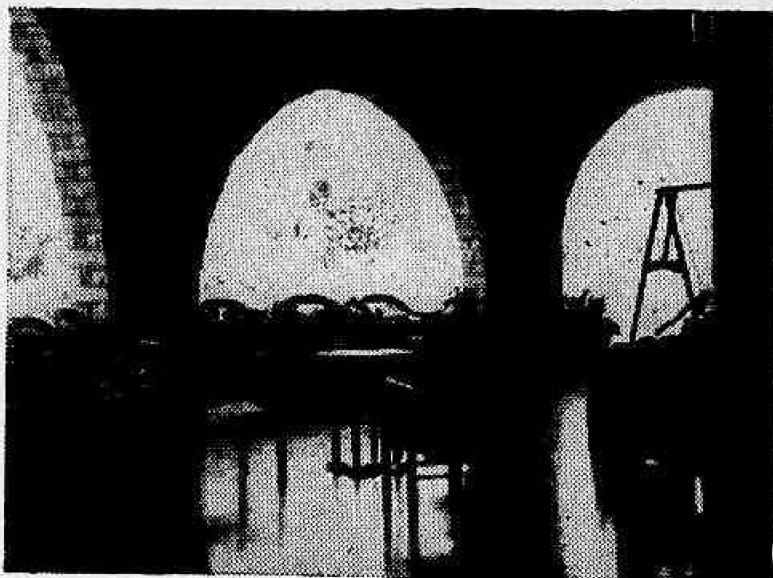


*O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.*

# GRANDE HOTEL PRATA

**O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.**

**Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.**



*Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.*

**COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS**

RESERVA DE APOSENTOS:

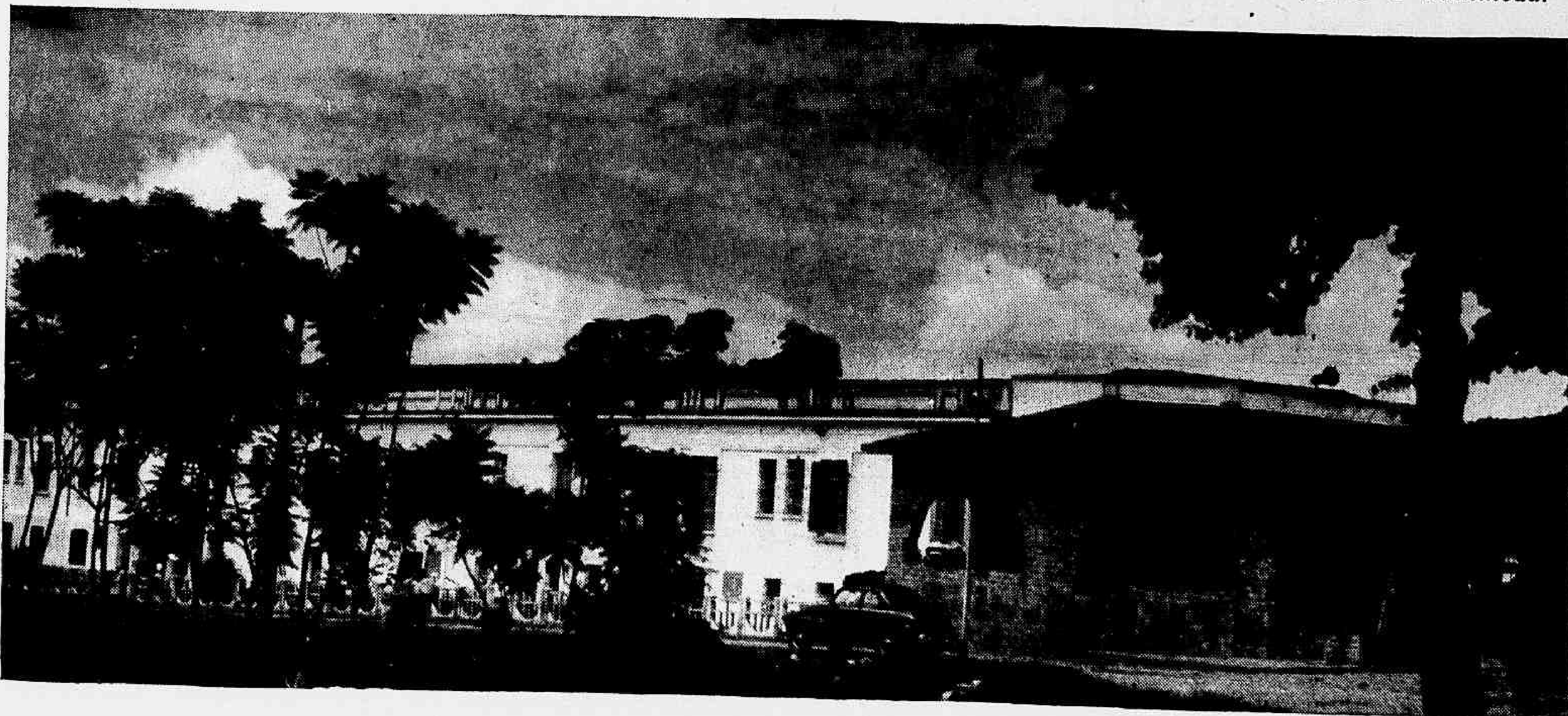
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.

**ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.**



*A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.*



*Vista geral do Grande Hotel Prata.*



# CINCO PERGUNTAS SÔBRE QUATRO VIDAS

Reportagem de **EDMAR MOREL**

## JOÃO CAFÉ FILHO

**● ONDE E COMO PASSOU A INFÂNCIA?**

— Tôdas as pessoas têm mais ou menos a mesma infância, de vez que se trata do período em que prevalecem a irresponsabilidade e o desejo de brincar. A única diferença, muitas vêzes, é que existem meninos ricos e meninos pobres. Eu fui um menino pobre e, como era natural e inevitável, sofri o meu pequeno drama em face dos meninos ricos. Era um drama que se refletia não só em meus sentimentos, mas também em meu próprio modo de vida. Em outras palavras, tive uma infância como a de todos os meninos pobres. Creio que não preciso desenvolver aqui um tema tão explorado já pela literatura, pois seria uma repetição monótona. Aquêles que foram meninos pobres imaginam, pela própria experiência, o que há de ter sido a minha infância. E os que foram meninos ricos também fazem uma idéia, pelo conhecimento que têm do assunto através da leitura, sôbre a vida de meninos pobres. Poderei, quando muito, acrescentar algumas particularidades. Passei minha infância em Natal. Fiz meus primeiros estudos em escolas de respeitáveis senhoras da sociedade daquela capital e no Colégio Americano. Está claro que joguei futebol, no que sempre fui mal sucedido. Nunca cheguei a ser um craque da bola de meia, embora tivesse, não raro, a responsabilidade de paredro infantil no mundo do esporte. Como garôto, gostava de remar no Potengi, montar a cavalo e brincar o carnaval. Pertenci a várias sociedades infantis esportivas e literárias. Nelas fui sempre vice-presidente, mas isto, naturalmente, por mera coincidência...

**● QUAL O MOMENTO MAIS DIFÍCIL DE SUA VIDA?**

— Tenho tido tantos momentos difíceis em minha vida que à primeira vista não me parece fácil estabelecer no caso uma primazia. Como se vê, até mesmo êste momento, em que sou solicitado a responder a essa pergunta, me parece um tanto difícil... Em todo caso, vou mencionar a quadra de minha vida que ficou na minha lembrança como sendo talvez o período mais tormentoso. Foi quando deixei de ser deputado em 1937. A crise, para mim, se agravou profundamente nos anos seguintes. Senti então não mais o drama do menino sem recursos, mas do político pobre, isto é, do homem que já tivera uma posição e se via de repente sem nada. Não era simplesmente o ostracismo, em si tão penoso. Era o ostracismo sem dinheiro. Um homem pobre é uma coisa triste. Mas um político pobre, e no ostracismo, é uma coisa muito pior, talvez uma das coisas mais tristes que podem ocorrer a uma pessoa. Durante essa fase tive tantos momentos difíceis que seria impossível fazer uma seleção. Aliás, tôda a minha vida tem sido um desfile de dificuldades. Agora ela está aparentemente mais fácil. Mas talvez só aparentemente...

**● QUANDO SENTIU TER ATINGIDO O ESPLENDOR DE SUA CARREIRA?**

— Embora discorde da palavra «esplendor» para o meu caso, compreendo bem o espírito da pergunta. O ponto alto de minha acidentada carreira foi, sem dúvida a minha eleição para a Vice-Presidência da República, com a oposição de fôrças tão poderosas. Os que acompanharam os acontecimentos relacionados com aquela eleição conhecem muito bem a história que não preciso recapitular aqui.

**● DE QUE SE OCUPA AGORA?**

— Exerço a Vice-Presidência da República, a Presidência do Senado e do Congresso Nacional. Essas são as minhas ocupações oficiais. Mas tenho também, evidentemente, as minhas ocupações marginais e espontâneas, como todo mundo. Não coleciono selos nem coisas velhas ou raras. Mas costumo passar horas a fio recebendo o povo nos dias de audiência pública em meu gabinete no Palácio do Trabalho. Isto nada tem a ver com o cargo de Vice-Presidente, pois sempre gostei dessa ocupação desde os tempos de deputado e até mesmo antes, como simples político provinciano. Êsse hábito já está incorporado à minha vida de tal maneira que não posso deixar de incluí-lo entre as minhas ocupações. Quanto ao mais, para completar a resposta, não sou dado a pescarias nem a caçadas, e muito menos a qualquer espécie de jôgo. Prefiro, nas horas vagas, um bom «bate-papo»...

**● QUE DESEJA MAIS NA VIDA?**

— No plano pessoal, desejo naturalmente uma velhice mais tranqüila do que a mocidade, embora verifique que o menino pobre de outrora e o político pobre de ontem e de hoje estão marchando para ser amanhã apenas um velho pobre que chegou, um dia, a ser Vice-Presidente de seu país. Como político, o que mais desejo é ver o Brasil superar a crise de seu desenvolvimento e tornar-se uma grande potência, com um padrão de vida digno e feliz, ao alcance de todos os brasileiros.

# GENERAL CÂNDIDO RONDON

● ONDE E COMO PASSOU A INFÂNCIA?

— Nos campos do Mimoso, desde que nasci até os 7 anos de idade; em Cuiabá dos 7 anos aos 16, quando concluí meu curso de professor e rumei para o Rio de Janeiro, a fim de assentar praça no Exército, visando a matrícula na Escola Militar — o tudo se realizou.

● QUAL FOI O MOMENTO MAIS DIFÍCIL DA SUA EXISTÊNCIA?

— O período de 1881 a 1888, pois que tendo rejeitado oferecimentos que me fizeram para facilitar-me o pôsto de Cadete, privilégio dos filhos legítimos ou adotivos de militares, assim como, não havendo feito entrega de cartas de recomendação que me proporcionaram parentes e amigos de família; vi-me, de repente num meio inteiramente estranho, contando sòmente com o meu esfôrço pessoal para estudar e obter matrícula na Escola Militar. Devo à circunstância fortuita de minha caligrafia, julgada mui favoràvelmente ao tempo em que não se havia ainda inventado a máquina de escrever, a escala que me surpreendeu para servir de amanuense no Quartel-General do Exército, de onde se tornou mais fácil o acesso àquela Escola.

Desde o período em que entrei para as fileiras do Exército (1881 a 1883), matriculado depois na Escola Militar (1883), até alcançar a honrosa promoção de Alferes-Aluno (1888), vivi exclusivamente do bem parco sôldo, em sérias aperturas financeiras. Para não dever favores a parentes, camaradas ou amigos, cingia-me a alimentar-me, quando já desarranchado, na tropa, das grosseiras e econômicas feijoadas, comidas em restaurantes a que a verve carioca apelidava de «frege-môscas»...

Estas agruras cessaram sòmente com a promoção ao primeiro pôsto de oficial, por estudos, atingida sob a condição de obter aprovações plenamente ou distinção, quer nas matérias teóricas, quer na prática.

● QUANDO SENTIU TER ATINGIDO O ESPLENDOR DE SUA CARREIRA?

— Substituída a idéia de **esplendor**, que não se coaduna com a modéstia do simples dever cumprido no exercício vulgar das minhas atividades; respondo que a culminância dos meus pendores pela defesa e pela sorte do índio, como pela contribuição ao progresso do Brasil através de Mato Grosso, compreende dois pontos capitais, que considero duas vitórias em cada um dêsses setores:

**a)** A criação do **Serviço de Proteção aos Índios** em 7 de setembro de 1910, inspirada na atuação que tivemos no sertão, em nossos contactos amistosos com o índio em explorações puramente geográficas ou nas que serviram de base para projetar as linhas telegráficas.

**b)** A conclusão da grande linha telegráfica que varou 800 km de sertão bruto e ligou Mato Grosso ao Amazonas, levando o fio condutor através cêrca de 2.000 km de extensão, servido por 25 estações, apagando das cartas as advertências: «ZONA DESCONHECIDA», «TERRAS DESCONHECIDAS» e outras semelhantes; e, finalmente a conclusão da nova Carta de Mato Grosso para a qual concatenamos pacientemente dados desde 1892 até 1952, ano em que foi concluída e impressa.



● DE QUE SE OCUPA AGORA?

— De presidir o CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS e aconselhar o S.P.I. — com a minha experiência adquirida durante cêrca de meio século de vida no sertão e com o conhecimento que adquiri sôbre os usos e costumes dos nossos aborígenes, suas tendências e hábitos de vida — a fim de melhor orientar sua atuação, na resolução sistemática do Problema do Índio no Brasil. Obstino-me com grande sacrifício, dada a minha avançada idade (88 anos) e incômodo de saúde, a prestar ainda meus serviços em prol do ÍNDIO.

● QUE DESEJA MAIS NA VIDA?

— Continuar a servir à Pátria, enquanto ainda puder fazê-lo!

Cândido M. S. Rondon

# HERBRT MOSES



● ONDE E COMO PASSOU A INFÂNCIA?

— No lar. Vivi a meninice e a adolescência uma vida sempre dedicada ao lar, ao influxo da influência dos meus pais, numa família profundamente unida e em constante cooperação.

● QUAL FOI O MOMENTO MAIS DIFÍCIL DA SUA EXISTÊNCIA?

— Poucos foram fáceis. Um confrade disse a meu respeito que «sempre naveguei em mar alto». E' verdade. Acostumei-me às ondas altas e às tempestades. São um clima em que me sinto à vontade.

● QUANDO SENTIU ESPLENDOR?

— Esplendor? Nem tanto. Minha carreira tem sido feita da generosidade com que os amigos a consideram. Os seus pontos altos são aquêles em que melhores serviços presto aos meus semelhantes, embora a meu critério nunca suficientes em relação aos que me julgo no dever de desempenhar.

● DE QUE SE OCUPA AGORA?

— Da minha classe, minha maior e máxima preocupação, a que dedico a maior parte das fôrças restantes.

● QUE DESEJA MAIS NA VIDA?

Ver felizes os meus entes caros e merecer o apoio de meus companheiros para ter o direito de ser na medida de sua confiança o praça Herbert Moses a serviço dos jornalistas, todos êles, sem distinção, meus queridos e respeitados comandantes.

Herbert Moses




CAPITAL SOCIAL

3.000.000.00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

# PLANO DE ECONOMIA

## Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico,

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

**BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.**

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475


# MARGARIDA LOPES



**ONDE E COMO PASSOU A INFÂNCIA?**

— Fui uma menina feliz. Olhando para o passado não vislumbro uma única nuvem negra. Meus pais davam à nossa casa um ambiente de felicidade e de alegria. Nasci na rua Aprazível, em Santa Tereza, e aprazível foram a minha infância e a minha juventude vividas nesse bairro onde ainda hoje rememoro os tempos idos. No berço, recém-nascida, era acordada por meu irmão Albano, pouco mais velho que eu, meu inseparável companheiro de todos os momentos, que me sacudia dizendo:

«Margarida, abre os olhos, olha o mar!» Afligia-se êle, já enamorado do belo, por que a irmã conservasse os olhos fechados diante de tanta beleza! A nossa casa tinha as janelas abertas para a Guanabara! E para a ver que eu abri pela primeira vez os olhos.

Pequenina, ouvia, sentados à nossa mesa, em conversa íntima com meus pais, Olavo, Guimarães Passos, Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira e Orlando Teixeira. Dêste conservo uma lembrança muito vaga e esbatida. João Phoca — Baptista Coelho — era para nós o Zeca. Brincava comigo e minha irmã Lúcia, rolava conosco nos tapêtes da sala, contava-nos histórias engraçadas e adorava-nos. Já encontrei, ao nascer, como familiar da minha casa, João Luso, a quem me acostumei a considerar como um irmão mais novo de meus pais. Lembro-me da alegria que tive em lhe levar, ao altar, a aliança do seu casamento, essa mesma aliança que há dois anos lhe retirei do dedo ao acomodá-lo para o derradeiro sono...

Minha mãe passava os dias escrevendo; nunca porém se descuidava da sua casa, do seu marido, dos seus filhos e das suas flores. O nosso jardim era, sem sombra de dúvida, o mais lindo do bairro. Mereceu bem êsse sonêto que lhe dedicou meu irmão Afonso:

Nosso jardim rodeia a casa, e abriga
Borboletas, e pássaros e abelhas.
Tem tanta flor, que as há, nem sei se o diga,
A espiar-nos dos beirais, por entre as telhas...

Pelos canteiros, em socalco, à antiga,
Riem as rosas brancas e vermelhas.
Tem mangueiras à entrada, duas, velhas
Que à roda estendem sua sombra amiga.

Pela manhã passeia nêle a fada
Que o plantou, e vai ver quais são, e quantas,
As flores que lhe trouxe a madrugada.

E ao verem-na chegar, risonha e boa
«A sua bênção, Mãe!» — dizem as plantas,
E minha mãe com o olhar as abençoa...

# DE ALMEIDA

Estou a vê-la, acompanhada pelo jardineiro, o «seu» Manuel, que ficou muitos anos a nosso serviço, podando, enxertando, envasando, mudando as suas plantas e semeando. A sua divisa era esta: «Semeia até na pedra!» E ela semeou!

Meu pai saía cedo para o seu trabalho na Cia. Sul América e mal terminava o seu dia de labor, corria para casa, para o aconchego da família. Quando se aproximava a hora do bonde em que pontualmente subia, já minha mãe arrumava os seus papéis, fechava a sua secretária e nos dizia:

«Vão esperar seu pai.» E nós corríamos pelo jardim, até ao portão para lhe pagarmos com carinho o pão que estivera a ganhar para o nosso sustento.

Vivendo do seu trabalho, ajudado pela parca remuneração que obtinha naquela época a colaboração literária na imprensa a pena de sua mulher, a nossa casa, no entanto, se foi pouco a pouco enchendo de obras de arte de valor. Meu pai amava pintura. Ia aos leilões. Sabia ver. Sem ter tido educação artística nem ter àquela época a experiência de museus e coleções, é incrível como tinha no mais alto grau a intuição do belo e o conhecimento divinatório dos autores. Assim chegou a fazer uma galeria de mestres e ter nas suas paredes telas de Courbet, Théodore Rousseau, Greuse, Fortuny, Sargent, Troyon, e quase todos os pintores famosos do Brasil e de Portugal.

Foi nesse ambiente que eu cresci — entre flores e quadros, ouvindo minha mãe ler aos amigos os seus contos, capítulos de romances ou peças de teatro antes de os entregar ao editor ou ao público; meu pai e meu irmão Afonso dizerem os seus versos ou recitarem Camões e Dante e minha tia Adelina, irmã de minha mãe, declamar as suas poesias e as de Tomás Ribeiro com romântica emoção; e mais Bilac e Alberto, cuja voz ainda me canta ao ouvido:

«Ser lagarta, em verdade, é uma coisa bem triste»...

Meu avô materno exerceu em todos nós uma influência muito grande. O Visconde, como era chamado por tôda a gente (Visconde de S. Valentim) adorava os netos e foi guiada por êle que li os primeiros romances de Eça de Queiroz e as primeiras páginas de Herculano. Não posso voltar o pensamento para os primeiros anos da minha vida sem que o seu vulto alto, de barbas brancas e olhos de míope, e o afago doce de suas mãos pálidas, me surja à mente com infinita saudade.

## ● QUAL FOI O MOMENTO MAIS DIFÍCIL DA SUA EXISTÊNCIA?

— A bem dizer não tive momentos difíceis, verdadeiramente difíceis, na minha vida. Infância feliz, juventude amena. Como estudante obtive o maior prêmio a que poderia aspirar — o prêmio de viagem, como aluna de escultura da Escola Nacional de Belas Artes, onde já obtivera a indispensável Grande Medalha de Ouro. Como artista, a minha carreira teve desde o início a paga compensadora da simpatia do público e da crítica, mesmo dos países mais estranhos e afastados. Não encontrei tropeços. Os momentos mais difíceis foram, portanto, de ordem íntima, sentimental, daqueles que a gente sofre calada e não revela senão quando já transformados em emoção artística. E só se chega à plenitude de uma arte, depois de se haver passado por êles...

## ● QUANDO SENTIU TER ATINGIDO O ESPLENDOR DE SUA CARREIRA?

— Não sei. Creio porém que os meus recitais, dêstes últimos cinco anos a esta data, atingiram um êxito de público e de ajuizamento crítico, maior do que nunca. Em mim mesma, confesso que não tenho consciência nítida dêsse fenômeno.

## ● DE QUE SE OCUPA AGORA?

— Sempre da minha arte. Cheguei recentemente de uma excursão à Europa a que juntei, pela primeira vez aliás, recitais em Tanger. Apresentei-me no Funchal, em Lisboa, no Pôrto, em Madri, em Barcelona e em Tanger, como já disse. Assumi compromissos para novas audições nessas mesmas cidades e em várias outras de Portugal e Marrocos. Se a saúde não me faltar, dentro de ano e meio levarei a essas terras todos os poetas que vivem no meu cérebro e no meu coração.

## ● QUE DESEJA MAIS NA VIDA?

— A vida deu-me mais do que lhe pedi. Que posso desejar além do que já prodigamente me ofereceu? Digo como Amado Nervo:

«Vida, nada me debes! Vida, estamos en Paz!»

Margarida Lopes de Almeida

# PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 72

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | Fazer faxina | 17 | 141 | 129 | 2 | 32 | 125 | 56 |
| B | Existem | 24 | 123 | 69 | 101 | 41 | ■ | ■ |
| C | Prestem auxílio | 132 | 8 | 14 | 61 | 84 | 50 | ■ |
| D | Busca com minúcia | 65 | 93 | 100 | 86 | 5 | 30 | 49 |
| E | Hipoteco | 15 | 102 | 63 | 76 | 88 | 53 | 31 |
| F | Que tem clareza de inteligência (pl.) | 58 | 89 | 33 | 111 | 79 | 98 | 10 |
| G | Cultive; dê amanho | 42 | 105 | 78 | 90 | 59 | 87 | ■ |
| H | Espécie de carvão mineral | 48 | 80 | 13 | 138 | 70 | ■ | ■ |
| I | Calor forte; queimor | 92 | 68 | 113 | 73 | 81 | ■ | ■ |
| J | Prejudicial; nocente | 52 | 7 | 77 | 121 | 26 | 104 | ■ |
| K | Ligeiramente embriagado | 3 | 12 | 91 | 21 | 46 | 106 | ■ |
| L | Esmago; causo opressão | 6 | 66 | 118 | 51 | 109 | 29 | ■ |
| M | Sobrepujou; excedeu | 126 | 9 | 75 | 116 | 136 | 64 | 99 |
| N | Rasga | 137 | 37 | 127 | 110 | 27 | ■ | ■ |
| O | Oculta | 67 | 19 | 103 | 107 | 94 | 38 | 82 |
| P | Que tem listas | 35 | 108 | 72 | 11 | 128 | 28 | 135 |
| Q | Contrários à eqüidade | 25 | 115 | 96 | 85 | 43 | 62 | 142 |
| R | Sabores | 117 | 54 | 40 | 20 | 124 | 133 | ■ |
| S | Chamam; suplicam; imploram | 36 | 97 | 120 | 47 | 134 | 18 | 131 |
| T | O mesmo que oitizeiros | 112 | 34 | 55 | 130 | 83 | ■ | ■ |
| U | Situados | 44 | 57 | 140 | 114 | 74 | ■ | ■ |
| V | Que sofreu operação | 4 | 139 | 45 | 71 | 60 | 22 | 119 |
| W | Amassado; pisado | 95 | 23 | 122 | 16 | 1 | 39 | ■ |

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e trazem os sinais da pontuação.

| | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| ■ | ■ | ■ | W 1 | A 2 | K 3 | V 4 | D 5 | L 6 | ■ | J 7 | ■ | C 8 | M 9 |
| F 10 | P 11 | K 12 | ■ | H 13 | C 14 | E 15 | ■ | W 16 | A 17 | S 18 | O 19 | R 20 | K 21 |
| V 22 | W 23 | ■ | B 24 | Q 25 | J 26 | N 27 | ■ | P 28 | L 29 | ■ | D 30 | E 31 | A 32 |
| F 33 | T 34 | P 35 | S 36 | N 37 | ■ | O 38 | W 39 | R 40 | ■ | B 41 | G 42 | Q 43 | U 44 |
| ■ | V 45 | ■ | K 46 | S 47 | ■ | H 48 | D 49 | C 50 | L 51 | J 52 | E 53 | R 54 | ■ |
| T 55 | A 56 | U 57 | F 58 | G 59 | V 60 | C 61 | Q 62 | ■ | E 63 | M 64 | D 65 | ■ | L 66 |
| O 67 | I 68 | B 69 | H 70 | V 71 | P 72 | I 73 | U 74 | ■ | M 75 | E 76 | J 77 | G 78 | F 79 |
| H 80 | I 81 | O 82 | T 83 | ! | C 84 | ■ | Q 85 | D 86 | G 87 | ■ | E 88 | F 89 | G 90 |
| K 91 | I 92 | ■ | D 93 | O 94 | W 95 | Q 96 | S 97 | F 98 | M 99 | ? | D 100 | B 101 | E 102 |
| ■ | O 103 | J 104 | G 105 | K 106 | ■ | O 107 | ■ | P 108 | L 109 | N 110 | F 111 | T 112 | , |
| I 113 | U 114 | ■ | Q 115 | M 116 | R 117 | L 118 | V 119 | ■ | S 120 | J 121 | W 122 | B 123 | R 124 |
| ■ | A 125 | M 126 | ■ | N 127 | P 128 | A 129 | T 130 | S 131 | C 132 | R 133 | ■ | S 134 | P 135 |
| M 136 | N 137 | H 138 | V 139 | U 140 | A 141 | Q 142 | ! | ■ | ■ | ■ | Otaner-Rio | | |

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 71 — L. CORPECHOT. "MEMÓRIAS INÉDITAS". "Cintra é um dos mais belos sítios do mundo, uma montanha encantada, onde as flores mais vistosas crescem no meio dum caos fantástico de rochedos. E' a imagem mais acabada dos paraísos que sonhamos."

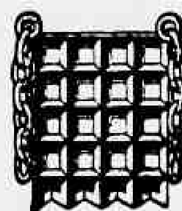
# Pronto...

para a Sra. servir aos convidados

**Seagers COCKTAIL**

Delicioso aperitivo, dosado com maestria · SEAGERS COCKTAIL reúne o melhor gin e fino vermouth. Tipos: M r ine sêco e doce. Deve ser amenizado com gêlo ou água gelada, à vontade. Ideal para festas e reuniões íntimas.

**SEAGERS DO BRASIL S.A.**
**Rua Humberto Primo, 961**



Ag. Pettinati


## TENÓRIO PRETENDE. . .

(Cont. da pág. 57)

A esta altura dos acontecimentos, o coronel Feio, sempre êle, mandou para cá José Dantas, o irmão de Olga Suely, para me matar. Tenho no corpo 23 cicatrizes feitas pelas balas de Dantas e também de Homero de Carvalho, outro capanga de Feio. Mas vou silenciar sôbre o assunto. Ambos já não vivem e não quero tripudiar sôbre defuntos. Existia, pois, o acôrdo sôbre o jôgo, e isso não nego.»

Deputado, a presente pergunta poderá parecer impertinente aos olhos de v. excia., todavia, para o público, possui, ela enorme significação.

**Não acha o senhor que muitos inimigos seus têm sido mortos, misteriosamente, nos últimos tempos?**

«Não. Não acho. Mortes misteriosas foram as de meus amigos e parentes, eleitores e auxiliares, como a de Antônio José dos Santos, meu empregado, morto em 1935 e cuja morte, por assassinato, até hoje permanece dentro de um tremendo enigma.

Também em 1938, o sr. Francisco Pereira Lima, meu secretário particular foi bàrbaramente abatido a tiros por mãos desconhecidas, isto é, desconhecidas para mim, pois a polícia sabe perfeitamente quem o assassinou. E temos mais o caso do meu amigo e auxiliar Antônio Carreiro, morto por Homero de Carvalho, em 1937. A lista é longa e seria um nunca mais acabar.

Nossa pergunta seguinte, foi:

**Quantas pessoas já estiveram sob a mira de sua arma no momento em que o gatilho era acionado?**

«Esta é uma pergunta que muito me agrada responder. Nunca atirei primeiro em ninguém, uma vez que também nunca desejei tirar a vida de quem quer que seja. Entretanto, vivendo em Caxias, cidade que poderia ser um paraíso não fôssem os capangas do sr. Barcellos Feio, tenho sido vítima de numerosos atentados, no decorrer dos quais muitos passaram desta para a melhor, ou para a pior. Todavia, tôda a vez que sou forçado a atirar em alguém, o que faço em último caso e em legítima defesa, repito, tenho como preocupação maior a minha defesa pessoal e não o extermínio de quem quer que seja. Matei, sim, várias pessoas defendendo a minha vida e a vida de minha família. Quem não o faria? Nunca ocultei o fato a ninguém e fico danado quando afirmam ter feito o que não fiz, como por exemplo a morte do Imparato.»

Insistimos, então, para que s. excia. declinasse os nomes dos que tombaram sob suas armas: «Por uma questão de decência humana, de respeito à Câmara dos Deputados e mesmo à memória daqueles que já não podem reagir, mortos que estão, apresento o meu silêncio diante da pergunta. As 46 marcas de balas que tenho pelo corpo a fora, nos braços, no peito, nas costas e na própria espinha, atestam a eficiência dos pistoleiros do secretário de Segurança do Estado do Rio, que peitou muitos capangas para me matar, porém dizem que eu tenho o corpo fechado, e que sou protegido por Cosme e Damião.»

**A quem atribui a morte de Imparato?**

«O delegado Imparato morreu porque sabia de mais. Quanto a mim, queria vê-lo vivo e sentado no banco dos réus para responder pelos seus grandes e tenebrosos crimes. A eliminação de Imparato interessaria, e muito, ao sr. Barcellos Feio, pois êle, Feio, transformou Imparato em seu confidente e é sabida a maneira pela qual acabam os confidentes do sr. Feio. Quanto a Pedro Tenório, mantinha êle boas relações comigo e também com Imparato, razão que me autoriza a duvidar tenha êle cometido o crime. Outra coisa. Quando um empregado meu é prêso, conhecendo como conheço a capacidade de trituração da polícia fluminense, tem ordem minha de confessar tudo, até mentiras, para não sofrer.»

Nova chícara de café, novas baforadas de cigarro; e foi então qu... mulamos outra pergunta:

**Como espera v. excia. termina... dias?**

«Bem velhinho, cercado de neto... tando anedotas para êles, dormi... recanto bucólico de Duque de C... tendo à cabeça o travesseiro ... minha consciência conciliando ... sono.»

Satisfeitos os quesitos, perc... tôdas as dependências da residê... parlamentar, guiados por êle e ... outro Tenório, seu primo de Q... gulo, que não o deixava um só ... O deputado teimava em nos mos... numerosos pontos de sua casa ... por balas. Existem, ao todo, ... 164 sinais de balas, nas diversas ... e no portão da casa-fortaleza.

Notamos, na sala de estar, a ex... cia de um magnífico acordeon ... e solicitamos ao deputado que no... dasse com algumas músicas à mo... norte. Tenório não se fêz de rog... deu de mão ao instrumento execu... aliás bem, o «Baião Caçula», ... Rendêra» etc. Depois, vendo s. e... que estávamos surpresos diante do... conhecimentos musicais, aliás d... trados de revólver à cinta, dirigiu... piano e dedilhou a «Marcha Fún... de Chopin, com verdadeira maestri...

**TENÓRIO PERGUNTA A TENÓ...**

«Sôbre o que será da minha ... daqui por diante, eis a pergunt... faço a mim mesmo, conforme havi... metido. Devo declarar que ela ... nuará no mesmo ritmo de sempre ... lado dos meus familiares, cercado ... confôrto dos parentes e amigos e ... da solidariedade de meus eleitores ... convicção de que a verdade su... mais cedo ou mais tarde, e de q... verdadeiros traidores do povo de C... serão apontados à execração pú... Época virá em que os bandidos ... mais encontrarão guarida em C... cujo povo, ordeiro e trabalhador, ... seguirá na sua marcha para o ... num clima de paz e de progresso.

PUXE PELO CÉREBRO

**RESPOSTAS DA PÁGINA ...**

1 — Feliz protetor
2 — Em Mônaco
3 — 2-8-1948
4 — Artemisa
5 — Londres
6 — O Araguaia
7 — Oitenta
8 — Por ter inventado a linotipo
9 — Balzac
10 — 600 metros
11 — Peru
12 — O Asfaltite (Mar Morto)
13 — A parte sólida da Terra em que vivemos
14 — No golfo do México
15 — S. Vicente


**BÉL-HORMO...**

**A BELEZA DOS SEIOS**

Quando o busto fôr insuficiente, sem firmeza, use BÉL-HORM... nº 1 e quando fôr ao contr... demasiadamente volumosos, ... BÉL-HORMON nº 2. BÉL-H... MON, à base de hormônios é ... preparado moderníssimo, efic... te de aplicação local e result... imediatos. Adquira-o nas farm... cias e drogarias ou pelo Corre...



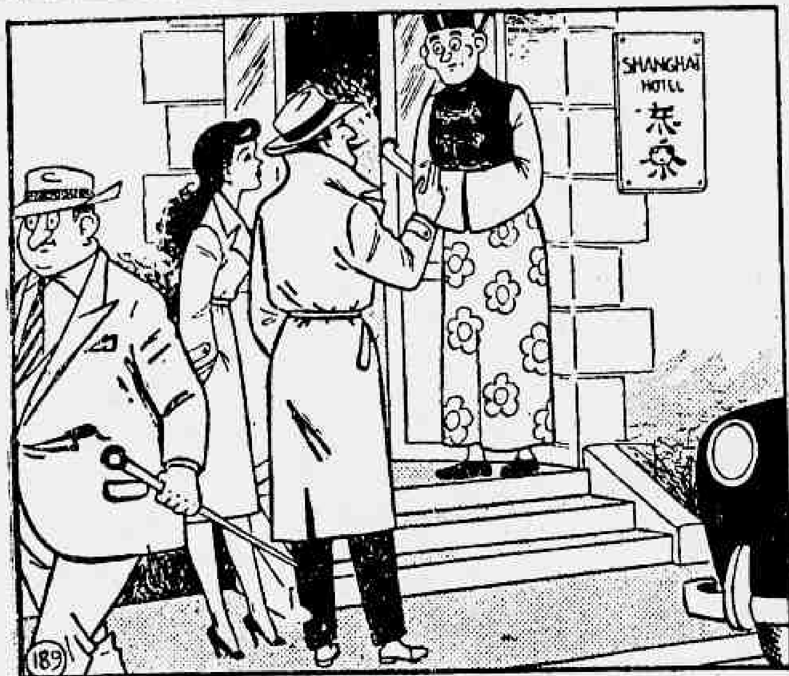

**Distribuidores para todo o Br... Sociedade Farmacêutica Qui... Pinheiro Ltda. — Rua de C... ca, 33 — Rio de Janeiro**

Soc. Farmacêutica Quintino ... nheiro Ltda. — Queiram envia... pelo Reembôlso Postal um vi... de "BÉL-HORMON" Nº ......

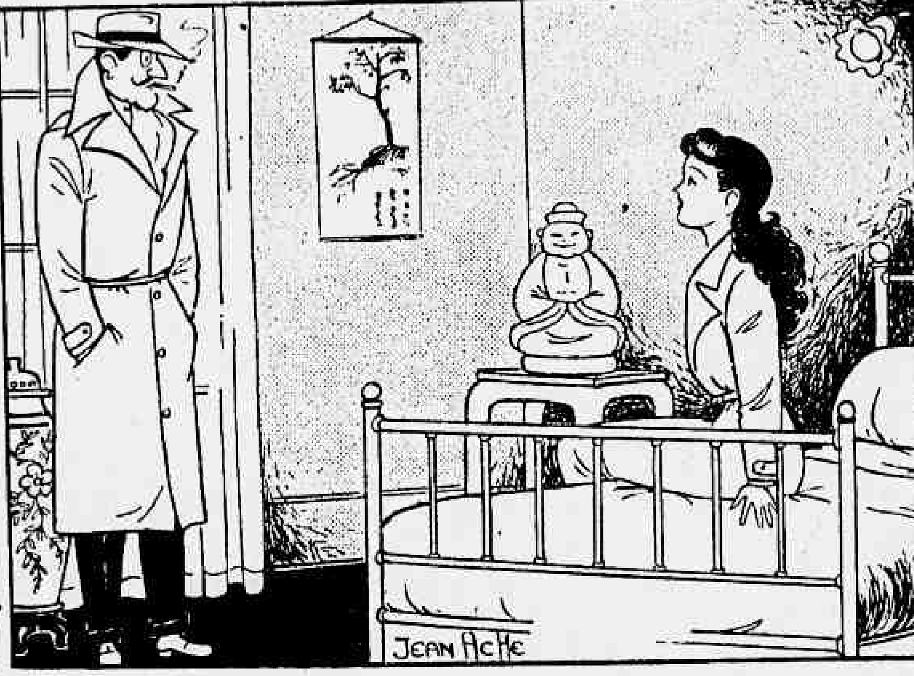
NOME ........................
RUA ........................ Nº ....
CIDADE ........................
ESTADO ........................

**Preço para todo o Brasil Cr$ ...**

# ARABELE a última sereia



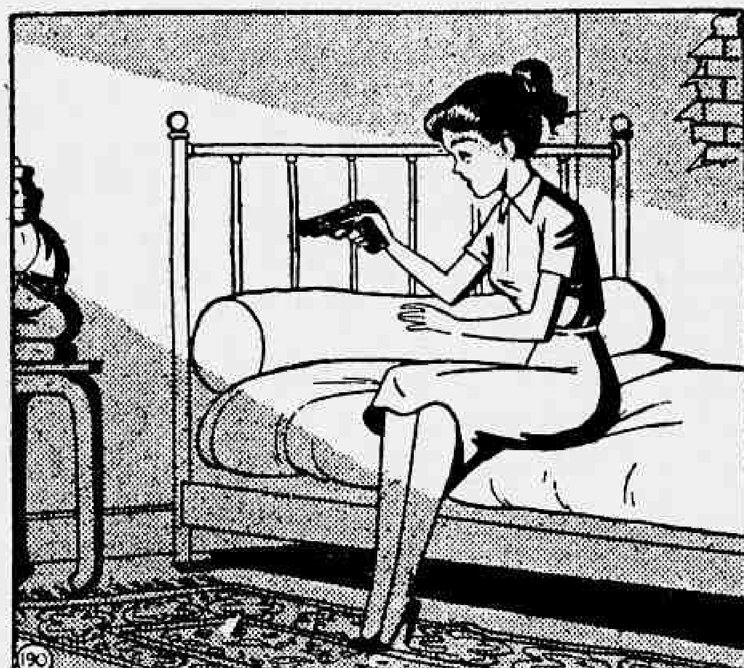

Arabelle, cada vez mais assombrada, é conduzida, juntamente com o oficial, ao «Xangai Hotel» Lá, seu companheiro a tranqüiliza, fazendo-lhe, ao mesmo tempo, entrega de um revólver



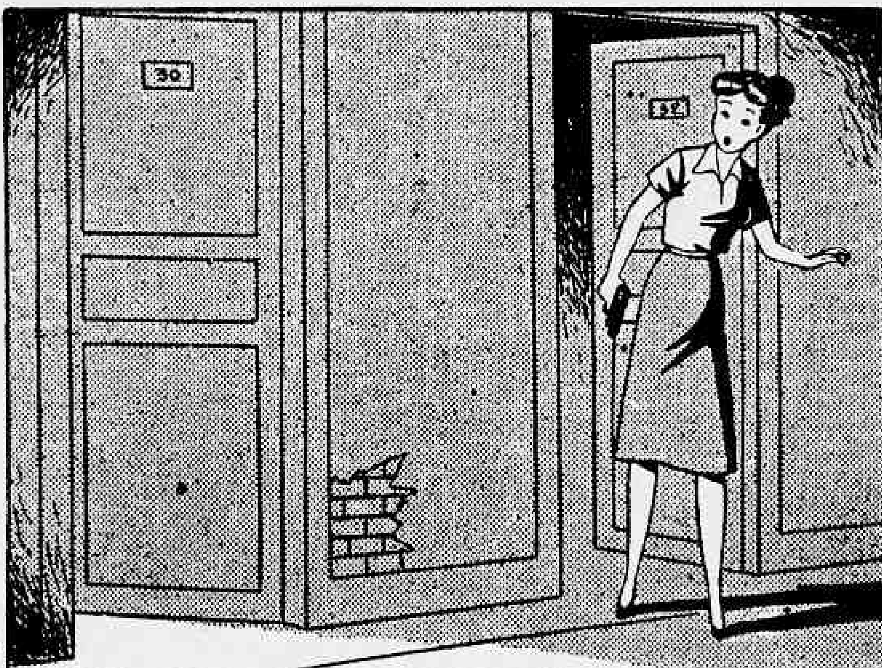

Dá-lhe, então, as necessárias instruções: — ela passa a ser, daquele momento em diante, uma bailarina norte-americana. E êle, da mesma maneira, passará a ser Ludovic. Sòmente Ya-Ka, o homem do aeroporto, sabe de tudo




À noite, êle a encontraria no cabaré «Nenuphar Bleu». E recomendou muita prudência, desejando-lhe êxito. Ficando a sós, Arabelle estava perplexa com tudo aquilo.




Ficou o resto do dia pensando na vida e exercitando-se, com a pistola que lhe havia sido entregue por «Ludovic» À noite, entretanto, a situação parecia ser aterradora.




Estava assim, entregue às suas meditações, quando ouviu passos que pareciam perto De revólver em punho, abriu a porta para ver o que se passava. Mas nada de anormal havia, que lhe chamasse a atenção.




Avança um pouco e nota que uma porta se fecha, docemente, à sua aproximação. Que seria? Todo aquêle mistério que a rodeava em terra estranha lhe causava o maior pavor,




Chegando a hora de preparar-se, ela se veste à maneira das «taxi-girl», conforme as instruções que lhe foram ministradas pelo oficial, «Ludovic»



Desceu as escadas para o «Nenuphar Bleu», cheia de curiosidade. Que iria se passar naquele centro de mundanismos?



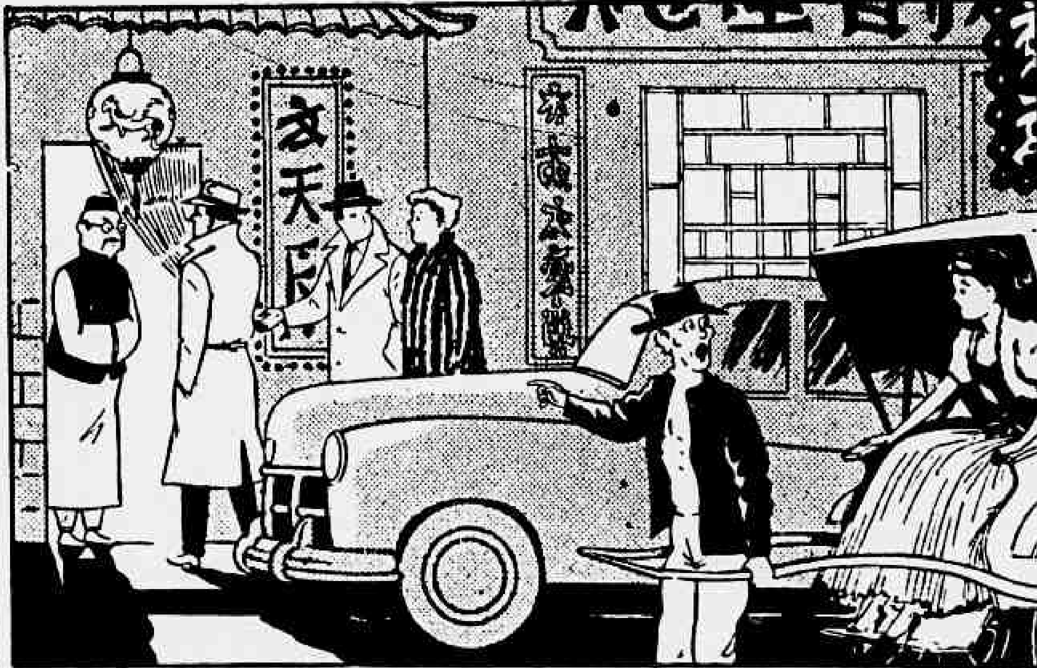
Um boy corre até ela e se oferece, expressando-se em impecável inglês, para conduzi-la até ao famoso cabaré internacional.



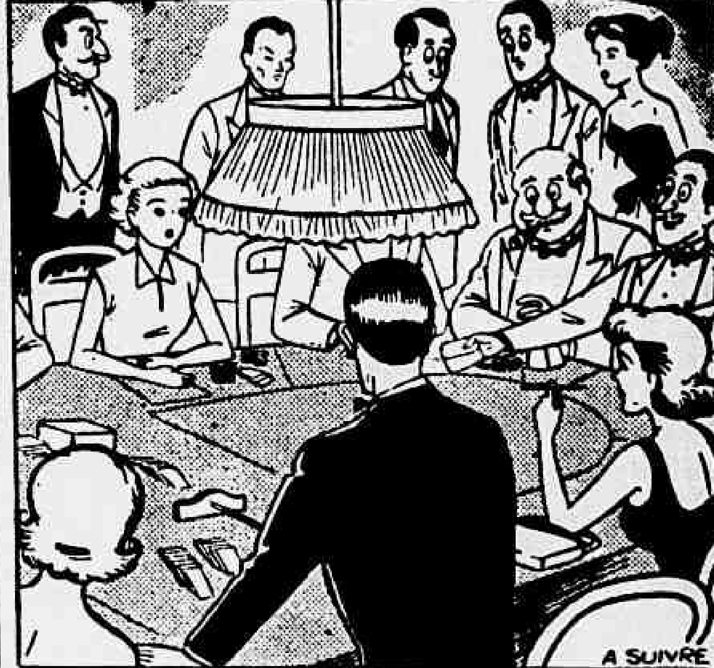

Não sabia como agir «Ludovic» não a prevenira a êsse respeito. Arabelle percebeu, porém Ya-Ka, o homem lá do aeroporto, meio escondido, e fazendo insistentes sinais para que aceitasse.




Arabelle aceita O «boy» chama um daqueles carrinhos puxados por homens e espera o que venha a suceder Seu coração bate, violentamente, no peito



Momentos depois, chega em frente ao luxuosíssimo cabaré. Era uma das mais famosas casas de diversões da Ásia. Ela verifica que a sua freqüência era de europeus, americanos e asiáticos. Enfim, uma grande freqüência. O «collie» aponta-lhe a entrada.




Ela entra Passa por um salão, onde os pares dançam Segue até à um outro salão. Era o destinado ao jôgo. Ali, então, vê Ludovic, transformado em «maitre d'hôtel»

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN HACHE

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*




PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

"AMARALINA"




(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309




C O R R E I O   D A   R E V I S T A

★ **JOSÉ NICÁCIO T. DA SILVA (S. Paulo)** — Não dispomos de serviço de reembôlso postal para livros que não sejam de nossa edição. O amigo deve dirigir-se diretamente à emprêsa que publicou as referidas obras. No mais, estamos às ordens.

★ **G. DA S. M. (Rio)** — Pode mandar diretamente à «Brasília», no endereço indicado na própria página da REVISTA DA SEMANA que publica as figurinhas coloridas.

★ **MARIA DA GRAÇA** — Recebemos seu conto. Deixamos de publicá-lo, porque o tema escapa às finalidades desta REVISTA. A senhora há-de compreender que não podemos aceitar literatura de caráter setarista. Poderá parecer aos leitores, que temos simpatia por esta ou aquela crença religiosa.

★ **DALMIRA (Recife)** — Receberemos, com muito prazer sua colaboração e será publicada, desde que esteja em condições.

★ **MÁRIO DE MATOS TEIXEIRA (Rio)** — Nosso quadro de cronistas está completo.

★ **SIMPLÍCIO DE SÁ (?)** — Mande os contos. Quem sabe?

★ **JOÃO DE SOUSA (S. Paulo)** — Seu trabalho sôbre S. Paulo tem muitos defeitos. O maior dêles é que se trata de artigo nitidamente político e faccioso. Talvez que um jornal simpático à corrente política a que o amigo se refere e tanto defende, pudesse aceitar. Tente.

★ **LUIZA P. DA GLÓRIA (Rio)** — Não recebemos. Se possuir cópia ou se puder repetir, estamos às ordens.

★ **LOURDES (Rio)** — O que deseja depende de prova. Sempre há lugar para os que desejam trabalhar na imprensa; mas, como julgar do mérito de uma reportagem, se não estivermos com o texto e as fotos em mão?

★ **MARÍA DO CARMO VEIGA (Salvador)** — Dirija-se à gerência da Companhia Editôra Americana, Visc. de Maranguape, 15 — Rio, e receberá os exemplares que lhe faltam. Cada número atrasado custa seis cruzeiros.

★ **DALMO S. DE MOURA (Rio)** — O endereço de «Eu Sei Tudo» é o mesmo da REVISTA DA SEMANA, pois são publicações da mesma editôra.

★ **SÍLVIO DA G. PEREIRA (Rio)** — Pode remeter as importâncias tanto em dinheiro, como em cheque ou selos postais.

★ **HOMERO DA SILVA (S. Paulo)** — Não aceitamos colaborações nas condições a que se refere em sua carta. Os originais recusados não são devolvidos. Vão para a cêsta, é claro.

## ONDE CACHORRO E' CÃO

(Cont. da pág. 19)

**2º GRUPO:**
**Afghan Hound** — LUTZ ALY OF HAZARAT (campeão anteriormente).

**3º GRUPO:**
**Boxer** — ROSI V. D. REITERSTADT VERDEN (campeã importada).
**Collie** — GLENBRAE'S TOASTMASTER'S (campeão importado).
**Doberman** — TIM.
**Dogue Alemão** — EMOR RATISBONA (importado).
**Pastor Alemão** — JOCKEL V. HAUS WERLE.

**4º GRUPO:**
**Fox Terrier Pêlo Duro** — ALPHA VON ARISTON (campeã anteriormente).

**5º GRUPO:**
**Miniatura Pinscher** — BLACKY MIMO DE GUARAREMA (campeã anteriormente).
**Pequinês** — RIKKI OF IFIELD (importado).

**6º GRUPO:**
**Bulldog Inglês** — DINAH OF ELMANOR campeã importada).
**Poodle Standard** — ABSINTHE DE LAMORLAYE (importado).
**Poodle Miniatura** — KYRA V. D. MURINSEL.

**MELHOR DUPLA:**
APOLL SILVER LILLY e APOLL SILVER BELL (campeãs importadas da raça **Weimaraner**).

**MELHOR DO 1º GRUPO:**
WAGGERLANDS WAGTAIL OF FRANT (importado, raça **Cocker Spaniel Inglês**).

**MELHOR DO 2º GRUPO:**
LUTZ ALY OF HAZARAT (da raça **Afghan Hound**).

**MELHOR DO 3º GRUPO:**
GLENBRAE'S TOASTMASTER'S (campeão importado, da raça **Collie**).

**MELHOR DO 4º GRUPO:**
ALPHA VON ARISTON (campeã da raça **Fox Terrier Pêlo Duro**).

**MELHOR DO 5º GRUPO:**
RIKKI OF IFIELD (importado, da raça **Pequinês**).

**MELHOR DO 6º GRUPO:**
ABSINTHE DE LAMORLAYE (importado, da raça **Poodle Standard**).

**MELHOR DA CRIAÇÃO NACIONAL:**
BLACKY MIMO DE GUARAREMA (campeã da raça **Miniatura Pinscher**).

**MELHOR IMPORTADO:**
O grande campeão da raça **Collie**, GLENBRAE'S TOASTMASTER'S.

**MELHOR DA EXPOSIÇÃO:**
GLENBRAE'S TOASTMASTER'S.

★

Ao certame concorreram 214 cães, dos quais 154 nacionais e 60 importados. Nove foram as duplas (brace class) que concorreram e uma apenas a equipe (team class), formada por quatro cães da raça Beagle. Finalmente no setor das ninhadas, quatro foram apresentadas, uma delas com quatro filhotes e as outras três com sete filhotes cada uma.

# RECEPÇÃO E BAILE

# NAS LARANJEIRAS

A DESPEDIDA DO PRESIDENTE MANUEL ODRIA, SUA ESPÔSA E COMITIVA ★ O SR. GETÚLIO VARGAS CONDECORADO COM A GRÃ-CRUZ COM BRILHANTES DA ORDEM "AL MÉRITO POR SERVICIOS DISTINGUIDOS", PELAS MÃOS DO PRESIDENTE DO PAÍS ANDINO.

A permanência do general Manuel Odria e sua excelentíssima espôsa em nossa Capital, foi motivo de muitas manifestações de amizade e simpatia do povo brasileiro, secundando o que fizera o govêrno brasileiro, dentro das normas de nossa tradicional hospitalidade e deferência para com os nossos irmãos do hemisfério. Vindo ao Brasil em visita cordial, trouxe o Presidente do Peru luzidia comitiva de pessoas afeitas aos estudos de problemas internacionais de monta, permitindo isso, que os dois governos pudessem firmar acordos da maior importância, em poucos dias de trocas de idéias. O Presidente da República dos Andes, país que, pela primeira vez nos manda o seu Chefe de Estado, não pôde ocultar as surprêsas agradáveis que a nossa terra lhe proporcionara, tudo fazendo crer que, entre o Brasil e o Peru, novos horizontes se abram, não sòmente no que diz respeito a assuntos de intercâmbio comercial, como no que tange a visitas recíprocas de brasileiros ao Peru e de peruanos ao Brasil. É no turismo que reside um

**Chegam ao Palácio das Laranjeiras, para a recepção oferecida pelo general Odria, a senhorita Yara Steiniger e viúva Ferreira Chaves.**



**Encheram-se os aristocráticos salões do Palácio das Laranjeiras, de que possui o Rio de Janeiro de mais fino e elegante em sua alta sociedade. Vemos aqui: senhoritas Montauban, Lúcia Azambuja., Ximenes Lorca, Carmen Kline, Josefina Barón e o capitão Jorge Miró Quesada.**

# RECEPÇÃO E BAILE NAS LARANJEIRAS



Mme. Noemia Silva chegando à bela recepção.



A sra. Pires Escobar quando chegava ao palácio.



Outro aspecto, e desta a senhora Araujo ...



O sr. Café Filho, Vice-Presidente da República, em palestra com a Embaixatriz do Peru, sra. Miró Quesada, após a condecoração a G. Vargas.



Sra. embaixador Lourival Fontes, dep. sr. Nereu Ramos e d. Alzira V. do Amaral Peixoto, esposa do alm. Amaral Peixoto, governador do Est. do Rio

A bela
sociedad

dos grand
A América
tornando-s
seus habi
falar dua
disesse
tornar pit
de fala c
é um es
contentes
idiomátic
um mesm
ofereceu,



**A bela recepção oferecida pelo general Odria e sua exma. senhora à sociedade carioca, foi, especialmente, uma festa de fraternização Peru-Brasil, na qual a mocidade que ali se encontrava fulgiu, como podemos verificar na presença da senhorita Josefina Barón, elegantíssima.**

dos grandes vínculos para a fraternidade humana. A América Latina precisa desenvolver êsse intercâmbio, tornando-se conhecida e amada cada vez mais pelos seus habitantes, que tiveram a grande ventura de falar duas línguas tão parecidas, que já houve quem dissesse ser o espanhol «um português errado». Para tornar pitoresca a comparação, é lógico que os povos de fala castelhana digam por sua vez: «O português é um espanhol errado». E assim estamos pagos e contentes com a reciprocidade de uma compreensão idiomática sem igual entre vinte e tantas nações de um mesmo continente. Antes de partir, o general Odria ofereceu, com sua senhora, uma recepção seguida de baile, nos salões do Palácio das Laranjeiras, a cuja festa afluiu o que o Rio possui de mais seleto, distinto e aristocrático. Nessa ocasião foi condecorado o sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, com uma das mais altas comendas do Peru, seguindo-se o baile, que se prolongou até alta madrugada, deixando em todos a mais grata impressão. O general Odria e sua exma. senhora aumentaram a admiração que já haviam conquistado no julgamento da sociedade carioca, pela finura do trato e requinte de fidalguia, a todos atendendo com a proverbial lhaneza e urbanidade do cavalheirismo espanhol levado às culminâncias dos Andes pelos fidalgos conquistadores de terras e de corações. A festa de despedida com que nos honrou o sr. Presidente do Peru, teve um encantamento deslumbrante, pois, sem caracterizar-se pelas recepções principescas de opulências desordenadas, atingiu o mais alto grau de beleza e distinção social, como prova de cortezia e amizade ao nosso país, cujo povo jamais esquecerá a visita do Chefe do Executivo peruano ao Brasil. São da recepção levada a efeito no Palácio das Laranjeiras, as fotos aqui estampadas, pelas quais os leitores poderão fazer ligeira idéia do brilhantismo reinante nessa reunião de fraternidade entre os dois povos amigos e irmãos.

DUAS HORAS NA CORÉIA BRASILEIRA

# TENÓRIO PRETENDE MORRER NA CAMA

SEIS PERGUNTAS E SETE RESPOSTAS ★ MATOU MUITOS, PORÉM EM LEGÍTIMA DEFESA ★ TEM O CORPO PROTEGIDO POR COSME E DAMIÃO ★ 2 HORAS NO INTERIOR DA RESIDÊNCIA - CASAMATA.

**Reportagem de HÉLIO ABREU ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA**

NEM todos os caminhos levam a Roma. Os de Duque de Caxias, por exemplo, vão dar ao cemitério. Quem desconhece a existência da cidade fluminense, monumento vivo à nossa maior figura militar? Sua história, que vem do império, tem sido escrita com a tinta escarlate do sangue de inocentes e culpados, e seus alicerces repousam por sôbre inúmeras ossadas. Vizinha da capital da República, entretanto está tão distante da civilização quanto o dinheiro do judeu do bôlso do padre. Se bem que ùltimamente muito se tenha escrito e falado sôbre a cidade, a sua história verdadeira ainda está para contar.

Ao contrário do que se propala, não foi Tenório o introdutor do crime em Caxias. Muito antes dêle o homicídio ali campeava com a mesma facilidade com que corre o riacho para o mar. Bandidos famosos, entre os quais «Neném Moirão» e «Chico Perneta», inscreveram, a bacamarte, suas trajetórias pelas terras da baixada fluminense. Em 1919, Neném Moirão, sentindo forte dor de dentes, foi ter à residência do médico Francisco Araripe, atrás do alívio que afinal não veio, razão pela qual entendeu o facínora de assassinar, a tiros de garrucha, o velho clínico e também a sua espôsa, d. Catarina Gouveia Araripe, que o surpreendeu no ato do crime. As façanhas de Neném Moirão e de outros criminosos que, como hoje, infestavam Caxias, são ainda contadas, pelos negros de carapinha branca, ao pé do fogo.

Depois veio Chico Perneta, o bandoleiro que assassinou a foiçadas tôda a família do Capitão da Guarda Nacional, Miguel de Lemos Nunes, através de uma emboscada armada contra o militar e os seus, por êle e mais Maneco Pereira, outro bandido que terminou seus dias varado pelas balas do cabo Severino, cuja bravura era juntada à selvageria com que castigava suas vítimas.

Em 1926, ou 27, apareceram em Caxias e Meriti, localidades pertencentes então ao município de Nova Iguaçu, os chamados «grupos do Viriato», formados por membros da família dos Viriato Cintra, que varreram a região. E foi para esta zona, considerada, então, terra de ninguém, que se dirigiu o alagoano Tenório Cavalcânti, de sangue quente, analfabeto, sedento de aventuras e cheio de vontade de vencer . . . custasse o que custasse.

★

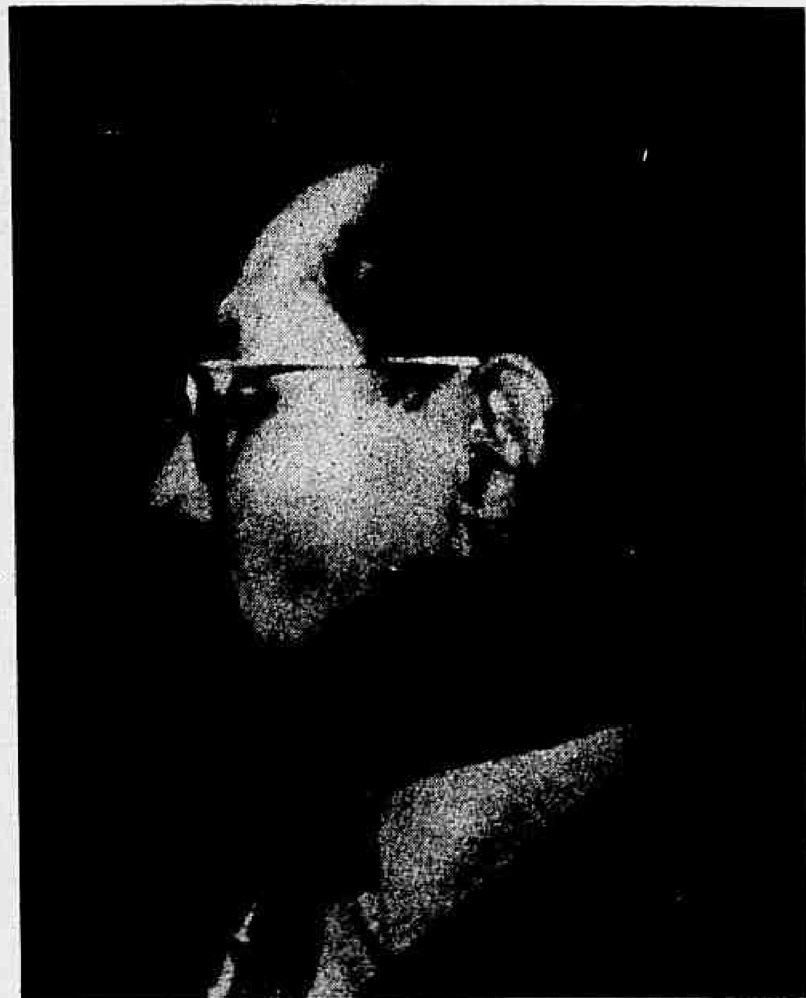
Natalício Tenório Cavalcânti de Albuquerque, brasileiro, casado, de 45 anos, natural de Quebrangulo, Estado de Alagoas, reservista do Exército, político, advogado, deputado Federal e, seg... seus inimigos, também «gangster», ... figura mais conhecida de Caxias, e ... das mais discutidas do país. Sua fa... varou fronteiras, e, nos campos do Par... por exemplo, fala-se dêle com a ... freqüência com que se discute o ... sidente Morínigo.

Com o propósito de esclarecer o que ... verdadeiro existe sôbre a turbulenta C... desde que lá chegou o «alagoano», ... ter à residência do parlamentar, antes ... mo que o sangue de Imparato e B... fôsse limpado da calçada do «Novo ...», local onde tombaram vitimados por ... lhadoras cujos gatilhos foram acionados ... mãos até agora desconhecidas.

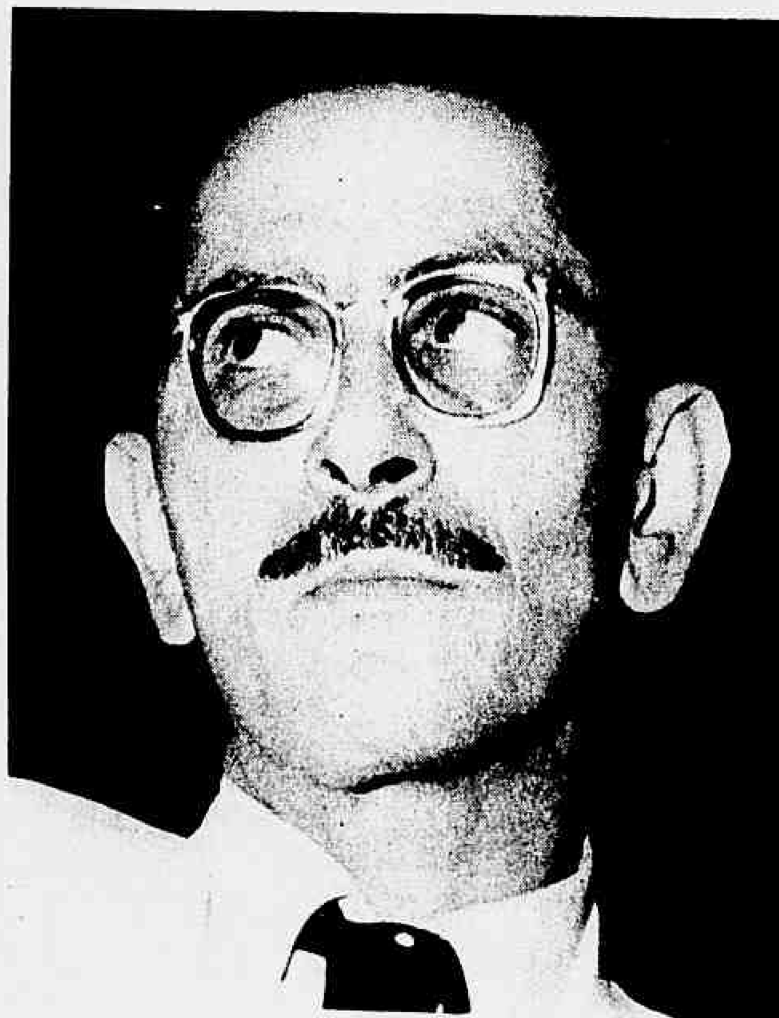
Na noite anterior à nossa ida à casa de Te... havíamos marcado entrevista para o dia seg... por intermédio de sua espôsa, com quem falamos ... ausência do prócer udenista, uma vez que êle ... não havia regressado do Distrito Federal, por oca... de sua primeira visita à Câmara, após os últ... acontecimentos de Caxias.

Postados defronte à residência de Tenório esta... dois homens. A tez morena e o sotaque ca... diziam tudo. Eram os «amigos» nordestinos, a q... por inúmeras vêzes, ficou Tenório devendo a ... Parado o carro que nos conduziu, solícito e ... rovólver à cinta — e que revólver. . . — surgiu um ... «amigos» do deputado indagando da nossa quali...

— Somos da REVISTA DA SEMANA — respond... Foi o bastante. Um «podem entrar» amistoso, ... mesmo de contentamento foi o «Abre-te Sésamo», ... cruzamos o portão blindado que serve de entrada ... jardim da residência-casamata.



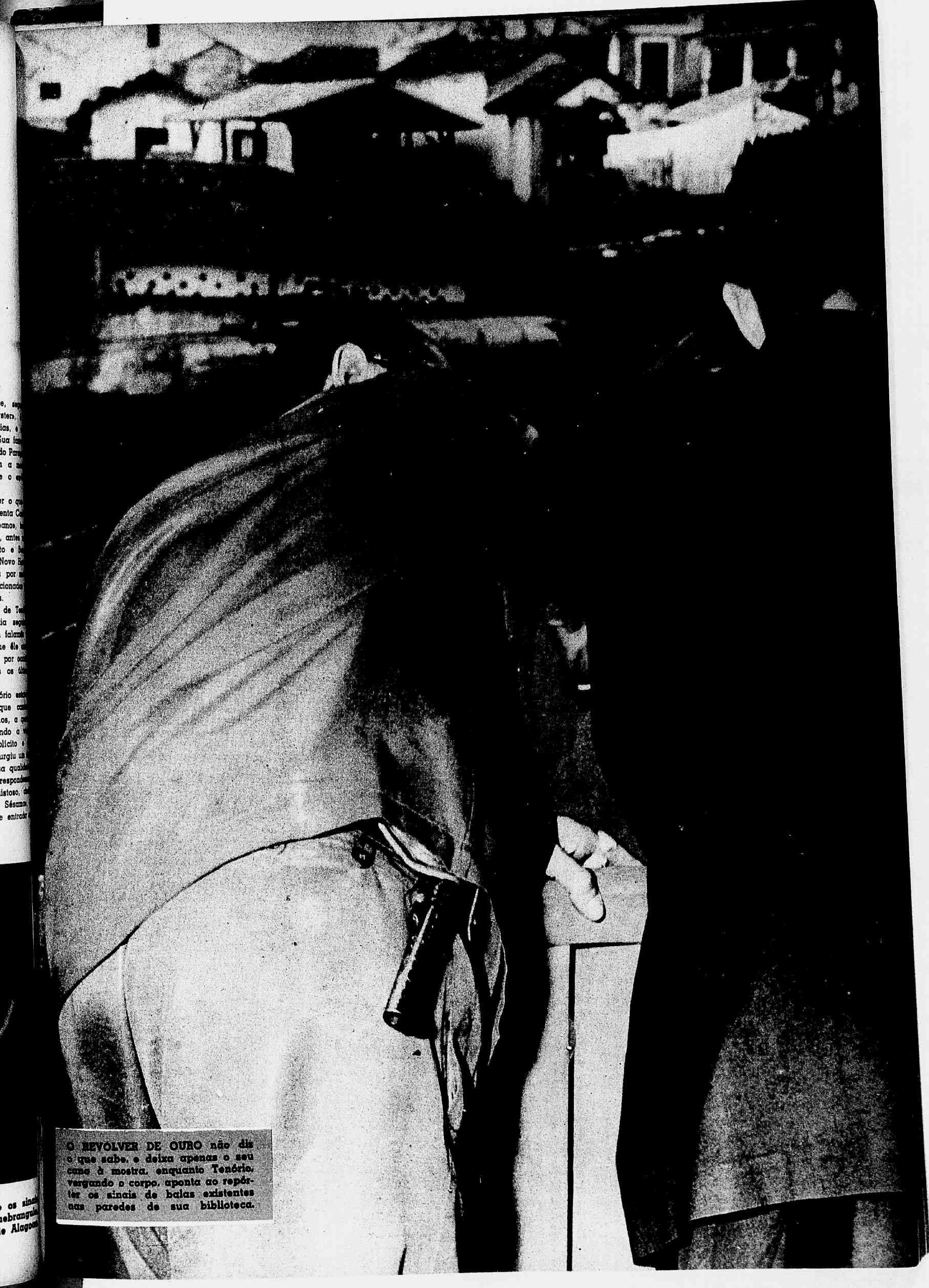
**TENÓRIO EM TRÊS ATOS — Nesta posição Tenório posa para a posteridade. O ângulo favorece o realce do bigodinho e do seu «ray-ban».**



**Olhar de esguelha, queixo duro, marca o término do rosto de um dos famosos homens do país: Natalício Tenório Cavalcânti de Albuquerque.**



**A nuca fina e a cabeça chata são os sina... característicos de quem nasce em Quebrangu... a terra de cangaceiros, no Estado de Alagoas.**



O REVÓLVER DE OURO não diz o que sabe, e deixa apenas o seu cano à mostra, enquanto Tenório, vergando o corpo, aponta ao repórter os sinais de balas existentes nas paredes de sua biblioteca.

Sentados numa cômoda varanda, encontramos mais dois «cabras» de fala mácia. Bem apessoados e mesmo simpáticos. Conversa vai, conversa vem, enquanto esperávamos Tenório, e eis que surge a filha do parlamentar com um excelente cafèzinho moído à moda do norte, ou melhor, socado em pilão. E Tenório apareceu à porta, com um sorriso entre os lábios e por sôbre os ombros esvoaçava a sua inseparável capa preta. Dizer o nosso objetivo e começar a entrevista foi coisa demorada, pois o homem não nos deixava falar. Admiramos a sua loquacidade, pois ao que sabíamos, não havia ainda dormido.

★

De repente Tenório parou de falar e o seu bigodinho, a «Adolphe Menjou» ficou quieto como sapo em mira de cobra. Disse-nos, então: «Bem, às ordens. Vamos ao que os trouxe aqui». Dissemos, por nossa vez, que já tínhamos um questionário pronto, no bôlso, à espera de suas respostas. Sabedor de que as perguntas eram em número de seis, acrescentou que, além das seis, responderia mais a uma, mesmo não formulada.

**— Quando chegou v. excia. a Caxias, de onde vinha e quais foram as suas primeiras atividades aqui?** — foi a pergunta com que iniciamos.

«Bem, a resposta é fácil porque a pergunta também o é. Receio que as outras possam ser uma armadilha, mas esta é facílima. Conheci Caxias pela primeira vez em 1927, então uma localidade integrante do município de Nova Iguaçu. Vinha eu do Distrito Federal, onde fui porteiro, por dois anos, do «Hotel dos Estados», situado na Lapa». — Aí o deputado suspira — e prossegue: «O meu primeiro emprêgo na localidade foi o de administrador de uma fazenda de propriedade do sr. Edgard Soares de Pinho, de quem fui posteriormente sócio. Com a revolução de 30, inspirado pelo coronel Djalma Ulrich e tendo como chefe o general Cristóvão Barcellos, conspirei na baixada fluminense, em favor, portanto, de Getúlio. Assim comecei. De 30 a 32 vivemos uma fase cruciante da vida dêste município, num período de transição e ilegalidade para um clima de exceção. Depois, o movimento armado de 32 — viva São Paulo! — foi iniciado o trabalho político para a reconstitucionalização do país, ocasião em que fui convocado pela União Progressista Fluminense, partido que tinha como chefe o general Cristóvão Barcellos, e ao lado do sr. Getúlio Moura, hoje líder do sr. Amaral Peixoto, que foi na oportunidade o nosso candidato a deputado. Reunida a constituinte e promulgada a constituição, em 1934, demos início ao movimento para a completa normalização da vida nacional, onde a eleição dos governadores seria pelo voto indireto.»

Neste o deputado coloca um cigarro na piteira e um fósforo surge, como por encanto, das mãos de um dos «amigos». Tira longa e meditativa baforada, prosseguindo:

«O nosso candidato ao govêrno do Estado foi Cristóvão Barcellos, em contraposição à candidatura do almirante Protógenes Guimarães, cujo nome foi lançado no último instante e que logrou vencer por apenas um voto» — lembra então Tenório que, sendo a eleição indireta, eram os deputados que elegiam o governador. «Foi aí que o sangue correu de verdade» — continuou — «pois o sr. Manuel Reis, nosso adversário de então, era fortemente protegido pelo sr. J. J. Seabra, e a luta tomou, assim, um caráter tipicamente regionalista. Getúlio Moura e os nossos eram os iguaçuanos; Manuel Reis e os seus, os baianos. Aliás, entendia Getúlio Moura que o prestígio de Manuel Reis, — via Seabra — era uma intervenção baiana no município.

Muito embora revolucionário de 30, Getúlio Moura não desfrutava das boas graças do [...] cujo interventor, almirante Ary Parr[...] entendia que, como todos eram [...] da mesma revolução, devia com[...] dida certa entregar o poder aos [...] blocos, sendo que a uns dava a [...] feitura e a outros . . . a polícia. [...] às vêzes a chefia de polícia estava [...] nossas mãos, perseguindo os que [...] nham a Prefeitura, e em outras [...] a Prefeitura é que era nossa, e a p[...] contra. O partido de Manuel Rei[...] Radical, e a nossa União Progre[...] passaram, ambos, maus momentos; [...] o agravante de ter aparecido, na é[...] os partidos integralista e comunis[...] último disfarçado em Aliança Naci[...] Libertadora.

A imprensa da época registra os in[...] mináveis e sangüinolentos conflitos [...] aqui ocorreram. As tocaias se suced[...] com incrível facilidade. Vivo hoje, m[...] amanhã. Era assim. E foi nesse [...] ríodo de terror que Getúlio Moura, [...] mim apoiado, conseguiu eleger o [...] Ricardo Xavier da Silveira, prefeito [...] Nova Iguaçu. Minha carreira pol[...] começou nesta ocasião. Fui o vere[...] mais votado, na eleição de 1934. [...] 34 a 37 legislei em prol do povo da jurisdição [...] todo o afinco, até que veio o célebre golpe. Per[...] o meu mandado, já na rua da amargura, fiz [...] um concurso para oficial administrativo da Prefei[...] de Nova Iguaçu, no qual passei raspando, uma [...] que estava concluindo o mesmo curso primário. L[...] após fui nomeado agente fiscal e, com a criação [...] município de Duque de Caxias, o sr. Heitor G[...] — cujo único defeito é ser primo do sr. Amaral Pei[...] — que fôra nomeado prefeito municipal, fêz de [...] o seu secretário da Fazenda. Antes, porém, de [...] auxiliar do sr. Heitor Gurgel, fui por diversas v[...] prêso pela polícia fluminense. Ora sob a acusação [...] aliás inverídica, de ter liquidado alguém, ora so[...] suspeição de estar conspirando contra o regime, [...] que era verdade. Até como agitador comunista [...] taram me fichar, o que entretanto não consegui[...] Numa dessas prisões, fiquei na «geladeira» p[...] espaço de 40 dias.»

Nova pausa e novo cigarro. Um breve pig[...] e Tenório adianta:

«Ainda em 37 ingressei na Faculdade de Dire[...] do Rio de Janeiro, após ter feito o exame vestibular [...] que ainda não possuía por não ter concluído o cur[...] secundário.

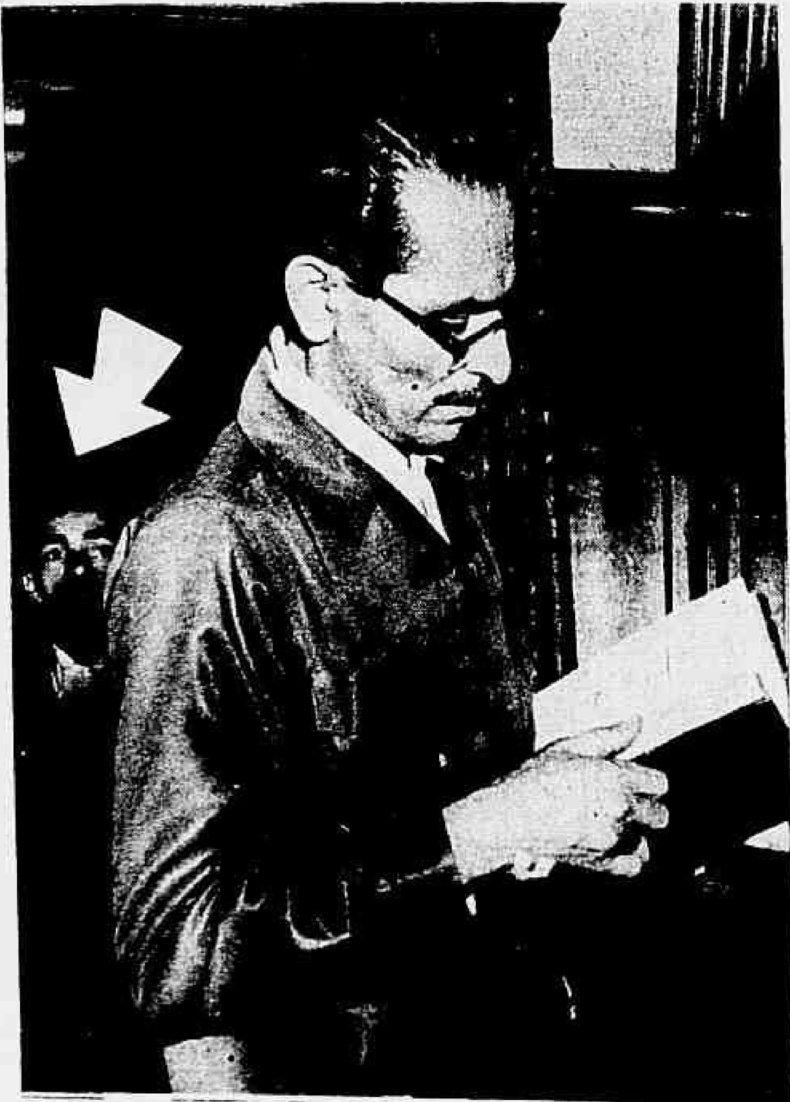
Aliás, todos os que tomaram parte da revolução d[...]



**O SOLAR DAS MURALHAS DE PEDRA permanece impassível diante dos acontecimentos. O portão blindado, com grades de aço que se elevam até o alto, e o muro de pedra, também gradeado, emprestam ao bangalô-fortaleza de Duque de Caxias, uma previlegiada posição estratégica.**



**«ALISAR A BARRIGA DE BUDA DÁ SORTE», diz Tenório. «O bichinho aqui está comigo há mais de dez anos. Mas é preciso que se tome nota de que eu não sou supersticioso».**



**ONDE A VIGILÂNCIA É ETERNA. Tenório Cavalcânti consulta Júlio César, seu grande ídolo. Ao fundo um dos «amigos» segue seu chefe com o olhar de lince. Quem não deve...**



**O HOMEM DA CAPA NEGRA MEDITA, vol[...] vendo um carinhoso olhar para «Wilminha» a sua metralhadora predileta, que repousa cuidadosamente sôbre o aparelho de televisão.**



**NÃO SÃO AS MÃOS DE EURÍDICE, mas sim as de Natalício Tenório Cavalcânti de Albuquerque, que ao piano, demonstra que suas mãos não servem apenas para acionar gatilhos de armas mortíferas. Na foto, Tenório executa com maestria a «Marcha Fúnebre», de Chopin. Pode-se, sem custo, ver os esparadrapos que atestam o rigor da luta em que o parlamentar viu-se empenhado, por ocasião do assalto à Associação Comercial de Caxias. Tenório foi ferido quando tentava desarmar Bereco, o mesmo que, dias depois, seria chacinado junto com o delegado Imparato.**

30 gozaram do mesmo direito. A maior exigência do Ministério da Educação consistia na apresentação de uma declaração do Ministro da Guerra. Completei o curso de humanidades no Pedro II e, posteriormente, entrei para a Escola Nacional de Direito.»

E com estas palavras, declarou Tenório pensar ter respondido à nossa primeira pergunta.



Haviam chamado o parlamentar ao telefone, e logo após ao chamado, que foi breve, reiniciamos, engatilhando a nossa pergunta seguinte, que estava assim redigida:

**O que de verdadeiro existe em tôrno de um acôrdo, entre o senhor e o falecido delegado Imparato, visando permitir em Caxias a exploração de jogos de azar?**

Tenório não pestanejou uma vez. Pestanejou duas. Sua resposta, se bem que cercada de profunda meditação, veio com aquela naturalidade que caracteriza os homens que exercem absoluto contrôle sôbre os nervos.

«Realmente, antes mesmo de Imparato ser nomeado, êle me procurou para dizer que, caso a escolha recaísse no seu nome, eu não me precipitasse, pois êle, Imparato, era um antigo amigo do ex-governador Macedo Soares, de cuja administração fôra diretor da Penitenciária de Niterói. Nossas relações — tôdas elas de caráter secreto, — eram relativamente boas, até então. Muitas e muitas vêzes, após sua nomeação, Imparato me dizia de suas dificuldades em manter-se em Caxias, pois o coronel Feio exigia dêle ação, muita ação, e tôda ela contra mim. Fizemos, nesta ocasião, um acôrdo, aliás, por êle proposto. Nêle ficava combinado o seguinte: Imparato, para inglês ver, simularia contra mim e meus amigos, o diabo. E eu, por minha vez, não o procuraria demonstrando amizade. Desta forma, disse-me êle, estariam garantidos os meus amigos e eleitores.»




**AQUI DORME O ETERNO SONO um inimigo de Tenório. José Dantas, o irmão de Olga Suely, descansa no único recanto de Duque de Caxias onde existe paz: o cemitério da cidade.**

— O deputado fuma, coça a orelha esquerda, e diz: «Com relação ao jôgo, por que negá-lo, houve mesmo um acôrdo entre nós, mas muito secreto. É que Imparato um dia me procurou para declarar ter recebido ordens do coronel Feio para reabrir o jôgo em Caxias, mas que êle, Imparato, estava receoso de que eu fôsse denunciá-lo da tribuna da Câmara. Fêz-me então a seguinte proposta: Você não denuncia o fato, que eu, em troca, não cumprirei as determinações do Feio no sentido de perseguir os seus amigos. Contou-me então — prossegue o parlamentar — que o cel. Agenor Feio estava atolado com as dívidas contraídas por ocasião da campanha eleitoral que levou o sr. Amaral Peixoto ao Ingá, e que, além disso necessitava, com urgência, de dinheiro para atender a um pagamento devido à Sul América, com referência a um prédio ocupado pelo PSD, ou por êle adquirido. Disse-me mais. Imparato falou que precisava jogar as coisas de modo a enganar, de maneira convincente, o sr. Barcellos Feio. E eu concordei com Imparato. Porém, juro por minha honra e pelo mandado que tanto me distingue, nunca haver recebido de Imparato ou de quem quer que seja um só tostão, em matéria de jôgo. Depois, tempos depois, o delegado pareceu ter esquecido o nosso trato. É que êle viu dinheiro de mais. Estava ficando rico e resolveu jogar certo com relação a Feio.

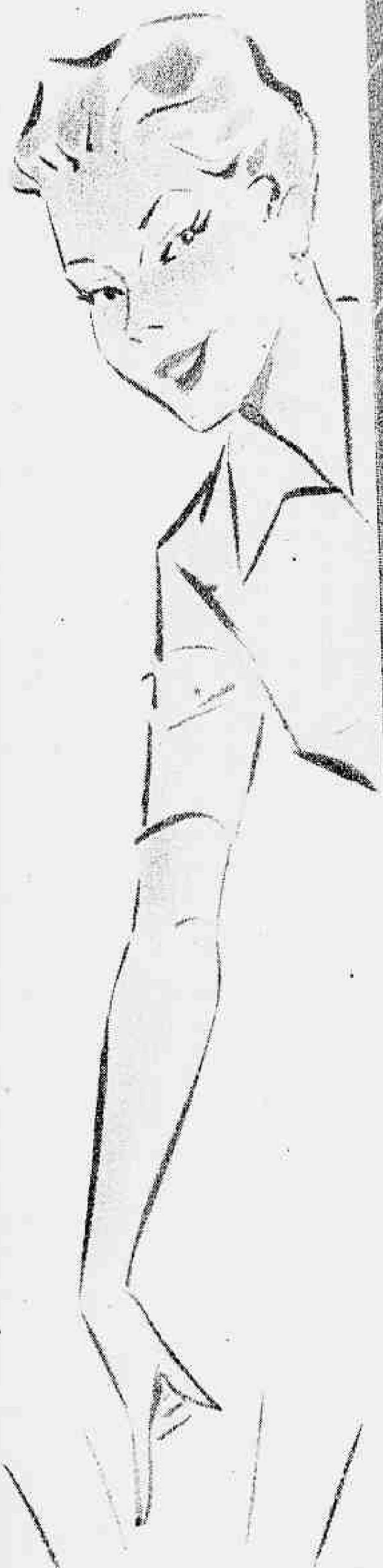
Os meus parentes e amigos, dia a dia, apareciam com os dentes partidos, rostos cobertos de esparadrapo, etc. Também a exploração de escravas brancas tinha o seu maior balcão na própria delegacia de Duque de Caxias.

Estendido o pano verde, concedidas liberalidades a alguns hotéis, a cidade transformada num verdadeiro pântano, fui à tribuna da Câmara e não tive dúvidas em denunciar o escândalo. Se Imparato não havia respeitado o pacto, por que, então, o respeitaria eu? Fui à imprensa e contei a verdade. **(Cont. na pág. 48)**



# ÚLTIMO FLASH

Às 10,45 da manhã de seis de setembro, foram recebidos como irmãos remidos da Irmandade de S. Benedito, altas patentes militares de nossas fôrças armadas. E' dêsse ato religioso e associativo, a foto aqui estampada, vendo-se da esquerda para a direita: o general Canrobert Pereira da Costa, o almirante Sylvio Camargo, o general Aguinaldo Caiado de Castro, chefe da Casa Militar da Presidência da República, e o coronel Ururahy Magalhães, comandante da Polícia Militar. Ajoelhados diante do altar-mor da Irmandade de N. S. do Rosário e S. Benedito, assistem à missa, após receber as comendas.

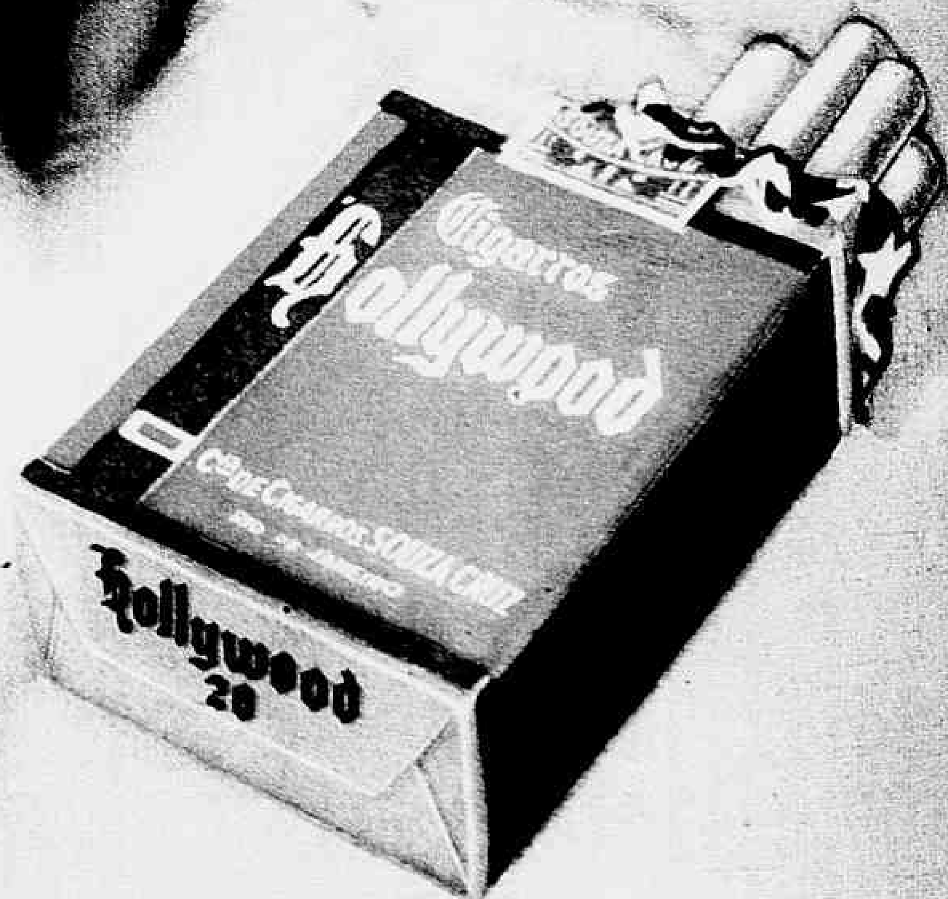







Óleo de peroba, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos móveis velhos

Uma tradição de bom gôsto




CIGARROS
hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ